



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LOURDES RAFAELLA SANTOS FLORENCIO

**O “REINO DA GLÓRIA” E A MORAL CATÓLICA: MEMÓRIAS SOBRE A
EDUCAÇÃO FEMININA E A PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CRATO – CE.**

FORTALEZA
2016

LOURDES RAFAELLA SANTOS FLORENCIO

**O “REINO DA GLÓRIA” E A MORAL CATÓLICA: MEMÓRIAS SOBRE
A EDUCAÇÃO FEMININA E A PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CRATO – CE.**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, na linha de pesquisa História e Memória da Educação, do eixo História, Memória e Práticas Culturais de Digitais, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação. Área de Concentração: História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

FORTALEZA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F654⁴ Florencio, Lourdes Rafaella Santos FLorencio.
O "REINO DA GLÓRIA" E A MORAL CATÓLICA: : MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO
FEMININA E A PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CRATO – CE. / Lourdes Rafaella Santos
FLorencio Florencio. – 2016.
160 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Educação . 2. Memória. 3. Prostituição. I. Título.

CDD 370

LOURDES RAFAELLA SANTOS FLORENCIO

O “REINO DA GLÓRIA” E A MORAL CATÓLICA: MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO FEMININA E A PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CRATO – CE.

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, na linha de pesquisa História e Memória da Educação, do eixo História, Memória e Práticas Culturais de Digitais, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação. Área de Concentração: História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

Aprovada em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr. Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. José Álbio Moreira de Sales
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minhas filhas Júlia e Marina.

AGRADECIMENTOS

A minha família, por ter embarcado nos meus sonhos. Obrigada pelo eterno apoio e incentivo.

Ao meu orientador, professor Dr. José Gerardo Vasconcelos por compartilhar uma pouca de sua sapiência e, principalmente, pela sua complacência, meu muito obrigado.

A Luciana Kellen e Lia Machado, amigas de todas as horas.

A Karla Pires, Inambê Sales e Adriana Aguiar, colegas de trabalho que se tornaram amigas. A vocês minha eterna gratidão pela compreensão e incentivo.

A Karla Colares, a qual seus conhecimentos foram imprescindíveis na fase final.

Aos professores Dr. Rui Martinho Rodrigues, Dr.^a Lia Machado Fialho Fiuza, Prof. Dr. José Álbio Moreira de Sales, e Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior. Agradeço pela generosidade e presteza com que acompanham o meu processo de criação e maturação das ideias.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME.

Ao CNPQ pelo financiamento.

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos. De todos os povos.

De todas as latitudes [...] Na fragilidade de sua
carne maculada esbarra a exigência impiedosa

do macho.

(Cora Coralina)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo analisar a relação da educação não formal feminina e a prostituição na cidade de Crato entre as décadas de 1950 a 1970. A cidade, localizada no interior cearense, carrega consigo vários adjetivos, entre eles o de Princesa do Cariri, remetendo-se aos seus tempos “áureos”. Trata-se de um estudo de gênero que busca ponderar sobre o lugar social ocupado por mulheres e homem nas práticas de socialização, em especial as de prostituição, estabelecidas em uma cidade marcada pela moral cristã. O codinome “Rua da Saudade”, refere-se a um trecho da Rua Nelson Alencar, Esse adjetivo deu-se em consequência da chegada de uma juíza a cidade, a senhora Auri Moura Costa, que determinou a retirada das casas de tolerância do centro da cidade, ficando em seu lugar apenas a saudade para seus assíduos frequentadores. Pondo fim a corriola de prazeres e pecados bem no coração da cidade, como denunciava desde os anos de 1950 o Jornal pertencente à Diocese do Crato, A Ação. Apresenta-se como conexão a influência da Igreja Católica sobre a cidade, a localização das casas de prostituição e a postura masculina que ocasionalmente apresentavam-se nos espaços socialmente aceito assim como nos espaços profanos. Adota-se como suporte teórico as contribuições Michael Foucault (2010) sobre os conceitos de Poder, Disciplina e Coerção, além do conceito de memória em Le Goff (2003), Pierre Nora (2003), Paul Ricoeur (2007). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho histórica que utiliza como fontes de pesquisa jornais locais e entrevista a partir da utilização da História Oral. Se pode apontar a nostalgia identificada na fala dos sujeitos entrevistados, mulheres casadas ou não, assim como os jovens senhores boêmios, que parecem não cansar-se de rememorar os tempos áureos da mocidade, sem com isso deixar de demonstrar um disciplinamento moral. Em outras palavras, se percebe nas falas desses sujeitos uma nítida separação entre a vida “social” e suas práticas noturnas experienciadas nos cabarés.

Palavras Chave: Educação. Memória. Prostituição.

ABSTRACT

This thesis aims to examine the relationship of non-formal education and female prostitution in the city of Crato from the 1950 to 1970. The city, located in the interior of Ceará, carries several adjectives, including Princess Cariri, referring to its time "golden age." This is a gender study that seeks to reflect on the social position occupied by women and men in socialization practices, especially prostitution, established in a city marked by Christian morality. The code-named "Rua da Saudade", refers to a street section Rua Nelson Alencar. This adjective was given as a result of the arrival of a judge in the city, Mrs. AuriMoura Costa, who ordered the withdrawal of tolerance houses in the city center, leaving in place only the longing for their regulars. Ending Morning Glory pleasures and sins in the heart of the city, as denounced since the 1950s the newspaper belonging to the Roman Catholic Diocese of Crato, *The Action*. It presents as connection the influence of the Catholic Church on the city, the location of the houses of prostitution and male posturing that occasionally showed up in spaces socially accepted as in profane spaces. It is adopted as theoretical support the contributions Michael Foucault (2010) on the power of concepts, Discipline and Enforcement, beyond the concept of memory in Le Goff (2003), Pierre Nora (2003), Paul Ricoeur (2007). This is a historical nature of qualitative research that uses as research sources local newspapers and interviews from the use of oral history. If you can point the nostalgia identified in the speech of interviewees, married or not, as well as young bohemians gentlemen, that do not seem to get tired of remembering the golden days of youth, without thereby fail to demonstrate a moral discipline. In other words, it is clear in the speeches of these subjects a clear separation of life "social" and its experienced nocturnal practices in cabarets.

Keywords: Education. Memory. Prostitution.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à analyser la relation de l'éducation non formelle et de la prostitution des femmes dans la ville de Crato des années 1950 à 1970. La ville, située à l'intérieur du Ceará, porte plusieurs adjectifs, y compris la princesse Cariri, se référant à son temps de « l'âge d'or. » Ceci est une étude de genre qui cherche à réfléchir sur la position sociale occupée par les femmes et les hommes dans les pratiques de socialisation, en particulier la prostitution, établie dans une ville marquée par la morale chrétienne. Le nom de code "Rua da Saudade", se réfère à un tronçon de Rua Nelson Alencar que l'adjectif a été donné à la suite de l'arrivée d'un juge de la ville, Mme Auri Moura Costa, qui a ordonné le retrait du centre des maisons de tolérance de la ville, en laissant en place que le désir de leurs spectateurs assis. Fin plaisir et péchés Morning Glory dans le cœur de la ville, comme l'a dénoncé depuis les années 1950 le journal appartenant au diocèse catholique romain de Crato, l'action. Elle se présente comme connexion l'influence de l'Église catholique sur la ville, l'emplacement des maisons de la prostitution et de gesticulations mâle qui parfois montrés dans des espaces socialement acceptés que dans les espaces profanes. Il est adopté comme support théorique la contribution Michael Foucault (2010) sur la puissance de concepts, de discipline et d'application, au-delà du concept de mémoire dans Le Goff (2003), Pierre Nora (2003), Paul Ricoeur (2007). Ceci est un caractère historique de la recherche qualitative qui utilise la recherche comme sources des journaux et des interviews locales de l'utilisation de l'histoire orale. Si vous pouvez pointer la nostalgie identifiée dans le discours des personnes interrogées, mariés ou non, ainsi que les jeunes bohèmes messieurs, qui ne semblent pas se lasser de se rappeler les beaux jours de la jeunesse, sans pour autant ne pas faire preuve d'une discipline morale. En d'autres termes, il est clair dans les discours de ces sujets une séparation claire de la vie sociale et ses pratiques nocturnes expérimentées dans les cabarets.

Mots-clés: l'éducation. Mémoire. Prostitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Praça Siqueira Campos, década de 1950	39
Figura 2 - Passeio na Praça Siqueira Campos	42
Figura 3 - Propaganda no Jornal das Moças	52
Figura 4 - Jornal A Ação de 23 de dezembro de 1967	64
Figura 5 - Jornal A Ação de 29 de maio de 1976	65
Figura 6 - A feira do Crato	73
Figura 7 -Jornal Ação 1966	76
Figura 8 -Estação Ferroviária do Crato	83
Figura 9 -Foto da Praça Francisco Campos, popularmente conhecida como Praça Cristo Reis - visão da Estação Ferroviária do Crato	85
Figura 10 - Jornal A Ação 07 de março de 1970	94
Figura 11 -Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina – PI	115
Figura 12 -Rua Tristão Gonçalves – conhecida com Rua da Vala na década de 1960	120

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -Mapa da Linha do Trem na cidade do Crato na década de 1920 ...	99
Mapa 2 - Centro da cidade do Crato, em destaque a Rua Nelson Alencar, conhecida como a “Rua da Saudade”	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Descrição dos sujeitos entrevistados	29
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AABB	Associação Atlética do Banco do Brasil
BA	Bahia
BB	Banco do Brasil
CE	Ceará
CRAJUBAR	Micro região compostas pelo triângulo Crato, Juazeiro e Barbalha
EUA	Estados Unidos da América
JA	Jornal Ação
JM	Jornal das Moças
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PI	Piauí
URCA	Universidade Regional do Cariri

LISTA DE SÍMBOLOS

Cr\$ Cruzeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
2. CRATO, PRINCESINHA DO CARIRI: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE PELOS OLHOS DA MORAL E DA CIVILIDADE.....	31
2.1 A Igreja Católica e seus dispositivos de poder na cidade de Crato.....	34
2.2 Praça Siqueira Campos: Símbolo do progresso e dos bons costumes	36
3. MORAL E EDUCAÇÃO FEMININA	45
3.1. Moda Feminina Representada pela Moral	47
3.2 A Moda Feminina Cratense e a Diocese do Crato	54
4. CARTOGRAFIA DO PECADO	61
4.1A Vigília da Moral e dos Bons Costumes Através do Jornal “A Ação”	62
4.2.Jornal “A Ação”: Um Dispositivo de Sexualidade	68
4.3. As Reproduções Sobre a Moral Católica na Visão Feminina: Percepção Sobre Si e Sobre a Prostituição	86
5. RUA DA SAUDADE E A ALEGORIA DO PRAZER: A ALTERIDADE DA MORAL	101
5.1 O Glorinha: O cabaré que ficou na história	104
5.2 Cida: A Forasteira Desquitada	110
5.3. Vanice: As Duas Faces De Eva	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
FONTE	146
DISCOGRAFIA	147
ANEXOS	149

INTRODUÇÃO

Sonhos da Menina
A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?
Sonho risonho:
O vento sozinho
no seu carrinho.
De que tamanho
seria o rebanho?
A vizinha apanha
a sombrinha
de teia de aranha...
Na lua há um ninho
de passarinho.
A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?
(Cecília Meireles)¹

Um demorado questionamento sobre o que seria realidade e o que seriam fantasias reminiscentes da infância: eis o que caracteriza a constituição deste estudo que tem por objetivo analisar a relação entre a moral católica de educação feminina e a prostituição na cidade de Crato-CE, entre as décadas de 1940 e 1970.

Falar sobre Educação Feminina e os entremeios que envolvem a esfera da prostituição na cidade do Crato, remete-me a um agradável passeio pelas teias de um passado que não vivi, mas que absorvi e por que não dizer idealizei, a partir da comunhão de memórias que de tão vivas quase materializam o que é imaterializável.

¹MEIRELES, Cecília. Sonho de Menina. In: MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles**. 3. ed. São Paulo: Global, 1988. 196 p. (Os melhores poemas, 9).

Esta comunhão de memórias foi delineada e adquiriu um maior significado por eu ter tido a felicidade de ser “criada” pelos meus avôs maternos. Essa relação possibilitou-me absorver muitas histórias e sentimentos que apenas na graduação em história ganharam sentidos mais críticos.

Dito isso, peço licença para abrir o meu baú de memórias sobre a cidade do Crato, construídas e constantemente lapidada não apenas por processos cognitivos mais também, e talvez principalmente, por processos e relações sociais galgadas na memória.

Lembro-me que ainda criança, na década de 1990, costumava acompanhar a minha mãe-avó ao centro da cidade, especialmente a “beira do canal” onde se concentra a afamada feira do Crato². Lugar que guardava suas magias e despertava a imaginação de uma menina curiosa. Um elemento deveras marcante era o cheiro característico da feira. Aromas e odores misturavam-se ao sol, ao suor, a efervescência econômica e cultural ali presentes.

Na feira era possível e acredito que em proporções menores ainda seja, comprar, por exemplo, a pomada Padre Cícero que servia para quase todas as mazelas, fabricada no Juazeiro do Norte. Todos os tipos de raízes, farinhas, farelos e peças artesanais como utensílios de palha ou de barro. Enfim, uma infinidade de perecíveis ou não estavam ali, na cara do freguês o qual tinha a liberdade de tocar o que desejava comprar, aliás, enfiar a mão na saca de farinha, cheirá-la e lançá-la a boca, ainda hoje uma prática comum no interior do Estado.

Corriqueiro era sempre procurar os mesmos fornecedores, a Maria da verdura, a farinha de Agostinho e o queijo do Parambú. Talvez seja a memória dessa caminhada do núcleo da Feira até o “Mercado Antigo”³, onde vendia o tal queijo, que me fez despertar e fazer indagações muitas vezes inocentes, sobre a proposta de pesquisa colocada em evidência e os interesses que se entrelaçam nela.

Acontece que a Feira se localiza as margens do rio que corta a cidade, o rio Granjeiro. Ao atravessar a ponte em direção à Rua Tristão Gonçalves, conhecida

²A Feira do Crato acontecia, e ainda acontece, semanalmente nos dias de segunda-feira. Bastante movimentada, reconhecida pela sua aglomeração de comerciantes e consumidores de várias partes do Nordeste, em especial Pernambuco, Paraíba e Piauí, Estados que fazem divisa territorial com a região do Cariri.

³Atualmente a Feira do Crato concentra-se ao lado do Mercado Municipal inaugurado nos anos 1980. Anterior a ele o Crato já possuía outro mercado, que passou a ser chamado de “Mercado Antigo”, situado na Rua Nelson Alencar.

como Rua da Vala, sempre me deparava com várias casas simples que na época associava a bares, onde estavam sempre cheias de homens e mulheres, mulheres estas que prendiam a minha atenção, sempre com cigarro no dedo, copo de bebida na outra mão, algumas quase desnudas, muitas vezes sentadas no colo daqueles homens que não pareciam se incomodar com o grande fluxo de pessoas ou com a clareza do dia. A rua da vala, paralela à Feira, ainda hoje é um espaço genuinamente masculino onde se concentra boa parte das oficinas de carro da cidade. Até chegar ao Mercado Antigo seguindo esse percurso, passa-se por mais duas ou três ruas impregnadas por essa mesma atmosfera.

Tenho lembranças de minha mãe segurando-me pela mão e acelerando o passo ao percorrermos por estas ruas. Sempre fazíamos esse percurso e quando chegávamos ao começo da Rua Nelson Alencar, trecho também conhecido como a Rua da Saudade, a atmosfera não diferia muito do citado anteriormente. Uma concentração de pessoas que pareciam não ter pressa para que aquele dia de Feira acabasse. Embriaguez, casas de carteados, homens e mulheres, compunha aquele cenário que para mim, apresentava-se distante e ao mesmo tempo harmônico com a cidade.

Rua da Saudade, esse nome sempre despertou minha imaginação. Saudade do que? Saudade de quem? Por que aqueles homens e mulheres se apresentavam tão distintos dos padrões comportamentais que eu aprendia? Por que minha mãe, assim como dezenas de pessoas que por ali passavam, mostrava-se indiferente a tudo aquilo? As respostas, mesmo que vista a partir do senso-comum, só fui tê-las anos depois.

Ao mesmo tempo em que começara a chegar às constatações como a que relatei, presenciei por incontáveis vezes conversas dos meus pais-avós, tios-avós e amigos sobre o Tempo deles. Para eles, esse Tempo remete ao período em que eram jovens, por volta da década de 50, 60 e 70 do século vinte. Seus testemunhos e saudosismos me faziam também embarcar naquelas viagens pelo tempo, mesmo que de forma fragmentada. Faziam-me sentir falta do que não vivi, assim como a Rua da Saudade, que mesmo sem saber ao certo o porquê daquele nome, me levaram a olhar para aquele trecho como um lugar que já tiveras seus dias de glória, glória esta que apresentarei no decorrer deste texto.

É pertinente retomar o poema de Cecília Meireles acima citado: “na lua há um ninho de passarinho. A lua com que a menina sonha é o linho do sonho ou a lua

da fronha?” Uma mistura de imaginação, senso-comum e memória herdada, compuseram a leitura inicial sobre a cidade. A lua, o sonho e a fronha de Cecília Meireles representam, para mim, o meu grau de envolvimento onde a pesquisadora não se distancia da sua pesquisa, se confunde como o linho e o ninho, tal como o poema.

A junção de elementos, afetivo e acadêmico, ganha relevante destaque quando busco criar um equilíbrio entre a execução de uma pesquisa acadêmica que não se exime em demonstrar também o envolvimento pessoal.

Georges Duby (1986, p.9), em entrevista, fez a seguinte afirmação: “[...] a objetividade do conhecimento histórico é um mito” onde a História se apresenta como uma área do conhecimento munida por particularidades, construída por narrativas alicerçadas pela subjetividade de quem a constrói. Diferente da ideia de ciência baseada em fatos comprovados, em Duby (1986) se percebe o conhecimento histórico como um conhecimento volúvel, uma sucessão de análises infundáveis, sempre em contestação pelos historiadores.

Essa infundável interpretação histórica mostrou-se perceptível quando busquei referencias acerca da relação entre educação feminina em espaços não formal e prostituição.

Entender a constituição histórica e espacial de uma cidade não é tarefa fácil, ainda mais quando se busca fazê-lo atrelado a discussão de educação, prostituição e memória a partir da construção de um estudo de gênero. Na busca de edificar uma proposta de estudo que objetiva desvendar aspectos sociais e sexuais, se faz necessário uma problematização sobre o campo intelectual, na busca de jogar luz sobre algumas produções e estudos.

No que concerne a trajetória das discussões de gênero, ao fazer leituras sobre produções recentes, percebi que elas partem de um lugar comum: o entrelaçamento do movimento feminista e sua influência nas produções acadêmicas. A partir deste olhar, optei por me deslocar deste lugar comum e iniciar a discussão de gênero a partir da delimitação da pesquisa. Posteriormente trarei para a arquitetura desta pesquisa, elementos fundamentais: conduta feminina e prostituição.

Para iniciar a discussão de gênero, trago a definição antropológica inserida no dicionário⁴ que define gênero como: “A forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e *status* atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual”.

Em especial, na cultura Ocidental, o conceito de gênero está diretamente ligado ao sexo dos sujeitos, homem ou mulher, a partir dos seus órgãos genitais. Esse entendimento corriqueiro contribui para que haja uma confusão entre gênero e suas variáveis. Neste estudo, para além do aspecto biológico, interessa analisar os lugares socialmente ocupados por mulheres e homens a partir das relações sociais.

A historiadora Joan W. Scott, em seu trabalho “Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica” apresenta o conceito a partir de relações de poder, onde o gênero é entendido como fenômeno inerente das relações sociais. “[...] baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos e o gênero como forma básica de representar relações de poder em que as relações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis” (1987, p. 106).

A partir da visão proposta por Scott, elaborar um ensaio a partir de discussões de gênero é pensar como as relações sociais não são homogêneas, estáticas e presas no tempo e espaço. Ao contrário, é analisar as relações sociais através da identificação de ações e reações geradas mediante as relações de gênero e tentando distinguir o que é social e historicamente atribuído aos sujeitos a partir do lugar que ocupam.

Advogo que esse entendimento de gênero é vital. Muito mais que uma categoria de sustentação dos argumentos, este compartilhamento da ideia que gênero, diferente de sexo, auxilia a identificar os sinais culturais e sociais pelos quais homens e mulheres são submetidos desde o momento em que nascem. Na contramão da ideologia dos sexos que ainda hoje imprimem supostas determinações sociais alicerçadas na diferenciação sexual, na naturalização das relações sociais.

Apreender movimentos, muitas vezes engenhosos, do comportamento humano na segunda metade do século XX, pode vir a ser um trabalho bastante desafiador em especial por tratar de conduta e educação feminina. Análises desse cunho são relativamente recentes no campo historiográfico, ainda mais quando se tem a pretensão de invadir a casa, a intimidade dessas mulheres.

⁴Dicionário Aurélio Eletrônico 7, 2012 – consulta eletrônica.

Na obra: História Social da Criança e da Família, Philippe Ariès(1981), demonstra a perspicácia do trabalho historiográfico ao abordar as lacunas da educação feminina⁵, abaliza que a educação feminina por muito tempo deu-se no espaço privado, no espaço doméstico. Sendo este um trabalho de grande importância, pois dele posso extrair reflexões teóricas e também entender, dentro de uma herança histórica, elementos de distinção entre a educação masculina e feminina.

“Além da aprendizagem doméstica as meninas não recebiam, por assim dizer, nenhuma educação. Nas famílias em que os meninos iam ao colégio, elas não aprendiam nada” (ÀRIES, 1981, p. 190). Recebiam uma educação instrucional conduzida especialmente por suas mães e outras mulheres próximas, recebendo uma espécie de polidez social voltada para o cotidiano doméstico, para o espaço privado. Ainda segundo Àries (1981, p. 190), “a ausência da educação feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher do processo educativo pelo menos até o final do século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens”.

No Brasil, seguramente no início do século XX, inaugurou-se também mudanças sociais, em destaque a inserção das mulheres nos espaços sociais a partir das reestruturações movidas pela urbanização e industrialização. Essas alterações sociais são visíveis aos olhos de hoje quando se debruça, por exemplo, aos jornais e revistas da época em questão e os embates sobre a ocupação das mulheres nos espaços públicos. Uma visível demonstração de que o modelo patriarcal e de educação, tal qual o aventado por Àries (1981) começava a sofrer alterações.

Inevitavelmente recorro às contribuições de Norbert Elias (1994) sobre os processos passados pelas mudanças sociais. Em “O Processo Civilizador”, é abordada a construção e naturalização das regras de comportamento social. Aspectos que passam pelas questões mais subjetivas do sujeito. Aspectos como a moral, a ética e o comportamento diferenciado dos sexos. Para ele todas as sociedades são geridas por normas que são comungadas por todos e os que fogem são penalizados. Emblemático é o exemplo sobre as mudanças nas relações entre os sexos ao abordar os costumes e educação:

O sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização. Isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos, nos

⁵Àries constrói sua pesquisa correspondente aos séculos XII ao XVII.

estágios mais recentes de civilização, em falar com crianças sobre essas relações. Hoje, porém, esta dificuldade parece quase natural. Afigura-se que, por razões quase biológicas, a criança nada sabe sobre as relações entre os sexos e que é tarefa extremamente delicada e difícil esclarecer a meninas e meninos em crescimento o que está acontecendo com eles e o que acontece em volta. A extensão em que esta situação, muito longe de ser evidente por si mesma, constitui mais um resultado do processo civilizatório, só é entendida se observarmos o comportamento das pessoas em um estágio diferente de desenvolvimento (ELIAS, 1994, p. 169-170).

Em Elias, sentimentos como vergonha, longe de serem sentimentos naturais, são construídos e ensinados a partir das relações sociais. Ainda nesse entendimento de transformações sociais o autor demonstra que tais mudanças não se dão de forma ocasional, estão sempre em consonância com as noções de civilização, de refinamento social.

No alcance em que a educação e refinamento social dos sujeitos são lapidados, estes condenam e excluem hábitos considerados indesejados. Na continuação o autor diz que:

Na sociedade aristocrática de corte, a vida sexual era por certo muito mais escondida do que na sociedade medieval. O que o observador de uma sociedade industrializada-burguesa amiúde interpreta como “frivolidade” da sociedade de corte nada mais é do que essa orientação rumo à privacidade. Não obstante, medidos pelo padrão de controle dos impulsos na própria sociedade burguesa, o ocultamento e a segregação da sexualidade na vida social, tanto quanto na consciência, foram relativamente sem importância nessa fase. Aqui, também, o julgamento de fases posteriores é com frequência induzido em erro porque os padrões, da pessoa que julga e da aristocracia de corte, são considerados como absolutos e não como opostos inseparáveis, e também porque o padrão próprio é utilizado como medida de todos os demais (ELIAS, 1994, p. 178).

As contribuições do sociólogo Norbert Elias ganham sentido neste estudo quando me conduz a pensar como a análise de processo histórico não contemporâneo do pesquisador exige uma maturidade capaz de observar os costumes como desacordo ou com repulsa, pois se deve ponderar que as diferenças culturais são características daquela sociedade, naquele tempo histórico. Aponta ainda que as mudanças culturais em geral se iniciem nas classes sociais mais altas dando direção e transformando os modelos de conduta.

A partir do conceito de civilização de Norbert Elias é possível pensar também a educação em sentido amplo, já que este pode ser visto como elemento integrador dos desenhos de civilização em todas as sociedades. Nessa congruência se faz ainda uma ligação com a prostituição, o corpo e as relações sexuais onde estes também passam por mudanças. Dentro do processo civilizador analisado por

Elias, a sexualidade “é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em um enclave particular, a família nuclear” (ELIAS, 1994, p. 180).

Assim observa-se como, para além das simples regras de etiquetas, normas de convivência ou naturalização de regras, o processo civilizatório opera também nas pulsões sexuais da humanidade que, ainda segundo Elias (1994, p. 186), o “instinto é lento, mas progressivamente eliminado da vida pública da sociedade”.

O desejo sexual tornou-se elemento de confinamento e autocontrole devendo ser legitimado apenas pelo casamento, no seio da família nuclear. Com isso as manifestações públicas passaram a causar cada vez mais repulsa e vergonha e o corpo a representar um padrão de conduta no clive no autocontrole. Como se sabe, a constituição do matrimônio, civil e religioso, foi bastante para instituir relações sexuais monogâmicas, entretanto se demonstrou eficaz no controle do comportamento sexual dos sujeitos.

Como demonstra Mary Del Priori (1997, p. 260), se pode identificar no século XVIII a distinção entre a vida pública e a vida privada nas sociedades ocidentais. “[...] Nesse século, fundamental em tantos aspectos, assistiu-se a uma clivagem na vida social que, nos meios burgueses da época, é representada pela autonomia de uma vida privada e familiar, distinta da vida pública”. Ver-se a arquitetura da família como um núcleo social privado e importante instrumento de controle dos instintos onde a honra e valores sociais deveriam ser cultivados. Porém, fora desses núcleos, tais valores tornavam-se muitas vezes relativos. Exemplo disso é a forma como a prostituição foi encarada em vários momentos históricos.

Michael Foucault (1988), na apresentação de História da Sexualidade 1 – Vontade de Saber, ele diz que:

A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? Através de que hipérbole conseguimos chegar a afirmar que o sexo é negado, a mostrar ostensivamente que o escondemos, a dizer que o calamos [...] (FOUCAULT, 1988, p. 14).

No que concerne aos estudos sócio histórico sobre sexualidade, Michel Foucault é, por muitos, considerado referência entre os teóricos contemporâneos. Pode-se dizer que nessa obra constrói-se uma espécie de arqueologia do discurso

sobre a sexualidade lançando luz a questões como os dispositivos saber e poder, destacando-se o questionamento da repressão social sobre a sexualidade.

Debruçando sobre as formas constitutivas do saber sobre a sexualidade a partir do dito, do não dito, leis e representações que se entrecruzam num emaranhado de relações, na construção do dispositivo sexual, o qual está intimamente relacionado à esfera do Poder/Saber.

A grande preocupação não é o ato repressivo em si, mas o estímulo social permanente sobre a repressão, tendo como base o poder visto como uma interdição/incitação, como ele passa a gerir a vida dos sujeitos a partir do controle das ações numa produção de saber que elenca o que é verdadeiro e falso no campo sexual. Foi por volta do século XVII que o campo sexual passou a ser gerido por meios de especificações como a medicina, pedagogia, psiquiatria, direito.

Foucault (1988, p.16) chama a atenção para a lógica da interdição, buscando articular Poder, Saber e Sexualidade. O filósofo tem como objeto de seus estudos os atos discursivos. Ele diz “[...] trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana”.

Assim vejo nesse estudo sobre a sexualidade as relações de poder em uma perspectiva social, percebendo as mudanças e as práticas legitimadas socialmente. Foucault usa a sexualidade como ponto de partida para uma reflexão e crítica a deformação dos sujeitos perpassando pelo conhecimento e regras sociais.

Frente a esse arcabouço teórico busquei estudar Educação Feminina, em sentido amplo, a partir de sua relação com a Memória da Zona de Prostituição e demais esferas da sociedade cratense, especialmente entre as décadas de 1940 a 1970.

Como acrescenta Ítalo Calvino (1990, p. 42) em “As Cidades Invisíveis”, “[...] de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”. Dessa forma incide sobre a História um alargamento das possibilidades de pesquisa, fazendo com que o campo, as fontes e sujeitos tenham seus lugares repensados na produção historiográfica, possibilitando a caracterização de uma cidade que não se limita a sua estrutura material.

Sobre a cidade é constituída relações sociais, entre sujeitos e grupos, ganhando uma dinamicidade e contínua renovação a partir de uma relação simbólica

com o espaço. Vista dessa forma, a cidade apresenta-se como ambiente de comunhão e disputa social, que carrega em si significações e memórias.

Uma cidade é sempre um palco de representações, de vivências variadas. Um palco de derrotas, de afirmações, de esperanças, de solidariedades, de violências, onde as tramas humanas se entrelaçam e se desvelam numa continuidade relâmpago. Toda essa complexidade é caráter paradoxal do urbano, no seu rápido processo de construção e desconstrução de sonhos, projetos, planejamentos, execuções, imposições e insubordinações, tornando a cidade um objeto privilegiado de pesquisas dos mais variados conhecimentos científicos. Objeto este que impõe suas formas de leituras e interpretações por ser a cidade uma produtora de linguagens, pronto para ser decodificado.

Dentro desse processo, a prostituição, ou melhor, as zonas de prostituição constituem um cenário da cidade caracterizado por jogos de poder, processos de higienização e moralização da cidade onde a mulher, prostituta ou não, se apresenta como o alvo desse processo de disciplinamento genuinamente masculino.

No Crato, nas décadas estudadas, se percebia o entusiasmo em proporcionar espaços modernos, apresentados como próprios das cidades progressistas, civilizadas. Os jornais e revistas da época retratavam em suas páginas como a cidade se modelava com praças arborizadas, monumentos arquitetônicos, hospitais, biblioteca e demais lugares construídos em consonância com o ideário de modernidade e progresso.

Dessa forma, essas produções acabam por naturalizar aquilo que é, na verdade, uma construção social. Essa relação da história com a memória da cidade é pensada a partir das contribuições de Jacques Le Goff (1990 p. 67-68). Ele acredita que:

Quando as cidades se constituíram como organismos políticos conscientes da sua força e do seu prestígio, também quiseram exaltar esse prestígio, valorizando a sua antiguidade, a glória das suas origens e dos seus fundadores, a gesta dos antigos filhos, os momentos excepcionais em que eles foram favorecidos com a proteção de Deus, da Virgem ou do seu santo padroeiro.

Com efeito, é possível ver as representações da cidade que falam de progresso e/ou tradição, que celebram o passado como momento de glória, de adiantamento, assim como o urbano como sinônimo de progresso, civilização,

modernidade, e aquelas que pensam a relação com o passado e dessa modernidade enquanto “ameaçadora”, num movimento que à medida que promove um ou outro, tende a vilipendiá-los. Isso é perceptível nas críticas às “roupas modernas” que em nada lembram o recanto das moças de “antigamente”, ou ainda, nos costumes “bisonhos, primitivos” das pessoas de antigamente, completamente destoante dos modos de vida urbano “normal” que se vivificava na época de análise.

Dessa forma, entendo que falar sobre História e suas conexões com a prostituição, sexualidade, educação feminina e outras variantes, é produzir um saber passível de inúmeros atrelamentos ordenados por quem produz.

A proposta de pesquisa que aqui se delineia é fruto de escolhas teóricas e metodológicas sem esquivar-me de exprimir também as impressões subjetivas e significativas que igualmente ganham peso nas minhas escolhas diante das inúmeras possibilidades de montar o roteiro e o elenco que irão compor o cenário da educação feminina, da prostituição e da cidade de Crato - CE.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho histórico, onde buscarei inserir como fontes os mais diversos vestígios das produções constituídas no contexto em análise.

Seria impossível levar a cabo esse estudo sem a utilização da produção intelectual local. Um grande volume de jornais; revistas; livros e folhetins que expressam parte do cotidiano vivido.

Inicialmente pensei em trabalhar as representações sobre a cidade a partir dos diversos jornais que tivesse acesso, mas ao longo dos quatro anos de pesquisa foram muitas as dúvidas, medos e indecisões. As certezas que levei a minha primeira qualificação foram sendo corroídas na medida em que dialogava com minhas fontes. Embora não abandonasse por absoluto os demais impressos, o Jornal “A Ação” - JA vai paulatinamente ganhando espaço nessa Tese.

O Jornal “A Ação” foi periódico, ligado a Igreja Católica e tinha relativa circulação no espaço urbano caririense. Órgão de divulgação da Ação Católica e Fundação Padre Ibiapina da Diocese do Crato, foi o maior jornal de circulação na região, de 1939 até 1985. Criado para ser porta-voz da Igreja, através dele encontrava-se diversas notícias relacionadas à sociedade cratense e regiões circunvizinhas, além de informações variadas que estão dispostas por todo o corpo do jornal: reportagens locais, nacionais e internacionais, debates, anúncios,

comunicados oficiais, colunas policiais, colunas humorísticas, etc., porém sendo marcante a religiosidade que engloba todo o seu conteúdo.

A pesquisa contou ainda com a utilização de entrevistas, apreendidas metodologicamente pela História oral. Foi na escolha das narrativas utilizadas para este estudo que me senti verdadeiramente desafiada. Não pela técnica, mas sim pela escolha dos sujeitos.

Essa inquietude em partes se deu por concordar com Holanda e Meihy (2010, p.14) ao dizerem que a entrevista é entendida pela História Oral com “a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim.” Para tanto, um “documento oral” que não poderia ser copulado pela gama de fontes como o intuito apenas de preencher lacunas, talvez seja o inverso.

Ouvir os sujeitos, essa era a minha única certeza, mas que levou a um demorado questionamento. No rastro de quais sujeitos iria andar? Apenas homens que frequentavam as zonas de prostituição? Não! Queria ouvir essas memórias narradas pelas mulheres, mas não qualquer mulher. Resolvi destacar as falas de mulheres comuns, escolhidas pelo critério do não. As mulheres que não pertenciam a famílias tradicionais da cidade, que não tiveram a oportunidade de estudar nas tradicionais escolas confessionais de Crato e que não residiam na área nobre da cidade.

Ao estabelecer esses critérios, pensei em visibilizar o que não estava nos jornais e revistas da cidade, criando assim a possibilidade de conhecer outras percepções sobre o objeto de estudo.

Ainda assim senti a necessidade de acrescentar a fala de alguns homens, esses por vez têm em comum a característica de não narrarem suas experiências enquanto clientes, mas sim como sujeitos que na função de seus ofícios cruzavam com a prostituição.

Devido ao teor abordado, a prostituição, a primeira reação foi à resistência em saber da veiculação das informações cedidas. Por essa razão, os sujeitos entrevistados terão seus nomes preservados, pois adotarei nomes fictícios. Assim, apresento uma tabela com os dados e nomes fictícios dos entrevistados.

Tabela 1: Descrição dos sujeitos entrevistados

NOME	IDADE	DESCRIÇÃO
José	83 anos	Filho de agricultores, viveu muitos anos na zona de prostituição, especificamente nas casas de jogo de baralho. Se considera um boêmio até hoje.
Toinha	87 anos	Viúva, filha de agricultores que migrou para a zona urbana após o casamento.
Lourdes	76 anos	Uma senhora casada que sempre buscou vivenciar os ditames estabelecidos socialmente
Antônio	78 anos	Motorista de taxi que sempre fazia viagens para clientes do cabaré de Glorinha
Assis	84 anos	Vendedor ambulante que, após encerrar as atividades na Praça, levava o seu carrinho de bombom e pipoca para a área do gesso.
Terezinha	76 anos	Comerciante e frequentadora dos cabarés da cidade. A mesma por um período ia até as boates colocar <i>boby</i> no cabelo das prostitutas
Cida	72 anos	Pertencente a classe média da cidade, sempre foi julgada pela aparência, especialmente após a separação do marido.
Vanice	78 anos	Ex-prostituta e também proprietária de bar na região do Gesso.

Fonte: Elaborado pela autora.

Compõe o conjunto de entrevistados mulheres e homens, os quais serão apresentados ao longo do texto. Os depoimentos coletados, feitos após a triagem de documentos que iria utilizar, modificaram essa pesquisa, acredito que essas constantes mudanças são frutos das minhas flexões ao novo, a descoberta. Ao analisar os ricos depoimentos busquei ser cautelosa ao passo em que reflito sobre o que tais memórias significam para o sujeito entrevistado, pois como bem reflete Paul Thompson:

[...] a História Oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (1992, p. 17).

Como já dito anteriormente, a História Oral ganha um lugar de destaque neste estudo, enquanto método e fonte, por considerá-las plural e ao mesmo tempo singularidades das trajetórias dos sujeitos e seus grupos sociais.

Penso não ser mais necessária uma ampla defesa da História Oral enquanto fonte história, tendo em vista que a mais de vinte anos, não são poucos

os trabalhos que se dedicaram a esse propósito. Aliás, pelo que se percebe, o debate sobre a legitimidade ou não da História Oral já é algo superado.

Feito tamanho apanhado, eis à hora de sair dos bastidores e entrar em cena a pesquisa. O primeiro capítulo dessa tese busquei abordar a cidade de Crato, a partir da construção de Memória sobre o espaço ocupado, especialmente a partir da intervenção da Igreja Católica e intelectuais locais. A intenção foi não retratar a história da cidade a partir da junção cronológica e evolutiva de fatos, nem tão pouco a partir de “Homens” e “Feitos”, mas sim a partir de espaços e mecanismos de socialização.

No segundo momento apresento a educação feminina no Brasil a partir de dois prismas: moral e modernidade. Tendo em vista que os hábitos presentes na cidade de Crato são projeções igualmente nacionais, busco fazer essa conexão do local com o nacional. Saliento que, na busca de minimizar as generalizações, irei pontuar representações para a educação feminina e suas nuances, como por exemplo, as especificidades das moças de elite e as moças das camadas populares.

Com o título “Cartografia do Pecado”, a proposta do terceiro capítulo é arquitetar a cartografia da cidade a partir do debate entre o permitido e proibido para as “moças de família”, assim como pelas reproduções conservadoras ou higienista sobre a cidade, especialmente representadas nas páginas do Jornal “A Ação”, na contramão do obvio, ainda nesse capítulo trago a percepção sobre a cidade, a condição feminina e a prostituição a partir da narrativa de duas mulheres que não liam o Jornal “A Ação”, mas que compartilhavam do mesmo discurso apregoado pelos que chamei de Agentes da Moral Católica.

No último capítulo, “Rua da Saudade e Alegoria do Prazer”, busquei “abrir alas” para a zona de prostituição a partir da negação do discurso edificado pelos Agentes da Moral. Tendo como grande referência o Cabaré de Glorinha, razão pela qual o termo “Reino da Glória” é utilizado no título desse estudo. Nesse capítulo apresento as narrativas de vida de uma ex-prostituta, talvez o grande achado dessa pesquisa, por identificar, o que eu chamei aqui Alteridade da Moral.

2. CRATO, PRINCESINHA DO CARIRI: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE PELOS OLHOS DA MORAL E DA CIVILIDADE.

Crato ostenta com orgulho o título de “Capital da Cultura” no sul do Ceará. Razões e motivos não faltam para justificar este precioso lauréu. Na educação, nas artes, na literatura, nas bibliotecas, nos museus, nas instituições de ensino e cultura, bem como nas personalidades e na sua potencialidade humana. Existe um espírito coletivo que dinamiza o panorama cultural deste município que desde muito cedo despertou para o estudo, as artes, as letras. (TEMÓTEO, 1990, p.36).⁶

O Crato é um município do interior do Estado do Ceará, localizado na região Cariri, a 533 quilômetros da capital, Fortaleza. Geograficamente, a cidade encontra-se no sopé da chapada do Araripe o que proporciona a região uma abundante vegetação e mananciais de água.

Na descrição do Jurandy Temóteo, a cidade é representada como a “Capital da Cultura”, título justificado pelo destaque no desenvolvimento cultural da cidade. O jornalista destaca ainda vários setores de desenvolvimento cultural que explicariam essa particularidade frente às demais cidades da região do triângulo CRAJUBAR⁷. O supracitado autor chega mesmo a agregar tais características à inerência da própria cidade, já que, segundo ele, existe ali “um espírito coletivo” que impulsiona tais iniciativas.

Éverdade que essa representação sobre a cidade do Crato é compartilhada por vários sujeitos que vão construir, a partir do século XX, produções várias sobre aquele espaço, fazendo uma alusão ao pioneirismo e ao desenvolvimento cultural como características, muitas vezes natural daquele povo. Assim o Crato torna-se uma cidade anunciada pelos seus vários adjetivos que remetem a ele uma representação de espaço aprazível e vanguardista, contudo, percebe-se também uma intensa aspiração pelo pioneirismo e pela demarcação das singularidades da cidade.

Na envergadura dessas construções, há, quase sempre, uma canalização para o espírito urbanista. Essa singularidade está intrínseca às relações sociais contemporâneas em que a urbanização, a massificação e a universalização do comportamento humano passam a ser comungados.

⁶O texto foi retirado da “Síntese cultural” do Guia Turístico do Sul do Ceará de autoria do jornalista Jurandy Temóteo de 1990.

⁷ CRAJUBAR – significa a micro região compostas pelo triângulo Crato, Juazeiro e Barbalha.

Os reflexos dessa construção de sentidos são compartilhados até hoje, embora em proporções menores. O historiador José D'Assunção Barros, ao abordar a trajetória da cidade enquanto objeto de estudo, expõe que esta é uma reflexão dos tempos modernos na qual anteriormente “[...] Pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e dos filósofos” (BARROS, 2012, p.9).

Dessa forma, entendo que as representações produzidas sobre a cidade de Crato não são neutras já que “produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas”. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Entendo a cidade do Crato a partir de artefatos culturais que compunham uma rede de elementos sobre o espaço. Sem esquecer que tais informações são sempre resultado da produção de um grupo determinado, especificamente da elite local, sem, com isso, anteparar trocas e ressignificações dos sentidos no contato com outros setores da sociedade.

Desde a segunda metade do século XIX e início do século XX, identifico uma série de discursos representativos que estabeleceriam ao Crato a imagem de “cidade da cultura” letrada.

De acordo com Cortez (2000, p.p. 22-40), houve um movimento de construção do Crato como cidade da cultura no período que compreende os anos de 1889-1960, empreendido por um grupo de políticos e de intelectuais, definidos pela supracitada autora, como sendo “especialistas da produção cultural” dessa cidade. Essas noções foram construídas pelos intelectuais cratenses, os quais serão analisados adiante, no sentido de gerar uma memória e uma história de glória, frente aos demais municípios da região caririense.

De acordo com o historiador Jacques Le Goff, tomam-se as representações sobre a cidade como documentos históricos que proporcionam a materialização de produções simbólicas, pois “[...] O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (1990, p.545). Esses produtos são gerados principalmente a partir da articulação, não necessariamente consciente, porém absorvida pelo convívio do meio em que estão inseridos.

Observa-se a constituição categórica, especificamente na primeira metade do século XX, de uma memória de distinção sobre a cidade.

Vejo essas manifestações como representações sobre a modernidade. Entendida dentro de um modelo ocidental, capitalista e desenvolvimentista, o qual perpassa pela vida social. Essas aspirações são identificadas nas representações sobre o Crato pelo continuo atrelamento a uma possível “vocação” ao progresso. Essa alusão sobre a cidade do Crato pode ser percebida no texto escrito por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão (1951, p.182):

Até muito tempo mais, o Crato, o Cariri será harmoniosa transição entre o Velho e o Novo, o que lhe dará fisionomia muito peculiar [...] e, então, veremos que o Moderno, cheio de ostentações de bem-estar, de utilitarismo e de conforto, não prescindirá do Antigo, cheio de evocações e de espiritualidade confortante. Haverá uma superposição, mas nunca um aniquilamento⁸.

Garantir a harmoniosa “transição entre o Velho e o Novo” e concretizar tais ideais civilizatórios de modernização e progresso além de assumir os padrões sociais decorrentes de tais ideais. A construção desse ideário de vida eminentemente moderno e, portanto urbano, necessitava da construção de sentidos para a cidade e nesse processo, surgiram várias instituições de cunho intelectual, que buscaram dar sustentação a esse ideário.

Como discorre Viana (2011), o processo de modernização cratense, movimento vivenciado em várias regiões do Brasil na primeira metade do século XX, tinha como requisito obrigatório, nessa concepção, não só a construção de marcos históricos daquele lugar diante da região do Cariri, mas também do Estado do Ceará e até mesmo do país. O supracitado autor defende que a festa do centenário de elevação do município Crato, em 1953, teria sido um marco simbólico da modernização cratense.

Contudo, a preocupação com o campo educacional dar-se anteriormente. O saber institucionalizado na cidade do Crato ganha visibilidade desde o final no século XIX. Segundo a historiadora Cortez (2000), havia uma preocupação de suprimir da sociedade cratense características que, por ventura, representassem

⁸ MARTINS FILHO, Antonio & GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966, p. 182.

atraso, o aspecto educacional era, então, um campo de preocupação da elite local⁹ e da própria Igreja Católica.

Esse interesse pela educação deu-se especificamente após o suposto milagre do Padre Cícero, ocorrido em 1889. Esse fato atraía e ainda atrai cotidianamente, a Juazeiro centenas de pessoas. Essa ebulição de fiéis que diariamente iam ao encontro do Padre Cícero cooperou para que Juazeiro logo se elevasse a cidade em 1911. Esses acontecimentos não só abalaram a economia, mas também o cotidiano da tão bem-sucedida cidade do Crato. (MARQUES, 2004, p.60).

Desse processo, surgiram várias circulações intelectuais, como a construção de institutos, a publicação de jornais e de revistas e a edificação de um vasto material historiográfico. Interferindo também no sistema educacional do Município, reivindicando espaços representativos do progresso e uma acentuada preocupação com o campo educacional. Esse movimento se estende de forma mais categórica até meados da década de 70, do século XX, contudo, ainda hoje é possível perceber certa resistência por parte de alguns sujeitos do Crato em relação à cidade do Juazeiro do Norte, embora, na maioria das vezes, de forma velada.

2.1 A Igreja Católica e seus dispositivos de poder na cidade de Crato.

No dia 20 de outubro de 1914, foi criada a Diocese do Crato pela Bula *Catholica e Ecclesia* do Papa Bento XV, constituída por 21 paróquias, não limitada apenas à região do Cariri, antes pertencentes à Diocese do Ceará. A escolha da cidade do Crato para sede da nova diocese não aconteceu de forma aleatória, pois envolve aspectos ligados à inserção sociopolítica da Igreja Católica na região. Na descrição do Monsenhor Montenegro¹⁰, sobre a fundação da Diocese do Crato, ressalta-se alguns elementos.

⁹ A cidade do Crato teve desde a sua composição uma cultura agrária que possibilitou um fortalecimento de uma elite local. Os filhos dessa elite agrária passaram a receber uma educação adquirida em cidades como Olinda e, posteriormente, Fortaleza. Essa formação letrada, em grandes centros urbanos, fez que se construísse entre o final do século XIX e meados do século XX uma elite urbana que se caracterizou por sua pretensa intelectualidade. Para melhor compreender a constituição social da cidade do Crato, ler CORTEZ (2000) e ALBUQUERQUE (1998).

¹⁰ MONTENEGRO, Padre Francisco. A diocese do Crato. **Os Quatro Luzeiros da Diocese**. Crato, 1999.

Coube ao CRATO o privilégio de merecer a implantação da sede da nova Diocese por ser Crato a cidade mais desenvolvida da região, contando com uma liderança intelectual e espiritual impressionante, graças ao funcionamento do Seminário São José do Crato, Casa de Educação de venerandas e ilustres tradições, confiada, desde a sua fundação, no ano de 1875, à sábia e experimentada direção de virtuosos sacerdotes, que dirigiam com zelo e dedicação o conceituado Instituto, cuidando da formação moral e intelectual dos seus educandos, firmando a vocação de muitos seminaristas. E era precisamente a fundação de um Seminário uma das condições requeridas para a criação de uma Diocese (1999, p. 68).

Identifica-se, na exposição, o lugar de prestígio ocupado pela cidade do Crato no período de fundação da Diocese, em 1914, mas sobressai à relevância concedida à existência do Seminário São José, fazendo assim, alusão ao caráter educacional da cidade, proporcionado pela atuação da Igreja Católica. Essa vinculação à tradição educacional manifesta-se quando Monsenhor Montenegro (1999, p. 69) assegura que “[...] a Princesa do Cariri, se faz em Luz, na terra da Luz, buscando a sua grandeza na educação da sua gente. Traçou o seu itinerário de glórias na preocupação do cultivo das letras”. Portanto, a Educação é situada como um artifício singular, assegurada principalmente pelo desempenho da Igreja Católica.

A inserção da Igreja Católica na região do Cariri aufere, com a edificação da Diocese do Crato, categorias eclesiásticas, inclusive estruturais, possibilitando um maior dinamismo no trabalho pastoral, político e social não só na cidade como em toda a região. Ainda na descrição do Monsenhor Montenegro, é feita uma associação ao Seminário São José para a escolha da cidade do Crato como sede da Diocese. Já este era um requisito para a criação de uma Diocese.

Faz-se necessário destacar alguns aspectos importantes do contexto histórico da época. A criação da Diocese do Crato está associada ao momento histórico que passava a Igreja Católica, pois tinha ainda como finalidade garantir a subordinação de todos aos mandamentos sobre as normas da Igreja Católica romanizada (PINHEIRO, 1989, p. 193-204).

A criação da Diocese do Crato pode ser agregada a esse movimento de centralização, já que esta surge posterior a 1889, quando divulgados supostos milagres do Padre Cícero Romão Batista em Juazeiro do Norte, no Ceará, até então vila do Crato. Tais rumores espalhavam-se pelo Nordeste, atraindo diariamente pessoas que vinham ao encontro do padre. Esse prodígio ocasionou a elevação do Juazeiro do Norte à vila e o tornou um celeiro econômico e religioso.

A elevação de Juazeiro do Norte a categoria de Vila, em 1911, e a sua rápida ascensão econômica, chegando rapidamente a ultrapassar a economia do Crato¹¹, até então maior e mais importante da região do Cariri, ocasionou uma reação por parte da elite cratense. Esse aspecto será abordado no próximo tópico, detendo-se, nesse momento, à reação da Igreja Católica perante o Padre Cícero e aos fenômenos que lhes eram associados.

A edificação da Diocese de Crato auferiu a Igreja Católica a possibilidade de construir uma gama de dispositivos, vista em Foucault (1987, p. 165-167) como ferramentas de controle possíveis a partir da vigilância.

A imprensa católica, assim como a não católica, passa a ser uma tônica para a difusão dos ideais da Ação Católica, chegando mesmo a ser considerada uma das mais importantes frentes de atuação, ao qual o bispado do Crato não ficou alheio, como destaca o padre Montenegro (1999, p. 115):

Um dos principais cuidados de Dom Francisco foi o ressurgimento de um jornal, órgão da Diocese, preenchendo a ausência do jornal diocesano “a Região”, que havia desaparecido. Seria um hebdomadário para informar a palavra de ordem da Igreja e também um veículo de difusão dos trabalhos da Ação Católica. Reequipou a tipografia adquirida por Dom Quintino e fundou um novo jornal “A Ação” que, durante todo o seu episcopado, serviu com muito proveito aos interesses da Diocese, atendendo à finalidade prevista pelo seu fundador. – “A AÇÃO – UM JORNAL DO CRATO PARA O CARIRI”.

Pode-se dizer que o Jornal “A Ação” foi o semanário de maior circulação e longevidade do Cariri no século XX, sendo porta voz da Diocese do Crato até o ano de 1985.

Junto a essa discussão sobre o fortalecimento da Igreja na cidade associada à idealização de uma cidade modelo, estão alocadas o limiar da condição feminina, já que serão estes, a Diocese e os intelectuais locais, os agentes da moral católica que cuidadosamente demarcarão os limites espaciais permitidos para as mulheres do lar, espaços esses distantes das mulheres da rua.

2.2 Praça Siqueira Campos: Símbolo do progresso e dos bons costumes

Ensejei várias introduções para este texto, até que buscando fotos antigas das praças da cidade de Crato, deparei-me com o texto da senhora Clymene Villar

¹¹ “[...] em 1872, quando o Padre Cícero lá chegou como capelão, aquele povoado contava com aproximadamente duas mil almas. Em 1909, já contava 15.050 habitantes e, em 1940, 38.145, quase se equiparando ao Crato, que, naquele ano, contava 40.282 habitantes” (CORTEZ, 2000, p.67).

na página Memória Histórica do Crato¹², na rede social *Facebook*. O texto havia sido escrito no ano de 2010 motivado pelo encontro “Amigos na Praça Siqueira Campos”. Intitulado por “Anos Dourados”, a senhora Clymene remonta seus momentos de lazer a partir da Praça.

A praça carrega esse nome em homenagem a um comerciante de grande influência na cidade no início do século XX. Sempre lembrado como o cidadão que mandou fazer o calçamento com recursos próprios, da rua Dr. João Pessoa, uma das ruas costadas pela Praça Siqueira Campos. A ele é atribuído também, e não por coincidência, o título de primeiro proprietário de automóvel da cidade. A foto de Siqueira Campos com seu automóvel está nos anexos do trabalho.

Fazendo menção ao controle dos pais, ela diz que apesar de a praça ser o ponto de encontro da juventude, era frequentada apenas aos domingos e posteriormente ao comparecimento à missa, acrescentando ainda que essa concessão acontecia, como ela expôs: “caso não cometêssemos nenhum motivo para o severo castigo de não ir até lá. Chegávamos às 19 horas, ou seja, 7 horas da noite [...] tendo o compromisso de retornar às 9 horas sem falta, muito tarde para a época.”

Passagem mais elucidativa não poderia encontrar. Um texto de rememoração do passado escrito em decorrência de um encontro após décadas, em um lugar comum da juventude, uma praça. Um lugar de memória tal como o historiador Pierre Nora¹³ nos ensina, carregada pelo desejo do retorno a ritos que definem o grupo, munidos pelo auto reconhecimento e pela diferenciação. Ótimo ponto de partida para discutir a relação entre o urbano/moderno e as relações de gênero ali constituídas.

Em fins do século XIX e início do XX o Brasil, e não apenas ele, viveu o surgimento de vários lugares de socialização oriundo do crescimento da urbanização, ocasionando mudanças socioculturais no cotidiano das cidades, gerando novas práticas a recriar hábitos. Essas novas formas de viver em sociedade impulsionaram rupturas, sem com isso deixar de carregar suas resistências.

¹² O referido texto encontra-se hospedado no seguinte endereço eletrônico: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=327033430760912&set=a.297621743702081.1073741838.2925295_90877963&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-ash3%2F9036_327033430760912_1608498423_n.jpg&size=800%2C584 Acessado em: 13 de fevereiro de 2014.

¹³ “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais” (NORA, 1993, p.13).

Esse duelo entre o novo e velho é facilmente identificado no relato da senhora Villar. Embora a mesma tenha vivenciado sua juventude em meados da década de 1970, expressa as várias esferas de sociabilização da cidade do Crato e a rigidez de como as jovens eram tratadas. Se referindo ao papo com os paqueras na praça, ela diz: “Conversávamos coisas inocentes sobre o colégio, colegas, pais, os castigos por qualquer travessura ou notas baixas no colégio.” Em seguida explicita o quanto o controle social estava naturalizado dizendo que: o “regime de educação familiar era quase todo igual, por isso não reagíamos. Aceitávamos conformadas.”

Apesar de a jovem só poder frequentar a Praça Siqueira Campos após ir à missa, “se comportar” durante toda a semana e tirar boas notas no colégio, não quer dizer que a postura da mesma fosse a desejada pelos seus pais. A mesma simboliza, em seus atos a resignificação social. Rica é a descrição sobre a vestimenta e sobre o rito do flerte.

Ali desfilávamos muito bonitas e bem trajadas, para admiração dos fãs que formavam uma barreira ao redor da praça. Eles, muitos bem vestidos, deixavam ver a elegância ou a ousadia de suas mangas arregaçadas para mostrarem o belo físico, com um topete Alain Delon, ou por que não Elvis Presley, e pra completar o visual mascando um chiclete sabor canela. Eu adorava. Ai que saudades!!

E continua:

Levávamos meses flertando, chegando a mandar um recado ousado: “Como é, vem ou não vem? Já estou cansada”. Ai começava o namoro, vindo sempre acompanhado de um amigo, uma espécie de padrinho. [...] Só tínhamos a Praça Siqueira Campos para o encontro. Ai que dia esperado. A semana toda sonhando como iríamos. Vestido novo, cintura baixa, por sinal muito fina, anáguas com bordados, sapato alto e meia fina, cabelo penteado geralmente de coque, com bastante laquê para não despentear, ou quando não era cabelo pajem. Os olhos muito pintados com lápis e feito rabisco na ponta dos olhos, parecendo uma chinesinha, com sobrancelhas bem marcadas. Sem contar com o pega rapaz infalível.

Como se pode observar a supracitada praça ganha no conjunto urbanístico, o status de um espaço simbólico da memória. Um lugar comum da cidade, talvez por ser de fato destinado ao convívio e a socialização urbana.

Paulatinamente os signos da modernidade ganham espaço na cidade. Iluminação elétrica, ampliação da rede escolar, aumento no número de impressos produzidos a circular pela cidade, rádios, cinemas, salões de festas e outros elementos que juntos davam, em meados do século XX, um aspecto de progresso e

uma indiscutível ampliação das possibilidades de socialização. Para se ter uma melhor visibilidade desse cenário, apresento duas imagens da Praça Siqueira Campos.

Figura 1: Praça Siqueira Campos, década de 1950.



Fonte: Acervo da autora.

No coração da cidade, a Praça Siqueira Campos fica a apenas um quarteirão da Igreja da Sé. Cercada por casarões onde residiram figuras ilustres da cidade. A família Pequeno e o que viria a dá o nome a praça, o senhor Siqueira Campos.

Como se observa na foto acima, tinha-se uma praça tratada com bastante zelo. Bem arborizada, repleta de bancos e, como não poderia deixar de ser, bastante iluminada. A clareza do espaço durante a noite é pontuada com bastante veemência na fala da senhora Lourdes, hoje com 76 anos de idade: *“naquele nosso tempo era muito atrasado. Papai não deixava agente sair como as moças de hoje. Eu e Terezinha, minha irmã, éramos muito unidas. Aos domingos íamos à missa na Igreja de São Vicente.”* No relato da informante observo o controle social das moças na forma como elas se apropriavam e vivenciavam a cidade.

Percebo os limites estabelecidos e compartilhados na cidade destinado a ocupação, ou não, das “moças de família”. Continuando sua exposição à senhora Lourdes fala:

Depois que acabava a missa, nós podíamos dá só uma voltinha na praça. Era muito atrasado, Ave Maria! [...] Era sempre assim, nós sempre brigávamos porque Terezinha, minha irmã, sempre foi mais povão, eu não, sempre fui correta. Nesse tempo a Praça da Sé era meia descampada, tinha mato e era meio escura e Terezinha queria ir pra lá. Ai eu dizia - pois vá só. E assim era ela ia pra Praça da Sé e eu ficava na Praça Siqueira Campos com minha amiga Eudália. Agora lá era decente de mais, era bem clara. Cheia de moças e rapazes circulando depois da missa, era saudável, o povo não andava se agarrando assim não.

Mais uma vez a socialização feminina está ligada como uma espécie de bônus, ao ato de ir à missa dominical. Por outro lado está limitada a circulação na Praça Siqueira Campos. O fato de ser esta em detrimento a outras, a praça frequentada pelas moças certamente não se deu ao acaso.

Entendo a partir da fala da senhora Lourdes, que a boa iluminação da Praça fora um elemento significativo para que a circulação das jovens moças acontecesse de forma acautelada.

Prende a atenção o número de postes visto na imagem em questão. Assenta-se na pouca potência da luz elétrica da época e, por tanto, requerendo um número maior de postes. Assegurando as “moças de família” boa visibilidade não apenas das suas produções, mas que fossem vigiadas pelos que estavam na praça, assim como pelos que estavam nos casarões que a cercava.

A circulação na praça, mencionada pelas duas senhoras, não se dava de forma aleatória, a organização e os limites da circulação são descritos pelo senhor Ivens Mourão em um artigo intitulado “Praça Siqueira Campos e a Amplificadora Cratense”, escrito em 2010.

Circundado por um calçadão de uns três a quatro metros de largura. O restante, a parte central, é ornada por alguns canteiros floridos e diversos passeios, com bancos.

Naqueles anos dourados, a praça era o coração da cidade, tendo normas bem estabelecidas, embora tal fato tivesse se originado de uma maneira provavelmente natural. Mas o certo é que seus frequentadores não se desviavam deste ritual. A calçada externa era reservada para os jovens: os solteiros. As moças sempre ficavam girando, num sentido ou noutro. Os rapazes também giravam, mas a maioria ficava em pé, na borda da praça, flertando as moças. Caso um rapaz estivesse circulando com uma moça, era sinal de que estavam namorando. Na hipótese daquele namoro evoluir para um noivado, o casal passava para a parte interna, podendo circular pelos passeios ou sentar-se em determinados bancos. Os casados sempre ficavam no centro, conversando entre eles e acompanhando os filhos, principalmente as moças.

Ao ler tal descrição imediatamente me remete a ideia do Panóptico¹⁴ de Bentham, analisada por Michael Foucault (1987). Para ele não existe o poder, mas sim relações de poder que por sua vez exercem uma força sobre os sujeitos, controlando-os e disciplinando-os a partir de mecanismos como o Panóptico.

Na medida em que foram sendo construídas novas relações socioculturais incididas na modernidade, como por exemplo, a urbanização, igualmente foi sendo constituídas novas relações de poder. De modo que a eficácia do poder e suas relações deram quase que vida própria, independente dos sujeitos, mas que adquire energia no próprio sujeito, pois ele mesmo a alimenta transmitindo e reproduzindo. Sua força ganha alento na sutileza com que se exercem, todos estabelecem relações de poder e todos são ao mesmo tempo sujeitos e sujeitados.

Elucidando a analogia entre o Panóptico e as relações de poder, Foucault (1987, p. 170) se faz bastante claro ao dizer que:

O Panóptico [...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é [...] que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas.

Na busca de tentar trazer tais contribuições para este estudo, estabeleço um paralelo entre a ideia do Panóptico, a partir de Michael Foucault, a descrição feita pelo senhor Ivens Mourão e todas as conjeturas feitas até aqui sobre as relações estabelecidas na Praça Siqueira Campos.

A iluminação da praça nesse contexto torna-se um elemento indispensável. Todos precisam ser vistos, mesmo que não haja quem os veja diretamente, ou seja, ainda que os pais ou responsáveis diretos daquelas moças

¹⁴Descrevendo o panóptico Foucault diz: “O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia. (1987, p. 210)

não se fizessem presentes à praça, mesmo assim havia uma resistência em burlar as normas socialmente compartilhadas, pois “toda” a sociedade estava atenta.

A narração sobre a posição dos sujeitos diante da praça desvela elementos deveras importantes. Assim como à senhora Clymene Villar, observo que o discurso do senhor Mourão também é recursivo no que pertence a naturalização da ordem social. Passando o sentimento de contingência dos fatos, da forma quase casual com que as moças eram educadas com rigidez ou ainda o modo fortuito com que o espaço da praça era tomado.

Quando Mourão coloca que o espaço tinha suas normas estabelecidas, imediatamente as justifica dizendo: “embora tal fato tivesse se originado de uma maneira provavelmente natural.” Acredito que esta afirmação não foi construída para camuflar algum possível sistema de poder institucional sobre as moças, não mesmo. Entretanto a mesma ilustra as relações de poder ali estabelecidas e como o sujeito, involuntariamente se apropria e reproduz tais relações.

Aceitando a narração sobre o posicionamento dos sujeitos e, para enriquecer o trabalho, trago a segunda imagem da referida praça. Embora tenha sido apreendida no período diurno, representa um pouco do cotidiano delineado anteriormente.

Figura 2: Passeio na Praça Siqueira Campos.



Fonte: Acervo da autora.

A foto data-se o ano de 1950, em uma manhã de domingo logo após a missa. Como se pode observar, de fato na parte externa está repleto de moças e jovens rapazes, todos se apresentam bem vestidos e com posturas bem formais.

Na parte inferior esquerda da imagem se tem um grupo de moças indo e outro voltando, em grupos e de braços entrelaçados. É como se esse emaranhado de braços buscasse anunciar que tais moças não estão desacompanhadas, que não estão jogadas ao ermo. Como aludiu Mourão, os rapazes estavam lá estacados. Também em pequenos grupos, alguns sentados e outros em pé, estão lá observando suas pretendentes circularem feito mariposas.

Se observar bem, percebe-se que no centro da praça não há uma grande concentração de pessoas. Um banco ocupado por três rapazes ou senhores e bem ao centro um casal atravessando o pátio. Recorrente em várias fotos do período, a poda das árvores permitem uma abertura da visibilidade da praça, observo que de um lado da praça se ver os casarões do outro lado.

Quando a noite, o ambiente era animado por vários estabelecimentos importantes e representantes da modernidade, firmados ali.

Ainda fazendo uso da imagem, no seu lado esquerdo fica localizado o Cassino Sul Americano, um dos cinemas da cidade bastante frequentado por todos. Oferecia várias sessões que começavam ainda no período matutino e à noite com sessão até as 21h00. Em geral, apenas as mulheres acompanhadas pelos maridos ou responsável compareciam a esta última sessão. Ao lado do cinema, inaugurado no ano de 1955, estava o Café Crato. O estabelecimento foi o primeiro a oferecer café expresso entre outras guloseimas, logo se tornou ponto de encontro.

A cidade contava com o serviço da amplificadora Cratense desde o final da década de 1940. O estúdio ficava localizado no lado oposto do cinema, com 30 alto-falantes distribuídos pela cidade, este se tornaria mais tarde a Rádio Araripe, uma das primeiras rádios do interior, popularizando música e compartilhando notícias. A Amplificadora Cratense embalava as noites de domingo, lembra à senhora Villar que ao voltar a praça ouvia músicas que faziam sucesso em âmbito nacional: “A volta do boêmio, de Nelson Gonçalves, Agostinho dos Santos, Ângela Maria, Carlos Gonzaga com Diana, ai vai longe. [...] Com o hino do Crato era a hora de ir pra casa, pois dentro de 15 minutos não ficava mais uma jovem na praça.” O hino tocava por volta das 21h00, horário de encerramento das transmissões, para muitas moças a execução do hino representava quase que um toque de recolher. Continuando, Villar expressa que: “Moça de família não passava das 9 horas. Corríamos tanto para chegar, que às vezes tirávamos os sapatos para chegarmos no horário marcado, se não era motivo para no próximo domingo não irmos.”

Compondo o cenário se tinha o Grande Hotel e no seu térreo a Sorveteria Glória, também ponto de encontro da boemia.

Levando em consideração a afirmação de Jean-Claude Schmitt (1998, p.285), tenho a clareza de que ao abordar o lado marginal da cidade, necessariamente devo recorrer também ao seu centro. “Porque é uma contribuição essencial da história da marginalidade ter não somente preenchido as margens da história, como ter possibilitado também uma releitura da história do centro.”

Embora tenha o intuito de deter-me a periferia da cidade, elegi estrategicamente a Praça Siqueira Campos para abordar de forma pormenorizada por entender que ela, e toda a sua atmosfera cosmopolita, representam bem os desejos e confluências de fazer imperar em Crato uma cidade moderna e moralmente condizente com diretrizes da Igreja.

3. MORAL E EDUCAÇÃO FEMININA

A partir de 1990 o conceito de gênero passa a ter uma maior circularidade nas contendas acadêmicas, especialmente nos estudos centrado na área de Ciências Humanas alimentado pela recém tradução da obra “Gênero: uma categoria de análise histórica”, de Joan Scott, historiadora Norte-Americana que despontou desde meados da década de 1980 enquanto referencia nos estudos sobre História das Mulheres em perspectiva de gênero.

No estudo supracitado, Scott conceitua Gênero em dois aspectos: “um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e também como “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1987, p.86). Ou seja, para a autora a abordagem de Gênero refere-se a aspectos sociais subjacentes que perpassam as instituições, as normas, os símbolos, entre outros. Já a segunda conjectura corresponde à compreensão e edificação do Poder, ou formas de Poder como Bourdieu enfatiza que “os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (1987, p. 88).

Dessa forma, o entendimento de masculinidade e feminilidade é percebido como construção histórica, os quais para ela são categorias “[...] vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (1987, p. 88).

Nessas últimas décadas foram vários os estudos brasileiros que se apropriam desse constructo. Seu emprego vem permitindo a construção de uma pluralidade de estudos que se entrelaça com categorias como a de raça, classe social, espacialidade e masculinidade.

Esse estudo está ancorado no campo da História das relações de gênero, abordando elementos que edificam e dão sentido ao Masculino e Feminino na cidade de Crato – CE entre as décadas 1950-1970, centrada na educação feminina, na moral masculina e prostituição.

As relações sociais a partir do século XX, dinamizada pela urbanização e a gradual ampliação dos espaços femininos, de trabalho, socialização e educação, foram acentuadas especialmente pelo entusiasmo do movimento feminista em várias partes do mundo.

Anterior a esse movimento, a mulher vivenciou em uma condição nada profícua, de inferiorização social em relação ao homem, destinada aos trabalhos domésticos e a procriação da espécie humana. Essa condição feminina se evidencia, por exemplo, nas produções intelectuais mais progressistas, como é o caso de Jean Jacques Rousseau quando diz que:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (Rousseau, 2004, p. 527).

A obra “Emílio ou da Educação”, escrita em 1762 por Rousseau, é considerada por muitos estudiosos da contemporaneidade o primeiro tratado sobre filosofia da educação do ocidente. Nas palavras de Rousseau é evidenciada a supressão da figura feminina nos processos de Educação, alimentadas pelo movimento Iluminista que as viam como inabilitadas de racionalidade para vivenciar os apregoados ideais de Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Séculos depois seria notadamente na França que pequenos grupos de mulheres elitistas reivindicariam, infundidas pelos ideais Iluministas, mudanças sobre suas condições sociais.

As primeiras manifestações femininas minimamente organizadas se deram no final do século XIX, inicialmente na Inglaterra reivindicando o direito ao voto, ficando conhecidas como sufragetes. No Brasil, as primeiras manifestações também tinham como mote o direito ao voto ainda no alvorecer do século XX. (PINTO, 2009).

Segundo Narvaz e Koller (2006), o feminismo originalmente era preponderantemente branco, intelectual e de classe média. A luta pelos direitos civis foi alimentada, especialmente a partir da década de 1950 com a publicação da obra “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir e a preocupação com a Educação feminina, sem com isso abrir mão da maternidade e da família. É exatamente esse binômio, família-maternidade, o meu interesse em rememorar a trajetória do movimento feminista.

Essa busca das feministas por uma igualdade social representou para muitos homens, e também mulheres, uma ameaça a inteireza da instituição familiar, onde a mulher tinha um papel historicamente definido. E o seu exercício de dona de

casa esposa devota e boa mãe continuavam sendo triviais para permanência de uma sociedade patriarcal, embora com ares de modernidade.

Essa polarização entre o velho-novo, tradicional-moderno, é acometida pelas teias sociais que ao passo que progride, carrega consigo uma herança social. Seguindo essa presunção, busquei entender os lugares sociais das mulheres em uma perspectiva de gênero em três perspectivas diferentes: no *Jornal das Moças*; nas representações da Igreja Católica; a influência de Simone de Beauvoir e as “novas” possibilidades do ser feminino.

3.1. Moda Feminina Representada pela Moral

É indiscutivelmente na alvorada no século XX que as mulheres submergiram a inúmeros espaços sociais. Essa ocupação veio acompanhada do novo estilo de vida urbana por qual o Brasil vivenciava desde meados do século anterior. Analisando essa relação a partir do processo de industrialização do país, a historiadora Margareth Rago (1985, p.62) expõe que desde o final do século XIX estava sendo gestado um “novo modelo normativo de mulher”, estabelecendo novas formas de relacionamento onde a “invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade”. Marcada pela polarização liberdade-intervenção, quanto mais às mulheres participavam da vida pública, “[...] mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento da culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho” (1985, p.63).

Para além do debate sobre a mulher e sua inserção no mercado de trabalho ou espaços educacionais formais, buscamos discutir sobre a formação moral dessas mulheres nessa relação de liberdade e controle dos seus corpos e almas. Não podemos, entretanto, desconsiderar que no já mencionado período houve um aumento substancial da figura feminina aos espaços formais de educação, embora tal formação tivesse objetivos diferentes da educação masculina. Ser uma boa filha, esposa e mãe, talvez fosse essa a tônica da formação intelectual feminina.

Decisivamente, o letramento feminino permitiu inúmeras possibilidades inclusive profissionais, com destaque para a docência. No entanto, tomamos o

contato com as letras como ponto de partida por entender que a maior aproximação com a leitura e a escrita dessas mulheres é a possibilidade de comunicar-se, além principalmente de absorverem tendências femininas, isso tudo em âmbito nacional.

O sociólogo Renato Ortiz abaliza que muitas das mudanças ocorridas no Brasil nesse período fazem parte do projeto de modernização do país. Especificamente sobre a acessibilidade aos bens culturais e, para esse estudo, em especial o mercado de livros, revistas e jornais, Ortiz (1988, p.121) diz que a conjuntura cultural brasileira está marcada pela ampliação e volume do que ele chama de “mercado de bens culturais.” Para ele, na metade do século XX “[...] ocorre uma formidável expansão, em nível de produção, de distribuição e de consumo da cultura; é nessa fase que se consolidam os grandes conglomerados que controlam os meios de comunicação e da cultura popular de massa”.

Os impressos são vistos como valiosa possibilidade de diálogo com vidas cotidianas passadas, pois eles pintam parte dos debates comuns de uma sociedade.

Assim como se observa o aumento das mulheres no espaço escolar, igualmente se ver o crescimento, nada tímido, de produções voltadas para esse público. A imprensa feminina, comercial ou feminista, exerceu um proeminente papel na formação moral das mulheres letradas. Diante dessa constatação posso intuir que as revistas femininas atuaram como turbinas nos processos de manutenção e alteração do comportamento feminino brasileiro.

A revista carioca “Jornal das Moças - JM”¹⁵, destinada apenas ao público feminino e por tanto, portadora de uma pedagogia feminina, seguramente desejada e compartilhada não apenas pelas moças cariocas.

Fundada em maio de 1914, a revista tinha periodicidade semanal, permanecendo suas atividades até dezembro de 1961. Embora publicada no Rio de Janeiro, o Jornal das Moças era distribuído para várias regiões do Brasil. O periódico possuía uma média de páginas volumosa e buscava discutir vários aspectos do mundo feminino. Para fins didáticos usarei a sigla JM para me referir ao Jornal das Moças.

O texto de apresentação da primeira revista, em 1914, a define e se propõe a seguinte tarefa:

¹⁵ Um enorme acervo dos exemplares do impresso “Jornal das Moças” encontra-se disponível para acesso e *download* na página da hemeroteca Digital Brasileira, sob domínio da Biblioteca Nacional Digital. Osexemplares vão desde o primeiro, em 1914 até o último em 1961.

Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que empolgam, da música e canto que embalam, os brincos e cantos infantis que deleitam, a moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida, os conhecimentos úteis que instruem.¹⁶

O cinema *hollywoodiano* e brasileiro; dicas de beleza; culinária; moda; higiene do corpo; educação dos filhos; entre outros assuntos, faziam do JM um impresso completo para as mulheres brasileiras. “Jornal das Moças - A revista de maior penetração no lar”, esse jargão está presente em boa parte das revistas analisadas até então. Observando o periódico em seu contexto, sugere-me entender que de fato, muito mais que um jargão, o JM buscou penetrar nas esperas mais profundas dos lares brasileiros.

Embora vá analisar de forma sistemática os exemplares da década de 50 e dos anos de 1960 e 1961, busquei examinar algumas revistas anteriores a este período. Entendemos que periódicos de grande circulação e larga escala de tempo, como o Jornal das Moças, em geral carregam, excluem, incluem ou resignificam elementos de acordo com o contexto histórico.

Ainda no primeiro exemplar do JM, datado de 1914, a revista apresenta algumas características que as mulheres deveriam possuir. Para ficar mais elucidativo, já que se trata de um texto carregado de ordenações morais, importantes de serem salientadas, divido-o em dois momentos, entretanto sem interferir na ordem do texto. Intitulado por “O QUE A MULHER DEVE SER”, a coluna elenca dez importantes afirmações e conselhos.

1 – honrada por dever e não por cálculo. É uma triste verdade que nem todas as honradas se casam, mas não é também menos verdade que as maculadas só por excepção se matrimoniam.

2 – coquette com o homem a quem amou, mas não com dois ao mesmo tempo, como as vezes acontece, pois acabará por não apanhar nenhum.

3 – Usar de maior limpeza e asseio possíveis. Aos homens agrada tanto a mulher asseada como desagrada a que se descuida com a sua hygiene. Venus, em nudez, a sahir das brancas espumas das aguas, é mil vezes mais bella do que uma senhorita, cheia de enfeites e de oleos.

4 – É de bem que procure agradar o homem, pois para isso nasceu, mas sem que tente deslumbral-o, afêctando dotes e qualidades que não possui. Com cadeiras postiças e seios de algodão, raramente ateará incêndio ao combustivel do amor, ou, quando isso aconteça, bem depressa extinguirá.

5 – Vestir com simplicidade, embora com bom gosto. Não exclue a modéstia e elegância, nem aquellaexclue a arte. Se é bella de rosto e possui outros atractivosphysicos, facilmente seduzirá a quem a encare com qualquer espécie de tecido. A verdadeira formosura vence por si só. A falsa é a quetem necessidade de artificios para conquistar amores.¹⁷

¹⁶ Jornal das Moças, Ano I, número I. Rio de Janeiro, 1914.

¹⁷ Jornal das Moças, Ano I, número I. Rio de Janeiro, 1914.

O texto apreende e difunde condutas importantes, visivelmente pautadas na civilidade. Educando suas leitoras e preparando-as para exercerem sua feminilidade. Ainda com o escopo de intervir nas condutas femininas, o artigo continua:

6 – Si está enamorada e é correspondida, procure, si o seu coração consente, não ceder ao namorado mais do que a boa educação permite. Embriague-o com palavras, com suspiros, com promessas, com lágrimas, mas não consista nunca que o amor sinta o sabor dos beijos. Póde algumas vezes, quando já se sente quasi garantida pelo compromisso amoroso, fingir um instante de distração para que o namorado a beije, reclamando, porém, em seguida, em termos brandos, contra a ousadia. Isso aguçará o desejo do casamento para mais breve.

7 – quando for esposa, é que deve, mais do que nunca, galantear o marido, para que este nunca se enfare do amor conjugal. Deve procurar levantar-se mais cedo do que elle e sempre ás escuras ou sob a penumbra do aposentos, para que o marido não a veja desgrehada.

Algumas esposas, ao envez de procurarem agradar aos maridos, exibem-se, ao contrario, aos olhos delles em grosseiro desalinho, sem comprehenderem quanto podem perder com esse procedimento.

8 – Não convém despachar muitos pretendentes, pois cada vez mais escasseiam os candidatos ao matrimonio. Não sonhe com príncipes nem com titulares ou doutores. Contente-se com quem possua elementos physicos para ganhar a vida e bastante força para tomal-a em seus braços algumas vezes por semana, em attitude carinhosa.

9 – Não olhe de má vontade os homens serios. São estes os únicos que pouco falam e muito fazem pela vida.

10 – Não case com philosophos. Estes, ou são muitos distrahidos ou têm a mania de analysar tudo. Tanto num como noutra caso são maus maridos, já por falta, já por excesso.¹⁸

O texto passa claramente a opinião de que mulher nascera com a função social de conceber matrimônio. Todavia, para ter sucesso no seu desempenho, compete-lhe ter atributos pré e pós-nupcial. Agradar o homem está presente em todos. Acima de tudo, comungando com os preceitos católicos, a mulher deve ter como virtude sua honra.

As moças deveriam sim paquerar, entretanto apenas um por vez. Alerta ainda que o número de pretendentes com o passar do tempo diminuía, não sendo aconselhável despachá-los. O texto ainda destrói o sonho de almejar o príncipe encantado dos contos literários e, rapidamente prescreve os atributos que um bom pretendente deveria possuir como trabalhar para sustentar o lar e ser forte, esse segundo atribuo referindo-se à virilidade masculina. Enaltece o “homem sério” e despreza o “*philosopho*”.

¹⁸ Jornal das Moças, Ano I, número I. Rio de Janeiro, 1914.

Mesmo após casar-se, a saga feminina não acabava. Há uma veemência ao abordar a questão da limpeza pessoal, cabe salientar que nesse período o Brasil ainda vivenciava projetos de higienização, inclusive com intervenção médica. Aconselha as mulheres casadas que acordem antes dos maridos para que eles as vissem sempre arrumadas.

Chama-me a atenção o quanto a aparência ganha destaque, porém, tendo como medida a descrição, o “bom gosto” e a simplicidade, não devendo nunca apresentar-se com “cadeiras postiças e seios de algodão”. Honesta, prendada, bonita, limpa e até certa medida sedutora, compunha o leque de atributos que mulher deveria aprender.

A supracitada coluna não apresenta autoria, essa omissão merece ser analisada. Em consonância com Foucault (2001, p.274) entendemos que o escritor quando escreve, ele o faz a partir da individualização de ideias, antes universal ou homogêneo. Dessa forma, em sua função, o autor exprime “algumas características do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”.

A Revista JM chega aos anos 50 com todo vigor. Embora passados quatro décadas do objetivo inicial, já apresentado anteriormente, continua latente. Eclética nos assuntos o semanário consolida o seu trabalho, expresso pelo volume de anúncios e propagandas, de serviços e produtos mais variáveis, todos ligados ao universo feminino.

A beleza feminina, e os inúmeros produtos para esse fim estão em demasia no JM, imprimem e evidenciam o desenvolvimento industrial e comercial brasileiro e joga luz sobre as mulheres, identificando-as como consumidoras em potencial. Alude uma mulher prática, moderna e essencialmente urbana. Que trafega pelas ruas, praias, cafés e outros espaços da cidade. Sem ainda deixar de reforçar o modelo de mulher assentada no lar.

O jornal é, portanto, veículo divulgador de aspirações para o universo feminino. Importante espaço propagador de novos hábitos culturais, sociais e intelectuais.

A seguir apresentamos uma entre inúmeras propagandas comerciais de sabonetes retirada do JM.

Figura 3: Propaganda no Jornal das Moças

JORNAL DAS MOÇAS

*Não é preciso Coroa
para ser Rainha!*



 SABONETE
GESSY

*N*a mulher, a majestade reside na beleza. E é tão fácil reinar sobre os corações! Experimente usar diariamente o Sabonete GESSY. Sua espuma, suave e perfumada, torna a cutis jovem e saudável, assegurando uma coroa para cada mulher bonita.

Fonte: Jornal das Moças, 16 de maio de 1950, pag. 22.

De antemão, o volume de propagandas de marcas de sabonetes acompanhado pelo aconselhamento dos seus benefícios se usado diariamente, intui-se que a prática do banho diário e a utilização do sabonete ainda não fossem práticas rotineiras na vida das leitoras. No entanto, a escolha por esta, em detrimentos de outras imagens não se deu ao acaso, pois se destaca o Marketing, a figura de uma coroa acompanhada pela frase “Não é preciso coroa para ser rainha”.

Essa referência a mulher como rainha, especificamente, a rainha do lar, remonta a discussão de Rago (1985, p. 65), pois “certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizada pela mãe devota e inteiro sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual.” A historiadora ventilaque

o padrão feminino edificado para as mulheres da primeira metade do século XX, aloca sobre a mulher a gerência do lar, anulando o seu papel em outras esferas de forma que a desvalorização é “[...] imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.”

Observa-se, por tanto, uma tênue ligação entre o público e o privado ordenado pelo culto a aparência não apenas física. A própria família dentro dessa roupagem tem a sua intimidade envolvida por essa necessidade de externizar um estilo de vida onde a mulher seria a coluna estruturante.

A dona de casa idealizada deveria manter uma organização do cotidiano do lar e dos afazeres domésticos, cozinheira de “mão cheia”, educadora dos filhos, e não obstante possuidora de uma aparência impecável. Talvez por essa razão o JM tivesse algumas colunas permanentes voltadas para esses fins.

Encontramos várias matérias relacionadas à decoração do lar, embora três sessões me chamem atenção: Evangelho das Mães; Vamos Preparar os Quitutes e o suplemento de maior destaque, Jornal da Mulher – Figurinos e Bordados.

As capas da revista quase sempre coloridas aludem à figura feminina enquanto ser elegante e bem vestida, valorizando o corpo feminino sem com isso pôr lhes a mostra. Algumas vezes apresentando modelos nada condizentes com o clima brasileiro.

São várias as capas da revista que anunciam a existência de moldes no suplemento, sendo este um dos principais atrativos da revista, a moda. Este vinha como suplemento da revista intitulado por “Jornal da Mulher”, com dicas sobre moda baseada nas tendências nacionais, mas também na francesa, italiana e norte-americana.

Há desenhos de mulheres com diferentes looks, acompanhado de uma série de passo a passo com as noções de corte e costura. Para além do aprendizado da costura, ou atualização do mundo da moda, se percebe uma preocupação pedagógica com as questões comportamentais das leitoras. Identificam-se discursos que orientam as mulheres a terem comportamentos discretos não apenas nos espaços públicos, mas também no privado, e essa descrição partia também das indumentárias utilizadas.

Como analisado, percebo nesse impresso representações sobre as indumentárias femininas e as buscas de controle dos seus corpos e mente em uma época marcada pelo recente processo de industrialização e urbanização, logo de ampliação dos espaços de convivência femininos. Novos hábitos que geraram o ordenamento das posturas femininas nos espaços públicos e privados.

A revista carioca era destinada ao público feminino e por tanto, portadora de uma pedagogia feminina, seguramente desejada e compartilhada por mulheres de vários lugares do Brasil. A aparência feminina ganha destaque tendo como medida a descrição, o “bom gosto” e a simplicidade. Honesta, prendada, bonita, limpa e até certa medida sedutora, compunha o leque de atributos que a mulher deveria aprender. A forma de vestirem-se, as regras de etiqueta e os inúmeros comerciais de produtos de beleza têm amplo espaço no folhetim.

3.2 A Moda Feminina Cratense e a Diocese do Crato

Porque a moda feminina excede, cada vez mais, os limites da honestidade cristã. Consideramos do nosso dever dirigir um apelo à consciência de nossos filhos em N. S. Jesus - Cristo, no sentido de acatarem as determinações da Santa Sé sobre a modéstia no vestir. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.1).

Em 04 de Outubro de 1940 é publicado na cidade do Crato, localizada no cariri cearense, a carta pastoral intitulada por “Excessos da Moda”, de autoria do Bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires. A carta traz uma crítica às mudanças nas roupas femininas, a postura da Igreja frente às atitudes dessas mulheres, além de descrever o que a Igreja considerava indecente nas roupas femininas. A partir dessa carta, buscarei compreender representações sobre a mulher, inseridos no discurso de Dom Francisco de Assis Pires. Observo a Diocese do Crato e as mulheres, a partir de análise categórica de gênero dentro da perspectiva de processo histórico.

A ampliação e imposição de novos papéis sociais femininos, diferente de períodos anteriores ao século XX, vinham munidas de intencionalidades, de permanência, causando uma modificação nos comportamentos e nos desejos. Esse fenômeno é por muitos pesquisadores, agregado ao espírito de modernidade, o maior responsável pelas mudanças do universo feminino. Perrot (1991, p.10) ao analisar a relação entre o papel social da mulher e a modernidade diz que “se tornou

possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã”.

A influência da modernidade ligada a aspectos progressistas, especificamente urbanos causou mudanças, mas também reações por aqueles que buscavam preservar o que se convencionou chamar de tradicional, construindo assim, em vários momentos e espaços, pontos de tensão. Acredita-se que a carta aqui apreendida, alicerça-se nesse limiar entre o progresso e reação, entre o moderno e o tradicional, tendo como sujeitos desse enredo a Igreja Católica e as mulheres, e por que não homens, que se posicionaram favoráveis ou avessos às mudanças que ocorriam na cidade do Crato.

Dom Francisco de Assis Pires foi o segundo bispo da Diocese de Crato, tomou posse em janeiro de 1932, tendo seu bispado marcado por ter dado continuidade as ações do seu precursor, Dom Quintino, e pelas obras de assistência social. Ainda em 1939, Dom Francisco funda a Ação Católica¹⁹ Diocesana que tinha uma grande participação e ressonância entre as mulheres daquela cidade.

Assim, tem-se de um lado parte da população, em especial constituintes da elite, que aspiravam vivenciar mudanças trazidas pelos novos tempos e, por outro lado, a Diocese que via nessas mudanças uma ameaça não apenas a moral e bons costumes, mas ao lugar sócio-político que esta ocupava. Sobre essa estreita relação, destacando em especial as mulheres, Gama (2006, p.100) afirma que:

[...] É, sobretudo entre as décadas de 40 e 60, que a cidade torna-se palco de acontecimentos que contribuíram para uma efervescência discursiva imbricada de códigos de comportamento e normas de contenção da sexualidade feminina. Crato presencia o ideário de modernidade e com ele os discursos da Igreja que viam esse período como uma ameaça aos bons costumes. O cinema, o carnaval, as músicas, a moda e tantos outros signos de modernidade, despertavam os olhares de uma sociedade ainda conservadora.

Certamente, entre as várias mudanças ocorridas no período, o comportamento feminino, e dentro dele, a forma de vestir, inferiu nas relações em geral. Intui-se que são essas as razões da existência da carta pastoral sobre as vestes femininas, voltada especialmente para mulheres abastadas, já que historicamente essas mulheres são percussoras na absorção, não apenas pelo

¹⁹A Ação Católica surgiu nos anos 30 do século XX com o objetivo de fortalecer o catolicismo. Dessa forma contava com a participação dos leigos na construção da Igreja. É fundada na “premissa de uma sociedade decaída religiosa e moralmente.” (MONTENEGRO, 1972. p.157).

poder aquisitivo, mas pela própria criação menos rígida que as mulheres de menor poder aquisitivo. Além do mais, a moda em sentido comercial estava voltada para pessoas determinadas, de acordo com seus costumes, suas crenças, seu grupo social.

Assim sendo, o modo de vestir, as tendências e as pessoas que a aderem, carregam significados e dão aos sujeitos imersos por ela uma dotação de sentidos, em outras palavras, as várias probabilidades do vestir possibilitam entender a roupa como um objeto revelador de diferenciação de grupos sociais e suas vivências, entre tantas outras possibilitadas, quando se faz a conexão entre a roupa e os indivíduos. Tais conexões se fazem necessárias já que os “[...] modos de vestir, às oscilações da moda, às suas variações conforme os grupos sociais, às demarcações políticas que por sua vez se colam a uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades” são elementos ativos na identificação de diferenças e desigualdades sociais (BARROS, 2010. p.30).

Ao falar de moda, não se pode esquecer o papel e influência europeia, bastante identificada no JM, a qual seguia as tendências de mudança do próprio estilo de vida, chegando mesmo a ser elemento de distinção entre as classes sociais onde a “difusão da moda tendia a ser facilitada ou impedida pela identificação da pessoa com sua própria classe ou grupo social. [...] Para as mulheres, as roupas eram, no século XIX, expressões poderosas das hegemonias de gênero” (CREANE, 2006. p. 455).

Nesse cenário vejo o corpo feminino como lugar de disputa, que poderia ganhar significado de pureza e virtude, ou por outro lado, progressividade e desobediência cristã. Foucault (1999) demonstra os resultados obtidos sobre os corpos dos indivíduos, a partir da utilização de técnicas e poder, as quais ele chama de disciplina.

Para Foucault (1999, p.132) o corpo, nesse contexto, requer:

[...] que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade que não só é analítica e “celular”, mas também natural e orgânica.

Na apresentação da Carta Pastoral “Excessos da Moda”, Dom Francisco é enfático ao falar sobre a moda feminina, sendo visível a intenção de

disciplinamento sobre o corpo feminino, usando como justificativa o lugar social ocupado pela Igreja, como uma espécie de guardião da moral e dos bons costumes.

Munido de tamanha autoridade, o bispo dirige-se aos responsáveis pela educação das mulheres, os pais e avós, sendo chamados a supervisionar o comportamento e a forma de vestir de suas filhas e netas. Ou seja, Dom Francisco canaliza para os genitores a responsabilidade pela postura das filhas, cobrando assim, a participação nestes na vigilância daquelas. Na sua fala ele adverte que “[...] deem-lhes o bom exemplo, não consistam, nos seus lares, o uso de um *toilette* indecoroso e assim estaremos opondo barreiras aos desmandos da paganização dos costumes” (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.2)²⁰.

Dois termos são recorrentes na carta, “costumes paganistas” e “modéstia cristã”, o primeiro é associado à moda feminina como algo destrutivo da sociedade, já o segundo faz alusão às mulheres que seguem os preceitos da Igreja Católica.

Dom Francisco descreve os costumes paganistas na moda feminina como:

A paganização dos costumes se manifesta nas modas femininas. A extravagância das formas, a transparência dos tecidos, o encurtamento dos vestidos, o jogo malicioso das linhas e, não raro, a insuficiência de vestes internas são expedientes ardilosos, forjados pelos inimigos, para rebaixamento do nível moral da personalidade humana. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.2).

Historicamente a Igreja construiu discursos sobre as mulheres fazendo menção a figura feminina de forma dúbia, ora como símbolo de pureza, representada pela adoração a Virgem Maria, ora como sinônimo de tentação e pecado, representado por Eva. Em santo Agostinho, a mulher, apesar de semelhante ao homem, deve ser submissa a ele, pois a sua existência tem como justificativa ajudar o homem. Além disso, a mulher é caracterizada pelo desejo, enquanto o homem pela razão. A mulher tem como função social a procriação.

Essa visão sobre a mulher tem como um dos principais pilares, o mito sobre o pecado original. No Gênesis, está a representação sobre a mulher como ser destrutivo, na fábula do pecado original. Eva aparece desobediente e sedenta pelo poder. Pontua-se que é a mulher que comete o pecado original e que a ela está atrelada a culpa por todos os males da humanidade. Enquanto a Adão, sua desobediência a Deus é justificada pelo poder de sedução de Eva. Como castigo

²⁰ O documento na íntegra se encontra no anexo 7.

pela desobediência, ao homem é destinado o trabalho pesado e a mulher a função de parir com dor e a obediência ao homem.

A submissão da mulher é visível na carta pastoral, especificamente ao falar da modéstia necessária para as mulheres, pois essa característica “faz a felicidade do marido, a alegria dos pais, o orgulho dos irmãos, a honra da família, da sociedade e da religião” (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.3). Assim constrói-se outra imagem da mulher, essa associada à Virgem Maria, fazendo ainda um chamado pró-engajamento das mulheres presentes na Ação Católica, nas instituições educacionais ligadas a Igreja com a seguinte evocação:

Filhas de Maria! Tomai Maria Santíssima como modelo de vossa vida. Porque consagradas à Virgem das virgens, tendes mais forte razão de evitar, no vestir, tudo quando ofenda ao pudor. De nenhum modo podereis cultivar as demais virtudes como a “*virtude da moda*”. [...] Tendes a obrigação de dá o bom exemplo sempre e em toda parte. Ponderem nissos reverendos diretores das Pias Uniões e associações de todos os graus.(Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.03,04).

O culto a Virgem Maria está associado ao símbolo da pureza. As filhas de Maria deveriam trazer como virtude maior a “modéstia cristã”, a obediência incondicional. Dirigindo-se aos membros da Ação Católica, movimento mencionado anteriormente, o bispo convoca a todos os integrantes a auxiliarem na “luta” pela moralização e para darem o exemplo, salientando a subserviência esperada. “E vós, jovens e senhoras da Ação Católica, mãos a obra que é de Deus. Para longe, bem longe, o respeito humano. O Santo Padre assim o quer e manda. A obediência incondicional à voz da Igreja é condição essencial no apostolado leigo.” (Dom Francisco de Assis Pires. p.4).

Como dito inicialmente, o período em análise, representa aspirações de um mundo essencialmente urbano, que criara culturas e espaços muitas vezes alheios aos preceitos da Igreja Católica. A carta aqui em estudo é entendida uma representação da batalha da Igreja em frear, ou quem sabe, disciplinar as pessoas imersas nessa nova realidade social que se desenhava. A postura da mulher nesse novo contexto apresenta-se como uma frente, percebível nos vários comunicados do papa Pio XI. Dom Francisco transcreve algumas instruções da Sagrada Congregação do Concílio, datada de 12 de janeiro de 1930, dividida em doze pontos instruindo os párocos, pais, e professoras a combater os excessos da moda.

1. Os párocos em primeiro lugar e o pregadores, oferecendo-se ocasião, segundo a doutrina do Apóstolo Paulo (II TIM, IV, 2) listem, preguem,

peçam, repreendam para acabar com os abusos, afim de que o trajar feminino seja conforme a modéstia, e como um ornato e defesa da virtude, e advirtam os pais para não consentir que suas filhas vistam indecentemente

2. Os pais, lembrando-se da obrigação gravíssima que têm de dar a sua prole, educação moral e religiosa, empreguem especial diligencia para que suas filhas, desde a mais tenra idade, instruem solidamente na doutrina cristã, e, com suas palavras e exemplo, cultivem nelas, com empenho, o amor das virtudes da modéstia e da caridade. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.5).

Percebo que são cobradas atitudes disciplinares por parte dos clérigos no combate ao “abuso” das mulheres que ousavam contrariar as regras preestabelecidas. As vestes femininas tinham que ser condizentes com a postura esperada de uma filha da Virgem Maria, ou seja, uma insígnia virtuosa. Não obstante é o papel dos pais, na educação das filhas, principalmente a “moral e religiosa”, aos quais caberiam não apenas dá o exemplo, mas também inculcar os princípios da moral cristã, não permitindo nunca que suas filhas fizessem uso de roupas imodéstias.

Essa, ainda segundo as orientações da Sagrada Congregação, deve ser também uma tarefa das religiosas e professoras de instituições católicas. As quais são orientadas a “infundir, no espírito das meninas, o amor da modéstia, de modo que as movam eficazmente a vestir honestamente” (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.5). São instruídas a não receberem alunas com roupas indecentes e, as que por ventura, depois de admitidas passassem a fazer uso, deveriam ser expulsas.

O documento traz a tática de agregação e punição com a finalidade de refrear as ações femininas, especificamente quando diz,

7. Fundem-se e promovam-se associações piedosas femininas, cujo fim seja coibir, pelo conselho, exemplo e ação, os abusos de trajar ofendendo a modéstia cristã, e promover a pureza dos costumes e honestidade ao vestir.

8. Em quaisquer associações de mulheres não se admitam as que usam vestidos deshonestos as que porem já admitidas transgredirem esta regra, se depois de avisadas não se emendarem, sejam expulsas. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.6)

Por fim, Dom Francisco reafirma a validade de uma circular de sua Diocese de 18 de janeiro de 1937, que tem como base um documento papal de 1932. Demonstrando assim a recorrência com que a temática fora debatida pela Igreja Católica. Tal circular descreve o que a Igreja considera imodesto no vestir feminino além de apontar as restrições que as mulheres mal trajadas deveriam ser cometidas.

- 1º) Nenhum sacerdote poderá administrar os santos sacramentos da Igreja;
- 2º) Nem aceitar como madrinhas; ou testemunhas nestes sacramentos;
- 3º) Nem admiti-las nas sessões das associações pias de suas respectivas Igrejas;

[...]

VESTES INCONVENIENTES OU IMODESTAS

- 1º) São os vestidos levemente transparentes;
- 2º) Escandalosamente curtos, isto é, que não desçam abaixo dos joelhos;
- 3º) Excessivamente decotados;
- 4º) Demasiadamente ajustados ao corpo;
- 5º) De mangas que não cheguem á altura dos cotovelos;

[...]

O USO DE VESTES IMODESTAS

É rigorosamente proibida a toda mulher cristã verdadeiramente digna deste nome em qualquer tempo e lugar, na Igreja ou fora dela, nas festas religiosas e nos divertimentos profanos (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p. 7).

No trecho acima destacado ficam nítidas as punições para as mulheres que ousassem transpor as orientações católicas, estando proibidas de tal leviandade nos espaços da Igreja, mas também nos “divertimentos profanos”. Intui-se que profanos eram os espaços urbanos como cinema, bailes, festas, entre outros. Percebendo a preocupação em esconder o corpo feminino quando é descrito o que a Igreja considerava vestes inconvenientes ou imodestas.

O bispo conclui sua carta, orientando aos párocos que a lessem na missa paroquial, ou seja, a dúbia noção de mulher, por vezes alocada na imagem de Eva e outra na imagem da Virgem Maria, as influências da modernidade e a moral cristã para as mulheres se mostram presentes na carta do Dom Francisco.

4. CARTOGRAFIA DO PECADO

Olha... A primeira vez que eu estive aqui
 Foi só pra me distrair
 Eu vim em busca do amor
 [...]
 Olha...
 A segunda vez que eu estive aqui
 Já não foi pra distrair
 Eu senti saudade de você
 [...]
 Eu vou tirar você desse lugar
 Eu vou levar você pra ficar comigo
 E não interessa
 O que os outros vão pensar
 [...]
 Eu sei...
 Que você tem medo de não dar certo
 Pensa que o passado vai estar sempre perto²¹

O trecho da música acima apresentada trata-se de um clássico da Música Popular Brasileira, considerada por muitos como uma representação da “música brega”. Escrita já no ano de 1970, o compositor e cantor Odair José relata o amor entre um homem e uma prostituta, aliás, se pode proferir que o autor ocupa uma posição vanguardista ao trazer em suas composições, questões marginalizadas para a época, como o espetáculo do amor no picadeiro do baixo meretrício ou a emancipação sexual feminina pelo uso da pílula contraceptiva.

A utilização de letras musicais proporciona um opulento acervo de fontes que perpassa passado e presente, na delicada e sutil ação historiográfica e tenta fisgar, na soleira da memória, duelos entre transformações e constâncias do comportamento social.

No caso da música supracitada, aparente é essa dualidade. Embora demonstre a força de uma paixão, e talvez tenha mesmo sido essa a intenção do compositor, é visível, além disso, a carga de normas e códigos presentes naquela cena. Perceba que o sujeito munido de ações é ele, o Homem: “Eu vou tirar você desse lugar, Eu vou levar você pra ficar comigo”. Fazendo uma alusão ao papel de passividade da mulher prostituta e seu contexto social quase que eternizado, quando não intervindo por um homem.

Como o próprio Odair José também é sujeito do seu tempo, e, apesar da música ter tornando-se uma referência ao denunciar o preconceito com as mulheres

²¹Trechos da música “Eu Vou tirar você desse lugar”, de autoria do Odair José. – ODAIR JOSÉ. **Eu Vou tirar você desse lugar**. In: Odair José. São Paulo: RGE, 1986.

prostitutas, a mesma transparece o lugar social ocupado por elas. Aparente por exemplo quando apresenta que “não interessa o que os outros vão pensar”, implicações sociais determinadas pela conduta feminina comungada socialmente por homens e mulheres, presente na canção quando coloca: “Eu sei que você tem medo de não dar certo. Pensa que o passado vai estar sempre perto, e que um dia eu posso me arrepender”.

A produção aparentemente banal, a letra de uma música, possibilita pensar historicamente sobre as nuances engendradas nas práticas sociais e a partir delas. A prostituição cratense vista após o processo de urbanização, ou constituição de submundo, possibilita identificar a distinção de condutas morais femininas desejáveis e outras nem tanto, a partir do lugar que as mulheres ocupavam.

Muito mais que um fenômeno, busquei analisar a prostituição a partir de um espaço ocupado na cidade de Crato. Vejo como referência os trabalhos desenvolvidos pela historiadora Margareth Rago²² que analisa as teias do poder moral sobre a sexualidade feminina que distingue essas práticas entre lícitas e ilícitas.

A localização dos cabarés no centro da cidade causava uma linha imaginária, criando fronteiras entre as mulheres virtuosas e as mulheres pecadoras que não deviam de modo algum ter suas vidas cruzadas. Entrevistando senhoras casadas, percebi que elas se eximiam de ter qualquer contato com o universo da prostituição, como se fugissem de uma praga perniciosa, como se não tivessem desconhecimento do que havia lá, no outro lado da fronteira, nas casas de prostituição.

A fala dessas senhoras repousam, por exemplo, nas matérias jornalísticas do Jornal A Ação, as quais irei deter-me no tópico seguinte, haja vista que as considero como fenômeno trivial para o desenrolar desse estudo.

4.1A Vigília da Moral e dos Bons Costumes Através do Jornal “A Ação”.

A própria transformação da pedagogia em um curso escolar voltado para e centrado na formação de profissional para atuarem em instituições de ensino, dificultam a percepção de que vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias que operam no cotidiano visando elaborar subjetividades, produzir identidade, adestrar e dirigir corpos e

²² As obras de maior destaque são: **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar 1890-1930**, publicada em 1985 e **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930**, publicado em 1991.

gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos [...]²³

Percebo nas práticas de prostituição e principalmente nas representações sobre essa prostituição, imensuráveis práticas pedagógicas. Poderia discorrer largamente sobre os vários aspectos da pedagogia em uma perspectiva de alargamento do conceito, entretanto, busco aqui dissertar sobre essas pedagogias que fogem dos espaços escolares, práticas que se reverberam nas ações cotidianas mais banais, diluídas na construção de verdades, certezas, identidades. Tais práticas como sinaliza Albuquerque Júnior (2010), adestram e dirigem os corpos e os gestos, possibilitam “ensinar hábitos, costumes e habilidades”.

É dessa forma que percebo a atuação do jornal “A Ação” quanto à relação de toda a cidade de Crato como a Prostituição. O jornal começou a ser publicado ainda no ano de 1938, passando a ser um dos principais meios de comunicação da cidade do cariri cearense, contemplando as cidades adjacentes com inúmeros tópicos.

Como já dito anteriormente, o jornal pertencia a Diocese de Crato e esse domínio se mostrava bastante nítido nas primeiras edições. O semanário trazia na sua primeira página, o símbolo da Diocese do Crato, além de duas frases em Latim.

“*PAX CHRISTI IN REGNO CHRISTI*”, que significa “a paz de Cristo no Reino de Cristo”, fazendo alusão ao programa do pontificado do Papa Pio XI, promulgada em 1922 e “*OPUS JUSTITAE PAX*”, em português “a paz se constrói com a justiça”, lema do programa papal de Pio XII. O corpo editorial é composto, por muitos anos, pelo Pe. Antônio Feitosa e pelo historiador local J. de Figueiredo Filho, ambos reconhecidos pelo empenho em fomentar na cidade de Crato uma cultura intelectualizada através de inúmeros estudos, jornais e revistas que circularam na cidade, especialmente a partir da segunda metade do século XX.

O meu contato com o jornal “A Ação” se deu ainda na minha graduação em História, especificamente a partir do ano de 2005. Nesse período a câmera digital ainda não era tão difundida e as que eu tinha acesso não tinham resoluções necessárias para capturar as imagens com qualidade. Dessa estive por várias tardes

²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (Org.). **Pedagogias sem Fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

transcrevendo, a lápis, as matérias jornalísticas do Jornal “A Ação” disponíveis no acervo da Cúria Diocesana do Crato. Esse contato mais demorado com cada página do jornal me fez perceber a sua evolução com mais propriedade.

A primeira utilização de imagens fotográficas e ilustrações foram precisamente a partir do ano de 1944. Ao passar dos anos de publicação é evidente o espaço adquirido pelo periódico enquanto lugar singular de representação sobre as cidades caririenses, especialmente de Crato como uma cidade culta, civilizada e moralmente alinhada aos preceitos do cristianismo católico.

Nas primeiras décadas se observa o esforço jornalístico de empreender o citado jornal como uma produção caririense, como se pode observar na imagem a seguir:

Figura 4: Jornal A Ação de 23 de dezembro de 1967



Fonte: Acervo da autora.

Na década de 1960 o jornal tinha como slogan a frase “UM JORNAL DO CARIRI PARA A REGIÃO”, fazendo assim a já mencionada alusão ao semanário como uma produção da região do Cariri. Nos anos seguintes esse Slogan é modificado para “UM JORNAL DO CRATO PARA O CARIRI”, como se pode observar na edição nº 1.535, de 1976.

Figura 5: Jornal A Ação de 29 de maio de 1976



Fonte: Acervo da autora.

Ajuízo que essa mudança, a qual não se limita apenas ao slogan, se deve ao próprio momento histórico por qual passava a cidade, segundo Viana (2012), a partir da década de 1950 a cidade vivencia, até certa medida pela própria rivalidade entre Crato e Juazeiro do Norte em torno na figura do Padre Cícero, um “projeto de civilidade” que tinha a frente um grupo de intelectuais cratense, na sua grande maioria de religião católica, os quais mais tarde se tornariam a vanguarda da cultura da cidade, fundando institutos, associações, agremiações, revistas e jornais que tem como ponto agregador a “natural” predisposição da cidade em ser civilizada, urbana e moralmente condizente com os preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Portanto, na segunda metade do século XX o jornal continua seu discurso de difusão por toda a região do Cariri, mas demarca a cidade de Crato como seu berço e sua incubadora.

Outra pertinente observação, mas ainda, em certa medida, ligado ao “projeto civilizatório”, é a especial atenção que “O Ação” dá as posturas e condutas sociais, pautadas pela moral, esta última por sua vez galgada nas diretrizes da Igreja Católica.

Tais discursos contribuíram para a difusão de desejadas práticas sociais, masculinas e femininas, práticas essas cuidadosamente reforçadas e alimentadas pelas páginas do jornal.

Em um exercício de reflexão sobre os mecanismos de poder, como é o jornal em análise, entendo que seu caráter moral compõe uma tática de dominação e uma afirmação de um modelo de Ser social que tende a negar e excluir tudo que nele não se enquadra.

Em sua crítica a Moral, o filósofo Nietzsche (1999) busca mostrar o caráter absoluto dos valores construídos a partir da negação do caráter instintivo dos sujeitos. Em sua obra “Genealogia da Moral” o filósofo buscou construir uma história dos valores morais, que aponta a cultura judaico-cristã como difusora de inverdades antinaturais, definido pelo autor como um “[...] doentio moralismo que ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos”.

Essa mesma crítica é também identificada na obra “Para além do Bem e doMal” quando diz que:

[...] o cristianismo foi, até hoje, a mais funesta das presunções. Homens sem dureza e elevação suficiente para poder, como artistas, dar *forma ao homem*; homens sem longividência e força suficiente para, com umasublime vitória sobre si, deixar valer a lei primordial das mil formas de malogro e perecimento; homens sem nobreza suficiente para perceber o hiato e a hierarquia abissalmente diversos existentes entre homem e homem – esses homens, com sua —igualdade perante Deus, governam sempre o destino da Europa, até que finalmente se obteve uma espécie diminuída, quase ridícula, um animal de rebanho, um ser de boa vontade, doentio e medíocre, o europeu de hoje... (NIETZSCHE, 2005, p. 61).

Assim para Nietzsche o suposto mundo que se apresenta, constitui-se exatamente da contraposição do mundo real. Onde o “animal de rebanho”, assim chamado pelo autor, é um fruto de inúmeras construções históricas que na modernidade ganham maiores feições através dos preceitos de civilização – humanização - progresso.

Nesse estudo, aproprio-me das contribuições de Nietzsche sobre a moral e percebo, ao analisar as matérias jornalísticas do “A Ação”, uma perfeita sincronia com o conceito de “animal de rebanho” ao perceber um exercício laborioso dos sujeitos dotados de poder em cultivar as sementes para a construção de seres modernos, submissos aos valores socialmente compartilhados em um contínuo exercício, muitas vezes dolente, de negação dos instintos, negação essa vivida com mais ardor pelas mulheres.

Em todas as edições que pude analisar, é recorrente a preocupação com as condutas de homens e mulheres, mas em meados nos anos de 1950 ganha centralidade a preocupação com a sexualidade. Matérias sensacionalistas de denúncias, colunas sociais, crônicas e matérias policiais. Produções discursivas dotadas de táticas e estratégias de controle social que se voltaram para o campo do prazer e dos desejos incessantemente pulsante, o sexo.

Nesse intuito, é preciso ponderar sobre os impressos como fonte de pesquisa, sua graça e seus labirintos. Nesse fazer historiográfico é preciso ter claro que o “A Ação”, assim como todos os jornais produzem “[...] uma superposição de sentidos no texto, a narrar uma história que se pretende verídica, constituída pelo discurso jornalístico e que é, sobretudo, uma mercadoria a ser vendida”. Arisco-me a complementar a assertiva de Pesavento (2005), pois entendo que além da impressão de uma mercadoria, o jornal possibilita imprimir verdades que em dados momentos históricos podem vim a ser inquestionáveis.

Um discurso que se materializa e que em certa medida busca constituir uma ordem, “[...] fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação”.

As matérias jornalísticas analisadas são embutidas, além do aspecto moral da Igreja, pelo discurso jurídico e médico. Uma trama repleta de supostas verdades que normatizam os corpos e distingue as prostitutas enquanto corpos pervertidos, depravados e doentes física e moralmente.

Sobre essas relações de poder e a influência médica sobre a prostituição, Magali Engel (1989, p. 80) comenta que através de “[...] cores turvas, capazes de expressar a imagem da degeneração física, o médico pinta o retrato corporal da prostituta, construindo a ideia da prostituição como uma doença do corpo que corrói” onde a prostituta nada mais é do que a “[...] portadora de deletérios mortais”.

Esses corpos dotados de uma sexualidade doentia precisavam está a margem da cidade cuidadosamente desejada com trações de urbanidade, civilidade e moralidade. E coube ao jornal “A Ação” o papel de vigilância moral, bem como da saúde desses corpos que transitavam pela cidade, embora muitas vezes os mesmo escapassem dos ditames da moral. Estava em jogo um adestramento social quietinha como foco a sexualidade, especialmente a feminina, rotineiramente

classificadas por binômios de filha de Maria – filha de Eva, mulheres do lar – mulheres mundanas.

Como descreve Foucault (1988), as relações sexuais nas sociedades modernas passaram a ocupar um lugar central na produção de verdade, pois:

[...] segundo círculos cada vez mais estreitos, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural, inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder imanentes a tal discurso (p. p. 68-69).

Se na segunda metade do século XX o discurso da Igreja Católica já não poderia ser mais absoluto como na Idade Média, fica evidente nas folhas do Jornal “A Ação”, sua aproximação do discurso médico, esse último em franco crescimento.

É salutar que esse discurso médico reforma o discurso da moral cristã, pois a “[...] noção de pecado não é destruída pelo médico. Na classificação dos espaços da normalidade e da anomalia, o pecado é incorporado como substância básica para a construção do sentido moral do corpo doente” (ENGEL, 1989, p. 82).

A preocupação com a vida privada, assim como a pública, constrói um intrincado sistema de ritos que paulatinamente se estabeleceram ao cotidiano da cidade com a demarcação de espaços saudáveis e espaços malditos para onde eram canalizados todos, especialmente as mulheres, que não se enquadravam as normas morais.

Em nome do progresso, passa a ser compartilhada a necessidade de combater as práticas indesejadas para a manutenção das famílias de “bem” que precisavam estão protegidas das pragas pecaminosas da vida mundana, essa proteção era possíveis através de dispositivos de controle como o Jornal “A Ação”.

4.2. Jornal “A Ação”: Um Dispositivo de Sexualidade

A MULHER NA SOCIEDADE, segundo Paulo VI

VATICANO. Discursando ao movimento de senhoras da Itália, o Papa Paulo VI definiu em que consiste o progresso da mulher na sociedade moderna.

“O progresso social, que deve conferir à mulher um pleno reconhecimento de seus direitos, atitude, responsabilidade, não é completo, nem sempre fundado sobre sólidos princípios... Há uma mentalidade que consiste em subverter os costumes femininos, não só em seus aspectos acidentais e antiquados que podem ser objeto de crítica e transformação, mas existem valores que devem constituir sempre a honra e o empenho da verdadeira, humana e cristã feminilidade”, “Não tendes medo de assumir a guarda

vigilante da inocência, do decôro, da dignidade do sentimento ou do bom senso, pois a defesa dêesses valores diz respeito a vossos filhos, lares, escolas, trabalho, pátria e, acrescentamos a grandeza, beleza e caráter sagrado de vossa capacidade de amar”²⁴

Paginando o Jornal “A Ação”, ainda na coleta de dados da minha pesquisa de mestrado, a supracitada matéria me prendeu a atenção. Uma coluna curta,²⁵ mas com grande valor analítico devido ao seu teor discursivo. Texto supostamente escrito pelo Papa Paulo VI, se mostrou para mim um dispositivo de poder imbricado por subliminares códigos de conduta para as mulheres.

Percebe-se uma preocupação com o lugar social ocupado pelas mulheres nessa nova sociedade que desperta e impulsiona para que todos, homens e mulheres, a ganharem às ruas, os espaços de trabalho e lazer, as cidades modernas. Esse “novo” viver em sociedade causa preocupação a Igreja Católica, especialmente sobre as mulheres católicas que são convidadas, como explicita o texto jornalístico, a “assumir a guarda vigilante da inocência” em nome de um bem maior, sua “capacidade de amar”, amor esse por sua assexuado.

Vendo o jornal “A Ação” como um dispositivo largamente utilizado pelos agentes da moral e dos bons costumes cristão e me aproximando mais uma vez dos constructos de Michael Foucault.

Na obra *Microfísica do Poder*, Foucault define dispositivo como uma híbrida afluência que envolve elementos vários que vão desde os discursos, do aparelhamento dos espaços até as normatizações, em outras palavras, os dispositivos perpassam o que é tocável e visto, mas principalmente o que é imaterial, o que muitas vezes é quase imperceptível.

É a partir da existência do poder que o dispositivo, associado ao uso de estratégias, passa a operar. É dessa engrenagem que o saber passa a ser verdade a partir do discurso.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que delenascem, mas que igualmente o condicionam. E isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 2003, p.246)

No cuidado com as posturas femininas na cidade de Crato no período estudado, os diversos impressos que circulavam na cidade na segunda metade do

²⁴Jornal “A Ação” 27/06/1965

²⁵A digitalização da matéria segue em anexo.

século XX, podem ser vistos como estratégias sociais que produziram e reproduzem ideais incutidos poderes. Ainda em Foucault, os dispositivos são apresentados como disciplinadores, de poder e, o que busco aqui analisar, os dispositivos de sexualidade.

Visto estritamente ligado ao poder, o dispositivo de sexualidade é analisado pelo autor na obra “História da Sexualidade 2 – o uso dos prazeres”. Na obra o autor busca entender como os sujeitos se constituíram enquanto, especialmente na era moderna, pessoas moralmente comedidas nas suas ações mais íntimas. Vista dessa forma, o dispositivo de sexualidade se mostra um dispositivo histórico que buscou regulamentar as relações sexuais através de aparelhos de proficuidades sociais. Relações que não pautam o embargo da prática sexual, mas a regularizam através de quatro frentes estratégicas: a histerização do corpo feminino, a pedagogização do sexo da criança; socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso (1997, p.99), distribuídos em regras que estabeleciam as práticas permitidas e as práticas condenadas. “A sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder [...] esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder (p.118)”.

Entendendo o “A Ação” como um dispositivo de sexualidade, apresento a cartografia do “pecado” impressa nas páginas do semanário buscando dar sentido ao material jornalístico coletado a partir da baliza teórica apresentado.

A representação do perímetro entre a cidade apresentável e as alamedas do pecado se materializava no limite da Rua Nelson Alencar, no trecho ainda hoje corriqueiramente chamado por Rua Saudade²⁶. A senhora Cecília, casada desde 1954, define esse limiar:

O Cabaré de Glorinha ficava ali na Nelson Alencar e os homens ricos iam tudo pra lá, era sucesso, eu passava por ali perto pra encurtar o caminho. Naquela Nelson Alencar tinha a Maria Augusta, mais na frente um chamado Chico Roxo e no Manezinho que era assim esse povinho tudo baixo. Tinha o pequizeiro também que tinha muitas mulheres, era onde tinha as mulheres pobres. Agora Glorinha é porque já morreu muita gente, mas era famosa ela, é uma pessoa que era famosa mesmo.

Na mesma região são descritos quatro cabarés distintos, destinados a públicos também distintos. Havia, assim como em todas as esferas sociais, um

²⁶ A atribuição do nome Saudade a um trecho da rua será objeto de análise no capítulo seguinte.

afastamento entre os espaços de lazer populares e os elitizados. O cabaré de Glorinha²⁷, conhecido por seu esplendor, atrelou na memória da cidade do Crato, a memória saudosista das noites de boemia.

Cabaré de Glorinha, Maria Augusta, Manezinho, Chico Roxo, entre tantos outros lugares marcados pela luxúria e esbórnica de homens e mulheres que “manchavam” a imagem da cidade em progresso sem, ainda assim, se deixarem ser esquecidos pelos labirintos da memória.

Embora se faça uma distinção entre a clientela que frequentavam os cabarés citados pela senhora Cecília, o destaque é para a sua justificativa ao afirmar que “[...] *passava por ali perto, ia por perto pra encurtar o caminho*”. Quando indagada sobre os cabarés da cidade, após fazer tal afirmativa à senhora foi logo se justificando que embora não fosse aconselhável passar “*por aquelas bandas*” com frequência, ao sair do trabalho acabava “*encurtado o caminho*”.

O que se observa é a existência de uma linha imaginária, mas ao mesmo tempo bastante clara dos lugares pecaminosos da cidade, onde as mulheres de família eram expressamente proibidas de aproximar-se. Nesse contexto, o universo da prostituição passa a ser denunciado pelo Jornal “A Ação” como a morada do diabo, como se ver na edição de 1940:

Em toda parte, há a cidade de Deus e a cidade do diabo. De um lado, os que defendem os princípios eternos da Religião, concretizados na prática de preceitos de Deus e da Igreja, no zelo pela moralidade pública, no interesse pelo progresso material fundados nos valores espirituais e morais, do outro os corifeus de Satan, pleiteando e promovendo, à título de civilização, tudo quanto possa rebaixar a nobreza da personalidade humana. [...] Pois bem Senhor Prefeito, em nome dos amigos da cidade de Deus, estou pedindo a V. Excia. E ao digno delegado municipal para tomarem providências contra os repetidos sambas de “mulheres alegres” promovidos ameaçadoramente, nas adjacências do Ginásio do Crato.²⁸

O tom de denúncia acompanhado pela reivindicação para que se tomem as providências desejadas, é vista em várias passagens do jornal. Fazendo um mapeamento dos lugares que apresentam anomalias sociais e, não obstante advertindo aos pais dos labirintos pecaminosos que a cidade apresenta.

Essa vigília incansável em prol de uma cidade higienizada lança luzes não apenas para os bordeis, mas também para os malandros, mendigos, maconheiros e moças de “família” que divagavam pela cidade. Os agentes da moral

²⁷ Glorinha foi à proprietária do cabaré mais famoso da região do Cariri. Se estabelecimento será abordado no último capítulo.

²⁸ Jornal “A Ação”, pág. 2. Crato 27 de outubro de 1940

não cessavam suas farpas a todos que ousassem fugir da lógica moral de viver em sociedade urbanizada, movimentada mais também normatizada.

A tradicional feira do Crato, a qual já fiz menção na introdução desse estudo, transformou por muitos anos, as segundas-feiras em dias atípicos do cotidiano da pacata cidade de Crato. Um aglomerado número de pessoas, na grande maioria homens, tomava as ruas da cidade à busca de fazer negócios, compras e vendas, assim como diversão nos muitos cabarés e casas de jogos de carteados que a cidade oferecia.

A circulação sem propósito de moças pelas ruas onde acontecia a Feira foi tema de uma matéria do jornal em 1943. Em matérias como essas, percebo a preocupação dos agentes da moral católica quanto à normatização do comportamento feminino.

[...] muito a lamentar a facilidade com que senhoritas da nossa sociedade transitam, pelas ruas, em dias de feira, sem outro motivo que não para matar o tempo. Nos trechos mais movimentados e nas horas de mais atividade comercial, lá estão no vai e vem irritante, aos encontros, em grupos ou sozinhas, donzelas de família [...] a senhorita de feira está sujeita aos desrespeitos desses gaiatos de esquina [...] melhor seria se houvesse vigilância dos pais, em não permitir com tanta facilidade o trânsito de suas filhas pela feira.²⁹

Nota-se que ao mesmo tempo em que a imprensa apressa-se a divulgar os avanços do progresso, como por exemplo, as modernas redes de energia e telefone que estavam sendo instaladas na cidade, ela também se preocupa com o reverso desse progresso, o afrouxamento das condutas femininas, ilustrada pela matéria através do nítido incômodo que causavam as “donzelas de família” que segundo o jornal lá estavam “no vai e vem irritante”.

A circulação feminina representa a construção de novos hábitos e costumes sociais, marcado pela desordem e pela pluralidade de sujeitos. A feira de fato era o epicentro econômico da cidade de Crato que congregava comerciantes e clientes de toda a região do Cariri e das cidades adjacentes, como se pode vislumbrar na imagem retirada do Blog Tudofel, pertencente ao historiador Carlos Rafael Dias, professor da Universidade Regional do Cariri - URCA, em uma crônica intitulada “Passeio sentimental pelas ruas do Crato (A feira)”.

²⁹ Jornal “A Ação”, pág. 2. Crato 11 de abril de 1951

Figura 6: A feira do Crato



Fonte: http://tudofel.blogspot.com.br/2012/09/passeio-sentimental-pelas-ruas-do-crato_6.html
Acessado em: 26 de janeiro de 2014

A imagem remonta o comércio da feira de Crato por volta da metade do século XX, onde é possível visualizar a grande circulação de pessoas e, certamente dificultando a eficiência dos dispositivos de poder em tutelar sobre a transição das senhoritas pelas ruas da feira.

Os agentes da moral cristã, materializados no impresso em análise, não cessão em divulgar situações por eles taxativamente caracterizadas como calamidades sociais. Aliam-se ao problema das mulheres que livremente circulavam pela cidade, homens que fugiam ditames da ética católica.

Se existiu na cidade do Crato um compartilhado projeto de construção de cidade modelo, é igualmente verdade que esta cidade também sempre teve espaço para os que fugiam das rígidas regras da tradição. Grupo esse dividido entre os ousados intelectuais e suas intervenções, e pelos marginalizados, estes últimos muito próximos das zonas de prostituição.

Outra característica do Jornal “A Ação” era o viés apelativo de suas manchetes, onde dois assuntos, além da prostituição, eram recorrentes nas capas do jornal, o uso da maconha e o jogo de carteadado.

Sobre a maconha, o chamado de uma matéria é emblemático, intitulada por “Polícia Vai Divulgar <<Listão>> dos Maconheiros”³⁰, a denúncia sensacionalista desvela a presença de usuários de maconha na região. Ao deparar-me com a manchete instintivamente me apressei em pular para a edição seguinte a fim observar o tal “listão”, ledô engano. Voltei mais uma vez a edição já citada e após a leitura atenta do texto entendi o porquê dessa lista não ter sido divulgada.

Voltando para a notícia em si, tratava-se da prisão de um “malandro jogador” o qual portava uma grande quantidade de “erva maldita”, nome dado a *cannabis*, alguns comprimidos entorpecentes e um revolver. O mais interessante é o tom ameaçador do texto, nitidamente uma alerta aos filhos da sociedade que faziam uso da maconha, diz o escrito: “[...] A polícia nos informou que muita gente de bem está envolvida no assunto do ‘matinho’ e que será divulgado uma listão com os nomes dos puxadores da erva”.

Eis aí uma suposta razão para esse listão não ter sido divulgado, pelo menos no jornal, o uso recreativo da maconha por parte dos filhos da elite local. Essa suposição se confirma quando me deparo com um pequeno verbete algumas edições depois que dizia: “maconheiro é filho de papaizinho”.

Ainda detendo-me sobre a matéria do listão dos maconheiros, sermão continua com a provável declaração da polícia que diz o seguinte:

Quem tiver tirando uma onda por aí que se aprume porque poderá entrar em cana quando o papagaio começar a falar. Não falta um dedo duro para lhe apontar enquanto você tira um ronco. E se você dormir no ponto vai ter que pegar a madrugada pelo rabo e ver o sol quadrado, bichão. Cuidado meu compadre. Vai manerando por aí que a onda não é nada fraca. E não enche mais caveira, porque se não você entra numa fria e seu nome vai sair num embrulho.³¹

Ressalta a linguagem adotada no texto. Palavras coloquiais bastante distintas da formalidade presente nos textos jornalísticos do “A Ação”. “Erva maldita”, “matinho”, “puxadores de erva”, são algumas das formas adotadas para nomear a maconha. E o tom ameaçador continua com termos como “quando o papagaio começar a falar”, “bichão”, “meu compadre”, “seu nome vai sair num embrulho”. Em Foucault (2009, p.14) entendo que o próprio discurso repressor se reverte de transgressão quando ele adverte que “[...] o enunciado da opressão e a forma de pregação referem-se mutuamente; reforçam-se reciprocamente”, pois é no rito da

³⁰ Jornal “A Ação” de 21/01/1967

³¹Op. cit.

fala, sua entonação e postura na elaboração de verdades que emergem a consciência da subversão. Os mecanismos punitivos por sua vez deslocam-se da simples sanção para a edificação de subjetividades.

É nos anos sessenta do século XX que é instituído em âmbito internacional, através dos discursos médico-sanitarista, a imagem do usuário de maconha como dependente e do traficante como um criminoso, como aponta D'Elia Filho (2007) onde o uso de drogas deveria ser tratada como uma praga contaminosa.

A sociedade brasileira relaciona-se com a drogadição a partir da influencia de alguns países europeus, assim como dos Estados Unidos da América - EUA. Especificamente no intuito de construir no país uma sociedade moderna, civilizada e higienicamente harmônica. Conforme SAAD (2013, p. 55):

Certos países europeus serviam de modelo a ser seguido pelo Brasil como ideais de civilização e modernidade. Sempre à frente nas medidas que visavam a ordem e a “higiene pública”, alguns governos da Europa inspiravam a grande maioria de profissionais brasileiros, como os médicos, os engenheiros e os urbanistas. Não são raras as citações louvando ações modernizadoras empreendidas no velho mundo, assim como a realização de congressos que discutiam o alastramento de costumes tidos como prejudiciais à evolução pretendida.

O uso de maconha, assim como de álcool e o jogos de carteados eram sempre representados no Jornal “A Ação” em associação ao “baixo meretrício”, termo bastante utilizado pelo impresso para referir-se a perímetro onde havia maior concentração de cabarés.

Dois meses antes da publicação da matéria acima apresentada, encontro mais uma manchete envolvendo o uso da maconha. Dessa vez trata-se de mulheres usuárias sobre o título “**Quatro Mulheres Foram Presas Quando Puxavam a ‘ErvaMaldita’**”, como se observa na imagem que segue:

Figura 7: Jornal Ação 1966

Barbalha Perdeu Prefeito, Vice e Vereador em Dois Anos

(Leia na Página 4)

CAMPANHA POLITICA:

ATENTADO CONTRA

O NOSSO POVO!

(LEIA NA PÁGINA 3)



Praça Fio Sá foi palco de monumental comício, ontem a noite, em prol da candidatura Dr. Humberto M. Brito

A AÇÃO

Um jornal do Brasil para a República

ANO XXVII Crato Ce., 12 e 13 de Novembro de 1966-1.161

Quatro Mulheres Foram Presas Quando Puxavam a "Erva Maldita"

Aurora Conta com Telefone

Estimada informada que Aurora conta com telefone... (text continues)

Interventor para Barbalha

Interventor para Barbalha... (text continues)



Castelo Assinou Listão: Entraram 18 Pelo "Cano"!

Castelo Assinou Listão: Entraram 18 Pelo "Cano"!... (text continues)

Colégio Estadual Poderá Fazer Voltar o Clássico

Colégio Estadual Poderá Fazer Voltar o Clássico... (text continues)

AGUARDEM a marcha da apuração!

AGUARDEM a marcha da apuração!... (text continues)

Gentileza do BANCO BRINDES DE NATAL A Bablônia e Lojas A EXPOSIÇÃO

Fonte: Jornal a Ação, 12 e 13/11/1966.

O noticiário alerta para a prisão de quatro mulheres, classificadas pelo jornal como "mundanas" em que o teor depreciativo quanto às mulheres continua "[...] os nomes das fulanas: Bahiana, Pirrita, Edízia e Antônia. Os termos 'mundanas' e 'fulanas' são associadas ao mundo da prostituição, as acusadas foram detidas no 'baixo meretrício'" sob a acusação de terem sido flagradas "[...]fumavam ardentemente cigarro de maconha".³²

A matéria denuncia o que escapa entre os dedos dos agentes da moral, a depravação feminina em um processo drástico de distanciamento da imagem e

³² Jornal a Ação, 12 e 13 de Novembro de 1966, p. 1.

semelhança da Virgem Maria. A Rua Nelson Alencar, a partir do trecho popularmente conhecido por Rua da Saudade, representava a fronteira entre a cidade de Deus e a cidade do Diabo. Moças donzelas e senhoras casadas não deveriam por lá transitar, deveriam apenas saber do caldeirão de pecados que por lá, na zona de prostituição, existia.

Além da prostituição, da depravação e miséria, a tela do pecado era também ilustrada pela figura do malandro. Envolvido com o jogo do bicho e carteadado, vez por outra associado ao comércio da maconha e outros entorpecente. Na matéria jornalista acima apresentada esse definhamento moral masculino pode ser visualizado:

[...] PROCEDÊNCIA DO QUEIMANTE

Segundo declarações da pronto-prisioneira, a maconha vem de Juazeiro e é distribuída por um **malandro jogador**, conhecido por Gago. Contudo a polícia ainda não tem certeza da fonte da muamba não tendo por isso localizado o traficante [...] soubemos que existe outros suspeitos puxando aerva, já estando às autoridades ao encalço dos referidos [...].³³

A prostituição na cidade de Crato se edifica a margem do centro comercial da cidade, lugares marcado pela habitação de pessoas humildes em condições paupérrimas de sobrevivência. O “malandro jogador”, termo empregado para classificar os homens que também compunham o cenário da prostituição, era geralmente associado pelas matérias de jornais, a prática do jogo do bicho³⁴, cafetanismo, tráfico de drogas, entre outras condutas desviantes.

Os agentes da moral católica, aliados aos aparelhos médico-higienista e jurídicos “empurravam” paulatinamente prostitutas, malandros e mendigo para longe do centro da cidade.

Essa preocupação da relação entre a imagem da cidade e os cabarés é percebida em várias matérias jornalísticas do Jornal A Ação de 1966.

Intitulado por “Prostituição: Problema social complexo” assinado pelo Vicente da Frota Cavalcante, o texto faz uma reflexão sobre o abandono de menores de idade, visto como um problema ocasionado por duas frentes: a pobreza da família e a omissão do Estado. Vicente alerta inclusive a ausência de instituições de ensino para todos. Aponta como uma consequência direta e alerta para o “[...] vulto assustador de casos, o da prostituição de menores,

³³ Jornal a Ação, 12 e 13 de Novembro de 1966, p. 1. (grifo meu).

³⁴ No Jornal “A Ação” existem várias matérias sensacionalistas sobre o jogo do bicho, como se pode conferir nos anexos.

quer através da permanência das mesmas em cabarés e *boites* ou em casa de recurso”.³⁵

O escrito é uma reflexão sobre a omissão do Estado e a desatualização do código penal vigente. Demonstra o alinhamento local com as questões nacionais e interroga o Estado dizendo: “Qual a solução atual que o Estado nos apresenta, aqui ou em qualquer parte do Brasil para solucionar de tão alto interesse para a nação?”.

De forma geniosa o redator demonstra que o Estado criminaliza, mas o mesmo tempo se corrompe pela prostituição. Ele apresenta que no “Código de Menores, no Art. 130, diz que não é permitida a frequência de menores de 21 anos aos café-concertos, music-halls, cabarés, bares noturnos ou congêneres.” Continua expondo com o Art. 229 do Código Penal brasileiro, o qual “estipula [...] que se constitui crime contra os costumes manter, por conta própria ou de terceiros, casa de prostituição ou lugar destinado a encontro para fim libidinoso, haja ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente.”³⁶

Embora a Constituição considerasse crime e inclusive estabelecesse penas que ia desde multas a reclusão, ele mesmo, o Estado, não apenas tolerava como fiscalizava e arrecadava com as práticas de prostituição. Embora não fale de nomes, aliás, até o momento não identifiquei nenhuma matéria de denúncia que fizesse menção aos nomes dos proprietários, o escritor é categórico ao dizer:

A nossa cidade está repleta, em todos os seus bairros, de casas de prostituição, cabarés, *boites* e casas de recurso e, até hoje, que se constate nos Cartórios da Comarca, jamais houve qualquer processo contra os que as mantêm, desrespeitando dois Códigos e desafiando as autoridades a quem incube reprimir a prática de crimes dessa natureza.³⁷

Percebo que a prostituição vista como problema moral, assim como no discurso católico³⁸, encontra na pobreza e na maculação da carne feminina a determinação para a prostituição feminina. Compartilhando dessa ideia Cavalcante fala:

Diariamente, no Comissariado de Menores, surgem casos de sedução de menores ou corrupção, e, a solução dada aos mesmos, diante da realidade e antecedência de casos semelhantes, é, mais hoje, mais amanhã,

³⁵ Jornal A Ação, pág. 4. Crato, 01 de outubro de 1966.

³⁶ Jornal A Ação, pág. 4. Crato, 01 de outubro de 1966.

³⁷ op. Cit.

³⁸ Além da alegoria construída em torno da figura bíblica de Madalena, nos escritos de São Tomás de Aquino a prostituição foi vista como um mal necessário da humanidade.

resvalarem as menores para a mesma lama sendo recebidas nos cabarés e casas de recursos, à vista das autoridades, que fecham os olhos, calam e consentem na perpetração dos crimes.³⁹

No dia 24 do mesmo mês, ou seja, duas semanas depois desta publicação, encontro outro artigo redigido por Vicente da Frota Cavalcante, intitulado por “Menores Habitam no Baixo Meretrício”, mais uma vez se faz uma reflexão sobre a Constituição Brasileira e a omissão frente à presença de mulheres menores de idade nas zonas de prostituição.

A obra literária *Hilda Furção*, escrita por Roberto Drummond em 1991 e adaptada para minissérie pela Rede Globo de Comunicação em 1999, demonstra a estranheza social quando uma moça da classe alta mineira esbarra com o cabaré nos anos 1960.

A trama gira em torno de uma bela moça, Hilda Müller, de família abastarda e desejada por muitos. No dia do seu casamento Hilda resolve fugir e vai parar na zona de prostituição mineira, o Maravilhoso Hotel. O que gostaria de ilustrar aqui é o escândalo ocasionado por este fato, fazendo com que a imprensa montasse guarita na frente do Maravilhoso Hotel e as mais variadas camadas da sociedade mineira especulassem os motivos que justificassem o destino de Hilda.

Por toda a trama, são várias as passagens que buscam desvelar as reais razões pela qual Hilda ingressou no prostíbulo. Certamente, o reboliço acontece por não haver aparentemente um motivo real para tal destino, em sintonia com o pensamento expresso pelo cratense Vicente da Frota Cavalcante, exposto no J.A. de 1966, Hilda Müller não havia sido copulada, rejeitada pelo seu pretendente ou ainda ficara desafortunada financeiramente.

A senhora Cecília em sua entrevista, ilustra esse destino dado às moças de situações diferentes da protagonizada pelo personagem fictício de Hilda Furção. Cecília me explica que quando uma moça era maculada, o fato era ufanado por toda cidade. Expõe uma experiência bem próxima da família, com uma irmã de criação do seu pai.

Explica que a sua avó, após ter ficado viúva, casou-se com um senhor de nome Lúcio que por sua vez também era viúvo e tinha três filhos de nomes Cordeiro, Marines e Santa. A Senhora Cecília narra que o seu pai, José Candeia, tinha outra irmã, está de vínculo sanguínea chamada Ângela.

³⁹ op. cit.

Já adultas, as moças se preparavam para o matrimônio, nessa época a narradora, senhora Cecília, era muito novinha, mas recorda que Ângela e Marines noivaram na mesma época: “[...] elas noivaram, tia Ângela noivou com Chico Aniceto que é irmão do Antônio, dos Irmãos Aniceto, e Marines noivou com Zé Bernardo, um bicho que era do meio do mundo que ninguém sabia de onde era.” Descrevendo como foi à festa ela continua:

Teve o casamento. Dindinha minha avó era muito criadeira, fazia gosto as latadas não tinham luz, as latadas era maior que isso, latada é um negócio de palha que cobre e coloca os candeeiros no meio pra clarear e fazer festa. Chamavam os sanfoneiros e tocava até amanhecer, não tinha uma briga, sei que dindinha fez e as meninas noivaram e casaram tudo num dia só. Eu era meio pequena mais lembro muito bem, minha mãe era testemunha. Quando chegou os noivos ai começou aquela latada, isso era umas duas horas, o casamento era na igreja, iam de cavalo emprestado, num sei com quem e as noivam iam de banda, mulher num andava escanchada não.

Com riqueza de detalhes, a senhora Cecília narra memórias de sua Infância, quando ainda residia na zona rural da cidade do Crato. Continuando ela coloca que logo após o casamento Marines engravidou do seu marido Zé Bernardo, como ela não tinha mais mãe, sua irmã Santa, ainda solteira, foi morar com ela. Já residindo na casa de sua irmã Marines, Santa comunicou à família que o esposo de sua irmã, Zé Bernardo, havia “mexido” com ela. “*Ai minha filha, vixe Maria, Dindinha minha avó era muito revoltada porque ele fez isso com a mocinha, ele se aproveitou dela porque ela era uma pessoa ingênua, nova, atrofiada, criada sem mãe.*”

Apesar de, por toda a fala, a imagem da Santa ser narrada como a vítima, inclusive ocasionando a revolta de parte dos familiares, a sua integração ao seio familiar não foi mais permitido. Na sequência, a informante diz que o Zé Bernardo desapareceu e que Santa, embora tenha voltado para casa, logo seguiu o caminho do meretrício: “depois ela voltou pra casa da madrasta que era minha avó, mas ai já não se adaptava mais, o povo ficava com mal olhado, é muito humilhante o povo chamava logo de rapariga, ela se desertou e de lá o chão se abriu, desapareceu.”

A passagem exemplifica o quanto a vida sexual feminina era controlada pela sociedade onde a virgindade, ou a ausência, ganhava status determinante para ingressar na prostituição ou contrair matrimônio.

Longe de retratar a zona do meretrício pelos seus atrativos noturnos, o Jornal "A Ação se empenhou em mostrar os lados ruins da prostituição, pois

acreditava que “cada mundana tem uma história para contar, mas as causas da prostituição são as mesmas: miséria, salário insuficientes, desemprego, natureza do trabalho feminino e dificuldade no casamento”⁴⁰.

O J.A. de maio de 1971 traz uma entrevista imensa, realizada pelo jornalista Antônio Vicelmo com uma prostituta que trabalhava no Cabaré de Glorinha. A partir desse achado percebo, mesmo que de forma superficial, o interior desses recintos, já que a entrevista acontecera no seu quarto em uma tarde de domingo. Ele descreve o espaço dizendo que se tratava de um “apartamento simples com uma cama, um guarda-roupa amontoado de vestidos em cores berrantes e um penteador abarrotado de bibelôs. Na parede estava colocado em destaque um quadro com um diploma do MOBRAL⁴¹”.

A descrição feita pelo reporte alude a luxúria encontrada no recinto. Levando em consideração que a entrevistada trabalhava e residia no cabaré mais glamoroso da cidade e que elas, as prostitutas, são sempre lembradas pela beleza e elegância, certamente essas mulheres eram possuidoras de indumentárias ousadas e bastante chamativas para a época.

Tratava-se do quarto de Tânia, nome de guerra adotado pela jovem piauiense Maria Antônia Saturdino, também conhecida na sua cidade natal por Índia. A escolha do nome de Tânia é justificada pela beleza e também diferenciação, já que não era muito comum na época. Evidencia a necessidade de imprimir elementos de distinção frente às demais. Tânia estava estabelecida no cabaré de Glorinha a pouco mais de um ano. Ela se apresenta falando da sua estrutura familiar:

Eu tenho 25 anos de idade, meu pai é sargento da Polícia Militar do Estado do Piauí. Abandonou minha mãe quando eu tinha 3 meses de idade. Nunca mais o vi mais tenho certeza de que ele não me aceitaria se eu resolvesse voltar para casa. Segundo mamãe ele era muito ruim. Minha mãe é uma mulher muito viva. Só não estou com ela porque a situação no Piauí é péssima.⁴²

Ainda sobre sua mãe, Tânia relata os motivos de não ajudá-la financeiramente: “Não mando dinheiro para ela porque estou devendo a dona Glorinha.” A dívida com a proprietária do estabelecimento era ocasionada pela sua

⁴⁰ Jornal A Ação, pág. 7. Crato, 22 de maio de 1971.

⁴¹ MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

⁴²op. cit.

estadia. Com riqueza de detalhes, a entrevistada sinaliza que apesar da casa está sempre cheia, a maior parte dos homens iam apenas para beber.

Se referindo aos altos custos de se trabalhar para Glorinha ela diz: “[...] há noite que eu fico com dois, quatro homens, mas passo de semana sem ganhar dinheiro e não é mole pagar uma diária de 7 cruzeiros pelo quarto e comida.” Em maio de 1971 o salário mínimo era de Cr\$ 225,60⁴³, ou seja, Tânia e muitas outras mulheres pagavam em média Cr\$ 210,00, quase um salário mínimo a Glorinha referente a estadia e comida, ficando de fora ainda gastos com produtos de higiene pessoal, beleza e vestimenta.

Sobre seu pagamento ela fala: “[...] Não há cota fixa para o pagamento de uma mulher. Varia entre 15 a 50 cruzeiros. É muito difícil um homem que dê 50 cruzeiros”. Ainda fazendo uso desses números compreendo que, tendo como referência o valor de 15 cruzeiros, o recebimento de no mínimo 14 programas mensais teria como destino o pagamento ao cabaré. Tânia enfatiza que deveria “se apresentar no salão bem vestida e penteada. A dona Glorinha não gosta de mulher desarrumada”⁴⁴.

A morada do pecado, também chamada por outros de “o Reino da Glória” não se mostra tão glorioso assim, pelo menos não para as madalenas que o habitavam. Tânia, em sua fala, afirma que sua estadia no cabaré de Glorinha se dera por força das circunstâncias e apresenta por repetidas vezes o MOBREAL como horizonte emancipatório. Ressalta a forma como ocorriam às relações na escola, ela a descreve dizendo: “[...] Sinto-me muito bem no meio das freiras, das minhas colegas e das professoras. Algumas colegas pensam até que sou moça.”⁴⁵ Havia, pois, a necessidade de negar a sua profissão para assim ser aceita no espaço escolar.

Indagada sobre namoro, Tânia responde que esse foi o motivo para ter entrado na prostituição.

Meu primeiro namorado foi quem me prostituiu, mas ele não me forçou. Homem nenhum força mulher. Ele apenas me fez a seguinte proposta – EU ACREDITO QUE VOCÊ GOSTA DE MIM SE VOCÊ ME DER SUA HONRA. Não gostei da proposta ele e terminei o noivado, mas depois acabei cedendo e ele me abandonou com 7 meses de gravidez. Levei o caso ao

⁴³ Dados disponíveis em: http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.htm
Acessado em: 13 de fevereiro de 2014.

⁴⁴op. cit.

⁴⁵op. cit

conhecimento das autoridades e ele negou tudo. Eu tinha doze anos nessa época.⁴⁶

Mais uma vez me vejo frente a dois fatores que sempre se fazem presentes nas justificativas sobre o ingresso ao mundo da prostituição: pobreza e desonra. Embora se trate de uma matéria jornalística, portanto, material estritamente manipulado, entendo que o destino das moças maculadas de forma concedida ou não, tinha como destino certo os lupanares, exceto quando as famílias revestiam-se de tradição e riquezas.

Essa matéria jornalística aponta para uma representação sobre as zonas de prostituição largamente compartilhada até os dias de hoje: a pobreza e o afrouxamento moral, representada pelas armadilhas dos corpos que se deixam levar pelos prazeres carnavais, corpos esses que ocupam lugares sinalizados como espaços de degradação moral. Vista essa nítida construção dos espaços (mal)ditos, percebo a estação e toda a linha por qual passava o trem como marco fronteiro da cidade. A construção da Estrada de Ferro do Baturité teve suas obras concluídas com a construção do ponto final a cidade de Crato em 1926, um trajeto de 599 km ligavam a cidade a capital do Estado, como aponta Ana Isabel Cortez (2008, p. 11). A chegada e partida dos trens cargueiros e de passageiros foram se tornando ao longo dos anos em momentos de festividade, como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 8: Estação Ferroviária do Crato



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/crato.htm Acessado em: 28 de outubro de 2014.

⁴⁶ Jornal A Ação, pág. 7. Crato, 22 de maio de 1971.

Como aponta Cortez (2008) e sua pesquisa de mestrado, a presença do trem, e da sua estação, foram paulatinamente orquestradas a rotina da cidade. Como ilustra a imagem acima, a chegada e partida do trem eram registradas por inúmeros moradores que, como quem espera ansiosamente a chegada do progresso. “[...] O movimento na plataforma da estação cratense é uma das primeiras modificações rítmicas observadas na cidade a partir da chegada da ferrovia” (CORTEZ, 2008, p. 106).

O intelectual local Irineu Pinheira (1953, p. 52) descreve a dinamicidade da estação, pois a companhia oferecia:

[...] trens de passageiros ligam Crato à Fortaleza, às quartas, sextas e domingos. Na segunda, há composição que chega para a feira, vinda de Patos na Paraíba e volta no mesmo dia. Ainda há o expresso de Domingo e o Misto entre a capital do Estado e esta cidade.⁴⁷

Voltando mais uma vez para imagem da estação, percebo primeiramente um aglomerado de pessoas, boa parte já em dispersão, uma praça aparentemente cuidada com zelo, o prédio da estação e o trem. Na busca da construção de sentidos, arrisco-me a identificar outras características daquele cotidiano aprendidas por uma imagem fotográfica. É por trás daquele trem parado na estação que reside à Cidade do Diabo.

A linha do trem, atinge o seu ponto final após adentrar em boa parte da cidade. Anunciando a chegada de novos tempos e modificando a paisagem da pacata cidadezinha. O velho e novo se entrelaçam nas estruturas de ferro e na fumaça, criando encontros e desencontros e interferindo na organização da cidade, especialmente nos horários de chegada e de partida do trem.

Dessa forma, posso definir a estação do trem como o côncavo entre a cidade e a estrada de ferro. Identifica-se também como o espaço simbólico que delimita a cidade de Deus e a cidade do Diabo.

Os sujeitos que na imagem caminham em direção a câmera fotográfica, caminha também em direção da cidade de Deus, civilizada e moralizada, o centro da cidade. Para evidenciar essa distinção, inclusive estética da cidade, apresento o mesmo cenário, mais agora olhando para a cidade de Deus.

⁴⁷FIGUEIREDO FILHO, J. de & PINHEIRO, Irineu. *A Cidade do Crato*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1953, p. 52.

Figura 9: Foto da Praça Francisco Campos, popularmente conhecida como Praça Cristo Reis - visão da Estação Ferroviária do Crato



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/crato.htm Acessado em: 26 de dezembro de 2015.

A imagem, datada dos anos trinta do século XX, retrata a cidade a partir do prédio da Estação Férrea. À frente a Praça Francisco Campos, popularmente chamada de Cristo Reis, talvez devido à estátua de Cristo no centro da praça que de braços abertos dava as boas-vindas a todos que naquela estação desembarcavam.

A ilustração permite visualizar alguns casarões já existentes na década de trinta, a margem esquerda está o Crato Hotel, tradicional local de hospedagem de caixeiros viajantes, estabelecimento existente até hoje. Acima do morro, no lado esquerdo superior da imagem, o monumental prédio do Seminário São José, possível de ser visualizado por toda a cidade.

O lado de lá da linha do trem era composto pelos bairros Alto da Penha, Barro Vermelho e a comunidade de Gesso, essa última situado duas ruas acima da linha do trem, sendo o local de maior concentração dos cabarés e casas de jogos e carteado entre as décadas de 1950 e 1980.

O local faz divisa com o centro e mais dois bairros, o São Miguel e o Pinto Madeira. O atrelamento do nome Gesso é devido a um extenso terreno na lateral da linha do trem onde eram armazenas gipsitas, vindas na grande maioria das vezes das minas do município de Santana do Cariri. De lá, da comunidade do Gesso, as rochas embarcavam nos vagões do trem para serem beneficiadas na capital do Estado. É na extensão da linha do trem, próximo ao “campinho do Gesso”, espaço

genuinamente masculino, que vários quarteirões compostos por boates, bares, cabarés e casas de jogos, coloriam o baixo meretrício e tornavam turvas as percepções sobre o que é uma vida mundana.

4.3. As Reproduções Sobre a Moral Católica na Visão Feminina: Percepção Sobre Si e Sobre a Prostituição.

Sob a história, a memória e o esquecimento.
Sob a memória e o esquecimento, a vida.
Mas escrever a vida é outra história.
Inacabamento.
(Paul Ricoeur, 2007, P. 513)

Observar as apropriações femininas sobre as representações da moral católica a respeito do que é ser mulher, sobre a prostituição e sobre a cidade em si, mostrou-se ser uma ação desafiadora. Escrever sobre histórias de vidas que os historiadores agentes da moral, muito mais memorialistas, não capturaram é um exercício desafiador.

Se essas histórias foram negligenciadas pelos agentes do progresso, se o desenrolar do novelo da vida de mulheres comuns sempre esteve ao alcance de dispositivos de poder, como ensina Foucault (1997), acredito que é através da memória e da oralidade que se pode vim conhecer outras versões ou até mesmo reproduções sobre a história da cidade de Crato, através de um olhar feminino.

Por essa razão me permiti ouvir outras versões, a partir da história de vida de algumas mulheres, sobre o passado, a cidade e sobre si. Escolhas traçadas também pelo anseio de possibilitar a desconstrução da cristalizada memória heróica dos “herdeiros da tribo Cariri”⁴⁸, herdeiro esse do sexo masculino, bem sucedido e temente a Deus e a Igreja Católica.

Entendo esse espaço, não como o momento em “jogo luz” ou “dou voz” a algum, vejo como a possibilidade de deixar emergir memórias individuais e coletivas que, embora passem pelo crive de quem analisa, podem vim a desvelar identificações e significações construídas em contínuos processos de subjetivação e resignificação, muitas vezes marcadas pelas ausências e pelos silêncios.

Pensando a história na perspectiva do gênero feminino, identifico uma circularidade de recepções e transmissões, que embora esteja sempre em

⁴⁸ O termo “herdeiros da tribo Cariri” está presente no Hino da cidade, o qual faz uma alusão à terra cratense como predestinada para o pioneirismo.

movimento constrói as bases para uma memória social que é fixa, que se solidifica e dá sustentação as definições mais banais, como por exemplo, o que é ser homem ou mulher, bom ou mal, e assim por diante.

Para Perrot (1989, p.12), “A memória passa mais pelo modo de vida que pela variável sexo [...], sua sexualização seria constitutiva do debate das determinações sócio históricas do masculino e do feminino”. A Perspectiva da autora me fez refletir sobre os papéis sociais, masculinos e femininos, como as regras de um jogo onde homens e mulheres são intimados diariamente a exercer dentro de um leque de possibilidades e proibições.

Feitas tais ponderações apresento a história de vida de uma mulher que chamarei de Dona Toinha. Uma senhora que viveu até o início da juventude na zona rural até quando veio com toda a família morar na periferia da cidade. Atualmente está com 86 anos de vida, ficou viúva ainda muito jovem e nunca teve nenhum filho.

A conversa com dona Toinha foi bastante elucidativa, em uma tarde de 2013, na época a senhora estava com 83 anos de idade e uma memória invejável. Quando expliquei a razão da entrevista ela foi logo me dizendo “[...] pois coloca aique eu sou do ano de 1930. Com essa idade ai o povo vai dizer ‘eita’ essa veia sabe mesmo”. A entrevista foi bastante demorada mais com riqueza de detalhes, épulsante em sua fala o desejo de falar.

Na sala de sua casa é visível o apreso a Igreja Católica, imagens de Santos misturam-se aos muitos porta-retratos de sua família. Fotos que a mesma fez questão de apresentar uma a uma.

De origem pobre, viveu até a adolescência com a família na zona rural do Crato. Ela explica que até os 17 anos viveu em uma comunidade chamada de Almeças onde o pai era rendeiro. Filha mais velha de doze irmãos, além de ajudar os pais na lida da roça aprendeu a fazer trançado com fibra de agave e ela fazia esteira e outros utensílios em fibra como uma forma de ajudar a família.

O sítio a qual ela se refere fica situado em uma região chamada por Guaribas, localizada no pé da Serra da Chapada do Araripe. Para situar geograficamente a “subida” das Guaribas é uma das principais vias de acesso para a cidade assim como para o Estado como o topo. É a partir dela, dessa região, que a cidade faz divisa com o Estado do Pernambuco e Piauí. Dessa forma, embora a narrativa se refira a meados da década de 1940, a região onde ficava o sitio Almeças já representava uma importante rota da cidade. Sobre a estrada ela lembra:

“[...] eu tinha uma banquinha na beira da estrada e vendia de tudo. Vendia cachaça e fazia bolo de milho pra fazer algum tostão, eiei minha filha, naquele tempo a vida era difícil!”.

“Naquele tempo” representa para Dona Toinha momentos de dificuldades financeiras. Ela lembra com pesar das condições financeiras da família e diz que sempre se sentiu responsável em ajudar os pais e os irmãos que eram mais novos.

Quando indagada sobre a existência de escolas próximas ao sítio em que moravam ela logo se apresou em explicar que havia estudado muito pouco porque morava no sítio e escola só tinha na sede da cidade, dessa forma, segunda ela, só ia a escola as filhas dos proprietários de terras que tinham casa na cidade ou que mandavam as filhas diariamente a cavalo.

Na fala da Dona Toinha a presença religião preenche as brechas deixadas pela pobreza e principalmente pela ausência da escola. Repetidas vezes ela repete a aproximação da sua família com a religiosidade, educação religiosa que tinha a frente sua mãe e uma freira que morava na comunidade. Indagada sobre o catecismo ela narra com riqueza de detalhes:

Era a irmã Benícia, que agora ta no abrigo, e todas as quintas e domingo ela ia pra minha casa, pra casa da minha mãe, dá catecismo era legal e num era só pra nós não. Ela ensino o ato de contrição e as coisas pra confessar, não tinha nada escrito pra ninguém porque era tudo os caboclo, era tudo falando, ensina reza e depois tinha o recreio cantava e brincava de roda e cantava “o catecismo consola que nos mostra a estrada da luz quem não frequenta essa escola não sabe amar a Jesus.” e assim por diante. Ai cantávamos meninos e as meninas, depois brincava de roda. Pronto cinco horas ela ia embora.

A experiência do catecismo a Dona Toinha passou por volta dos doze anos de idade. Entendo o catecismo da Igreja Católica, como a possibilidade de ensinamento da doutrina cristã em uma perspectiva de alinhamento das condutas morais e religiosas e a introdução de novos hábitos da vida do cristão, especificamente pelo ato de confissão, culminando na primeira comunhão, momento simbólico repleto de simbologia, a maior delas o recebimento do “corpo e sangue de Cristo”, representados pela hóstia “consagrada”.

Idêntico nessa fala uma institucionalização educacional semelhante à cultura escolar. Embora não houvesse material didático, pois era “[...] tudo os caboclo”, havia uma proposta pedagógica que consistia em ensinar o ato de contrição, a como se confessar. Processo cadenciado por músicas que expressavam

a dimensão alcançada por esse processo formativo, pois, como cantou Dona Toinha “[...] *quem não frequenta essa escola não sabe amar a Jesus*”.

Ela lembra que o processo do catecismo durou mais ou menos seis meses, quando vieram a cidade, uma média de doze crianças sobre os cuidados e abrigo da irmã, Dona Toinha descreve a casa que os abrigou e todo o processo da sua primeira comunhão:

Ai ia aquela ruma de menino [...] vinha para o Crato de tarde pra se confessar. Ai falava com o padre e ele fazia a confissão dos meninos e quando era no outro dia da confissão, no domingo [...] já era a primeira comunhão e vinha tudo pra casa de pés. [...] chegava lá todas as mães ficavam alegre a minha mãe tinha uma satisfação tão grande né! Ela ficou muito feliz porque eu e todos meus irmãos fizemos a primeira comunhão.

As lembranças da narradora situam-se entre as décadas de 1930 e 1940. Em âmbito nacional o país vivenciava a ascensão de uma burguesia industrial e o declínio de uma tradicional elite agrária. Essas aspirações, marcadas pela urbanização, tornaram a educação escolar um elemento central para o progresso do país. A década de 1930 e 1940 foram significativas para o campo educacional. A ascensão de Getúlio Vargas em decorrência da revolução de 1930 marcou o fim da República Velha, e a construção de importantes órgãos como o Ministério da Educação e Saúde Pública (ROMANELLI, 2011).

Segundo Saviani (2007) o Brasil adentra ao século XX com menos de um por cento do total da população alfabetizada. Na contramão dessa constatação a primeira reforma apreendida por esse ministério, conhecida como Reforma Francisco Campos, uma série de decretos que buscavam dá organicidade ao ensino brasileiro, especialmente o Ensino Secundário e Superior (PILETTI, 1987; ROMANELLI, 2011).

A década de 1930 e as ações governamentais gestadas a partir do Ministério de Educação e os ministros Francisco Campos e Gustavo Capanema, pintam o cenário de uma equilibrada disputa sobre os rumos da educação brasileira representadas por um lado pelos defensores dos ideários católicos e do outros intelectuais advogados de uma educação renovadora (SAVIANI, 2007, p.p. 265-270). A maior expressividade dessa disputa ideológica é a IV Conferência Nacional de Educação de 1932, palco da ruptura entre os intelectuais católicos e liberais e da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

O Manifesto dos Pioneiros propunha uma nova lógica social para escola a partir da aproximação dos problemas sociais e uma redefinição do educando pautada na liberdade de expressão.

Esse acirramento entre católicos e liberais podem ser identificados nas produções intelectuais da cidade de Crato. Segundo a historiadora Otonite Cortez (2000).

Essa preocupação em demarca o pioneirismo da Igreja católica na construção de uma rede educacional da cidade é pautada por vários historiadores locais, a exemplo do texto de autoria do Padre Antônio Feitosa, autor de vários estudos sobre a cidade, na primeira edição da Revista *Itaytera*, no ano de 1955. Ele diz:

[...] Deste modo a Igreja, que havia fundado aqui, com a catequese, a instrução primária, também fundou, com o Seminário, a secundária. E quem negaria que a Igreja é, ainda hoje, o grande baluarte da educação do segundo grau entre nós? A quem devemos, além do Seminário, o Colégio Diocesano e o Ginásio e Escola Normal Santa Teresa? Excetuando-se a Escola de Comércio, tudo o que temos na esfera da educação secundária devemos a D. Luiz Antonio dos Santos, a D. Quintino Rodrigues de Oliveirae Silva, a D. Francisco de Assis Pires (FEITOSA, 1955, P. 144).⁴⁹

É nesses termos que a Igreja Católica, especialmente através da Diocese, demarca seu espaço no campo educacional como instrutora das almas e das letras. Os que não tinham capital financeiro ou cultural para frequentar a sua rede de ensino tinham o doutrinamento garantido pelo catecismo, tão importante quanto ir a escola, como expresso na fala de Dona Toinha.

Esse capital cultural visto a partir do que é simbólico constrói valores, personalidades e gostos. A esse respeito o sociólogo Bourdieu (1979) mostra que as classes sociais constroem *habitus* diversificados ancorados no seu contexto social. Essas significações se objetivam, por exemplo, na edificação dos valores, da estética de especialmente dos gostos de um grupo social. Nas palavras do autor “[...] o gosto é o princípio de tudo o que temos (pessoas e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados”. (BOURDIEU, P. 1979. p.59).

Aceitando tais proposições feitas por Bourdieu, identificamos essas reminiscências na fala da Dona Toinha ao narra sobre o retorno pra casa após sua

⁴⁹ FEITOSA, Antonio. “O papel da Igreja Católica no desenvolvimento religioso e cultural do Crato”. In: *Itaytera*, ano I, nº 1. Crato, Instituto Cultural do Cariri, 1955, pp. 143-146.

primeira eucaristia, especialmente quando destaca o “gosto” da mãe por todos os filhos terem feito o catecismo, no retorno a casa “todas as mães ficavam alegre”.

Ainda sobre a construção dos gostos e o alinhamento com a Igreja Católica, como já apresentado no capítulo anterior, especialmente no tópico 3.2, a preocupação com o comportamento feminino passava diretamente pelas vestes femininas. Ao indagar sobre sua adolescência Dona Toinha foi dizendo como deveriam se apresentar no “meio da sociedade”.

Ela diz que não tinha muitas roupas, por conta das condições financeiras, mais as que possuíam eram “todas decentes”, ela diz:

As roupas eram poucas mais eram todas finas. Roupas decentes. Assim eram compridinhas não tinha roupa sem manga, roupa nua, era tudo roupa séria. Tinha as que usavam mais decotadas, na cidade, mais no sitio não. A própria irmã Benícia, as roupas delas eram todas de manga e gola nunca vi ela de roupa sem manga, nem ela nem as irmãs dela. Mais na cidade, vez por outra tinha umas mocinha que usava uma roupas mais gaiata. Era mais as filhas desse povo rico. O padre não gostava, tinha que ter respeito né minha filha.

A forma como se vestiam as mulheres, simbolizavam a posição social através de signos impressos nas formas de apresentar o corpo, mais que também são introjetados na cuidadosa construção e imposição limiar do que seria uma mulher “decente”. Percebo que a roupa torna-se um dispositivo inquisitório que os agentes da moral não deixavam escapar. Revividas com muita lucidez pela Dona Toinha, pois a indumentária pode “estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (STALLYBRASS, 1999, p. 18).

Na fala de quem narra, a forma como os corpos eram apresentados se tinha uma distinção social e moral o que tornava as indumentárias, suas escolhas e aquisição, uma forma se perceber e de perceber o outro. Leitura de mundo construída a partir da subjetivação de códigos morais coletivamente compartilhados. E nesse interino, da leitura de si e do outro, que a roupa materializa uma norma e consolida estereótipos, a exemplo da definição do que seria uma roupa “decente” ou indecente.

A forma como Dona Toinha descreve as roupas está associada a uma memória afetiva simbolicamente marcada pelos ditames sociais onde a utilidade da roupa não acaba nela mesma. No caso das mulheres cratenses, especialmente as mulheres pobres, os tipos de roupas, as posturas e gestos, faziam parte do código.

Sobre a conduta desejada para aquelas mulheres, Dona Toinha exemplifica a postura de uma vizinha sua.

[...] o povo não queria moça enxerida. Moça enxerida que andava gaitiano o povo não gostava. Tinha umas moças que eram irmãs de um padre, Padre Zé de Bento, moravam pra baixo da gente. Esse povo estudaram ainda teve uma que veio morar na Batateira, casada com mariano. Essa moça era tão vaidosa. Elas não eram feias mais colocavam tanta coisa na cara que ficou com pano preto. Assim num tem pessoas que se exibem muito, pois era assim não eram bem vistas. O povo achavam que elas eram mangadeiras. O povo gostava mais de moça séria, que sabia se comportar nos cantos. A moça seria tinha nota dez.

“O povo”, repetidamente dito por Dona Toinha, representa para mim os olhares moralizantes da cidade. Essa narrativa é bastante elucidativa, pois expressa bem como aspectos moralizantes se reverberam nas vidas dos indivíduos. O “povo”, “gaiatano”, “vaidosa”, “mangadeiras”, adjetivo verbalizados e que ganham sentidos quando a mesma, em oposição a moça enxerida, define o que seria uma moça séria como “[...] O povo gostava mais de moça séria, que sabia se comportar nos cantos. A moça seria tinha nota dez”. Questionada sobre o que seria essa moça séria, Dona Toinha continua explicando que as mulheres além de se vestir com decência deveria também saber se comportar. Sua mãe havia sido a responsável em ensinar a todas as filhas a “[...] ter postura de gente direita, falar baixo, não se meter nas conversas, não ficar gaiatando no meio do povo”.

Gaiatando, no contexto exposto refere-se à gargalhada, ação não recomendada segundo a senhora. Recatada e silenciosa são posturas esperadas para uma moça tivesse a “nota dez”. Ela se orgulha em falar que tivera seis irmãs mulheres e que todas casaram sem dá desgosto a família. Mais uma vez ela associa o papel da Igreja na trajetória de sua família, mais sem esquecer-se da importância da figura paterna.

Segundo ela, ainda quando morava no sítio, o pai chamava uns tocadores de repente pra tocar lá mesmo na residência da família como uma forma de entreter as filhas sem sair de casa. Ele descreve a casa como um ambiente muito simples, lembrança acometida por afetividade, especialmente quando diz que “[...] não tinha nada, mais tinha paz. Dormia em paz, graças a Deus éramos alegres. Ainda descrevendo essas experiências, a ausência de coisas materiais é a todo momento substituída pela presença do afeto.

[...] as meninas minhas irmãs cantavam e todo mundo era feliz. As cadeiras lá em casa era uns bancos. Depois eu comprei umas cadeirinhas pra colocar lá e fazia as festa. Era muito simples, não tinha quase nada porque festa mais ou menos naquela época era quando casava alguém. Nós éramos muito novas, não dava pra casar, nossas festas mesmo era ir pra missa, nós sempre tivemos essa virtude.

Mais uma vez identifico os constructos de Nietzsche (2000), na fala exposta. Como rito, passado geração a geração, a moralidade cristã se concebe pela coação “[...] à qual as pessoas se sujeitam para evitar o dissabor”. Mais tarde, tornam-se “[...] quase um instinto: então ela está, como tudo que é há muito tempo habitual e natural, ligada ao prazer – e passa a ser chamada de virtude” (2000, p. 98). Em outras palavras, a disparidade social da época, as privações pessoas são convertidas na fala de Dona Toinha em uma virtude cristã.

Ainda narrando sobre sua trajetória de vida, ela conta que aos dezessete anos passou a residir no perímetro urbano, na parte periférica da cidade, onde ela continuou fazendo seus artesanatos e vendendo comidas. Em 1954, portanto aos vinte e quatro anos, casou-se com um comerciante local, vinte e três anos mais velho que ela. Quando passou a residir no centro da cidade e a vivenciar com mais frequência os espaços da cidade.

Ela identifica os espaços destinados a diversão juvenil, com destaque para a Praça Siqueira Campos, já analisado no segundo capítulo desse estudo. Dona Toinha descreve:

Naquele tempo a Praça Siqueira Campos tinha umas moças bonitas e os rapazes ficavam observando. Aquela Praça Siqueira Campos num era todo mundo que ficava passeando não, era mais do povo rico da sociedade. Tinha o cassino, tinha o Moderno ali no calçadão do lado. O Moderno era um cinema muito bonito, muito bom.

O cinema ocupou um importante espaço no entretenimento cratense, segundo a historiadora Cortez (2000), entre os anos de 1950 e 1970 a cidade chegou a possuir seis cinemas em franco funcionamento. O primeiro cinema da cidade foi fundado no início do século vinte, pelo italiano Vittorio di Maio, em 1911.

O habito de ir ao cinema também acompanhado pelas folhas do jornal “A Ação”. Em novembro de 1959 a Diocese cria o “Departamento Diocesano de Cinema – DDC” o qual passou a manter uma coluna semanal no “A Ação” como notícias sobre o mundo da sétima arte, críticas a filmes, cursos de formação e a programação atualizada dos filmes que estariam em cartaz na cidade.

A imagem a seguir, retirada do Jornal “A Ação” de 1970, expressa a atuação do DDC,

Figura 10: Jornal A Ação 07 de março de 1970



Fonte: Acervo da autora.

A coluna era intitulada por “CINEMA, Escola de Hoje”. A edição de 07 de março de 1970 traz, além da programação da semana, um balancete de atuação do Departamento Diocesano na cidade de Crato. Entre os vários números apresentados, uma vasta quantidade de cursos, participação radiofônica e o expressivo número de 117 colunas sobre o cinema no Jornal “A Ação”.

Uma preocupação, além das prévias recomendações sobre os filmes, são os horários das sessões, onde moças e casais de namorados não deveriam ir às sessões mais tarde da noite. A Dona Toinha não deixou escapar esse detalhe, ela diz:

Era cheio de gente no domingo, tinhas as sessões de nove e dez, eu cansei de ir mais meu marido, agente ficava lá depois vinha pra casa. Às vezes eu nem queria muito ir mais minha irmã já era noiva e a pobizinha era doída por cinema e pai não deixava. Era rígido meu pai! Ai nós ia, mais nessas sessões mais tarde moça desacompanhada ou só com o namorado não ia de jeito nenhum.

É nesse momento da conversa que consigo vislumbrar com mais clareza as relações construídas entre a moral católica e o controle feminino, traduzidos na fala de Dona Toinha da seguinte forma: “*Era uma cobrança, era uma exigência terrível, e a minha filha só bastava o povo dizer ‘vixe, fulana tá com um xodó’ já era uma desmoralização e os pais caíam encima*”. Sem arriscar-me a fazer aqui generalizações, percebo na fala que narra uma preocupação em deixar explícito que a rigidez com que as mulheres eram tratadas se dava de forma muito mais explícita sobre as moças pobres.

A esse respeito ela me conta dois exemplos distintos sobre a “desonra” feminina. O primeiro sobre o envolvimento de uma moça de família abastarda com um renomado médico da cidade.

Eu me lembro de um caso do Doutor Gesteira. Ele namorava com a filha de seu Aurélio Belém. Uma moça rica lá do sítio São Gonçalo e ele ia ficar mais ela. Ele era um rapaz rico, e ela também. Ele era casado, agora não me lembro o nome da esposa dele. Mais ela, a filha de seu Belém, morreu sozinha, nunca casou. Quem ia querer? O doutor Gesteira bebia muito, mais era uma pessoa boa. Muita gente diz que foi operado ele depois dele ter morrido.

Antes de continuar abordando sobre o exemplo dado pela Dona Toinha, é preciso contextualizar quem foi Doutor Gesteira. Tradicionalmente no dia de finados o cemitério fica repleto de familiares que vão visitar os túmulos dos parentes falecidos. De forma bizarra, as minhas primeiras percepções sobre quem seria o Doutor Gesteira vêm das memórias de infância e das visitas ao cemitério. O túmulo do referido médico fica próximo ao da minha família, de onde observavam a grande movimentação de pessoas e de velas que eram acessas naquele jazigo. Lembro que eu ficava deslumbrada com as velas que se torciam ao calor do ambiente, ocasionadas pela propagação da fama de milagreiro do médico.

Em um artigo da Revista Itaytera de 1988 Barbosa filho conta a trajetória do promissor médico até chegar à cidade em 1940. Segundo Barbosa Filho (1988), o Doutor Gesteira atuava “[...] atendendo a quantos o procuravam no Hospital São Francisco de Assis, onde chegou a chefiar o corpo cirúrgico daquele Nosocômio de nossa urbe, pelos conhecimentos de que já era portador emérito (BARBOSA FILHO, 1988, p.168).

Além da atribuição de santo popular, ou a ligação com o espiritismo, ao Doutor Gesteira é atribuída ainda uma evolução qualitativa no campo cirúrgico e sua

característica maior, a filantropia. Ainda nas palavras de Barbosa Filho (1988, p.168):

A sua atuação de médico competente e filantropo se fez presente, ainda, no seu modesto consultório, onde o cliente, se pobre, além da consulta grátis e do atendimento humanizado, as mais das vezes, gratuitamente recebia o medicamento ou o dinheiro correspondente, para adquiri-lo nas farmácias.

Observo na biografia construída por Barbosa Filho, bem como pelas repetidas afirmações de Dona Toinha de que tratava-se de “uma pessoa muito boa”, uma minimização da sua concomitante vida privada, marcada pelo alcoolismo e pelo adultério. Essa mesma prudência não é tomada com a *“filha do seu Belém”, expressa na fala como aquela que [...] morreu sozinha, nunca casou. Quem ia querer?”*

Questionada sobre a esposa do Doutor Gesteira, Dona Toinha diz não saber muito sobre ela e emendou afirmando que *“[...] era comum dos homens ter namorada mesmo sendo casado. As mulher brigava, mas aguentava a barra.”* Para ela a justificativa para essa relação de submissão estava ligada ao aspectos financeiro, já que geralmente era o homem o responsável pelo provimento familiar. Ela continua:

[...] E tinha que aguentar, a mulher não trabalhava. Nem se separava, era muito difícil, eu nunca conheci nenhum caso que ela por mais humilhada que fosse nunca se separou. Nunca conheci, a mulher tinha que aguentar a barra. Não trabalhava né, ele é que mantinha com tudo. Aí tinha que aguentar.

Contrariando a sua própria fala, ela afirma sempre ter trabalhado, mesmo depois de casada. Embora o marido tivesse uma vida financeira estabilizada, a mesma continuou a trabalhar para poder ajudar sua família.

A outra recordação citada pela Dona Toinha é ainda dá época em que morava na zona rural. Segundo ela *“[...] quando uma moça era desonrada, vixe! Era um falatório que o povo não dormia, ‘vixe tu soube mulher?’ Era tão rigoroso no outro tempo, num é como agora não.”*

Ela lembra que perto de onde morava havia uns “moradores”, arrendatários de terra, que o pai já havia morrido e a mãe já estava doente, tendo apenas quatro filhas, mais uma vez emerge na fala a figura masculina enquanto sujeito moralizador. Ela diz: *“[...] era quatro moças e nenhum homem. Já eram moças veia, não gostavam de namoro, era tudo incuidinha”.*

Manifesta-se nas palavras de Dona Toinha outra terminologia feminina, a “moça veia”, mulheres que não casarão ou seguiram a vida religiosa. Pessoas que carregavam a estigma de desuso social, tornando-se motivo para chacota como se observa na debochada letra musical do alagoano Luiz Wanderley de 1955:

A moça veia quando vai se confessar.
Pergunta pra seu padre.
Sé é pecado namorar.
O Padre diz minha filha vai rezar.
Que moça veia não precisa se casar.
Tira pó Vitalina bota pó.
Que a moça veia não sai mais do caritó.
[...]
A Moça veia quando é demanhazinha.
Passa creme passa rugi.
Pra ficar engracadinha.
Mais não adianta ela fica mais feinha.
Tira pó Vitalina bota pó.
Que a moça veia não sai mais do caritó.⁵⁰

Vitalina, personagem da letra musical, é pintada como uma pessoa que segue os ditames da Igreja católica, representada pelo ato de confissão, mais que busca a todo momento sair da condição do caritó, ou seja, adquirir casamento. O mau humor e a ausência de beleza e são outros adjetivos concedidos a moça velha, definidos por Dona Toinha como “incuidinha”. Assim como na letra música, entre as irmãs narradas, havia uma que “[...] era mais enxiridinha, mais saída, mais comunicativa como o povo”. Segundo ela “[...]a bichinha doida pra casar, arrumou um noivo da Luanda”.

Luanda é outra comunidade rural da cidade de Crato. Ela explica que em determinada estação do ano havia a moagem da cana-de-açúcar, momento onde eram contratados vários homens das comunidades vizinhas. A “moça velha” em questão chamarei de Anita e seu namorado da comunidade Luanda chamarei de Raimundo.

Anita e Raimundo namoraram por alguns meses até quando Dona Toinhahavia sido chamada pelo proprietário das terras, que lhe disse:

Antônia, você por favor vá na casa de Maria e diga a Anita que se ela não casar daqui pra outra semana ela desocupe minhas terras”. Eu fiquei com tanta pena, umas miseráveis que só tinha uma casinha de palha. [...] eu seu que nosso senhor ajudou a ela e fizeram o casamento.

⁵⁰LUIZ WANDERLEY. **Moça Véia**. In: LUIZ WANDERLEY. O mundo girou com Wanderley Luiz. Rio de Janeiro: Polydor, 1955.

Segundo a Dona Toinha, até chegar o dia do casamento Anita ficou isolada, ninguém há via ou tinha contato. Ela assemelha a uma “praga”, pois nenhum pai queria que suas filhas tivessem contato. Destacam-se também os traços coronelistas com que o proprietário das terras intimida Anita. Reminiscências de um mandonismo que não se limitava as terras, uma forma de controle e poder social sobre aqueles rendeiros de sua terra. Na fala de Dona Toinha ele, o proprietário das terras, estava certo. Pois “[...] eles só tinha mais rincha com ela porque ela gostava de homem”.

Ela diz que a Anita teve sorte por ter conseguido casar, pois geralmente o destino era a prostituição, destino justificado “[...] *porque o povo não gostava de ficarcom elas em casa [...] algumas que ficavam porque tem pai que não tem moral, mais tem pai que não dava cobertura, tinha que sair de casa, era deserdada*”.

Sobre a prostituição, fio condutor desse estudo, Dona Toinha entende que as causas que levavam as mulheres a prostituição era a renegação da sociedade em consequência dos “passos maus dados”, da iniciação da vida sexual fora dos tatames dos matrimoniais.

Embora traga em sua fala um forte arraigamento dos discursos da moral católica, Antonia se mostra uma pessoa transgressora em alguns momentos. Ela diz que “[...] naquela época tinha aquela Rua Nelson Alencar era um formigueiro de cabaré, mulher direito não passava nem perto”. O trecho a qual era se refere é o trecho, já mencionado nesse estudo, conhecido como Rua da Saudade. Ela continua dizendo que por volta dos anos cinquenta ela começou a trabalhar na unidade do SESC, ainda hoje situado na Rua André Cartaxo e que para “[...] encurtar o caminho pro serviço sempre passava por lá”. Ainda caracterizando a região ela conta:

[...] nesse tempo vinha muito viajante que chegava no trem e vinha tudo se hospedar no Crato Hotel, no Tabajara e também no Pálace hotel, era o melhor hotel. De forma que por ali na Nelson Alencar eram os cabarés e os homens ricos iam tudo. Eu passava por ali perto, ia por dentro pra adiantar.

Com muita presteza Dona Toinha traça o que eu chamei de cartografia do pecado. Os hotéis em que os homens, na grande maioria caixeiros viajante, ficavam hospedados, estavam geograficamente no perímetro próximo a Rua da Saudade e a linha do trem. Ela afirma que uma vizinha “[...] engomava muito para os viajantes, que era roupa de linho, e ia deixar as roupas lá”. Ainda definindo as fronteiras do pecado ela continua: “[...] ali naquela Rua do ginásio, tinha lá um pequizeiro, ali tinha

Na visão de Dona Toinha, as pessoas que moravam “[...] *pro lado de lá mesmo sem ter envolvimento com esse povo era perseguido*”. Lembrou-se uma amiga que morava no “[...] *Barro Vermelho que consegui emprego, mesmo em casa de família, tinha que mentir. Era o jeito! O povo não dava trégua minha filha.*”

Como se observa na fala, a prostituição e sua repressão eram sentidas por pessoas comuns, muitas vezes alheias aquele universo, mais que ficavam marcadas pelo campo espacial que transitavam, ficavam marcadas pela estigmatização social.

A esse respeito Dona Toinha relata que,

[...] essas mulheres ficavam isoladas, nunca andava assim, não se misturavam, eram muito reservadas. Tinha os homens que procuravam elas, tinha os homens do Crato mesmo e tinha os viajantes que ganhavam muito dinheiro. O cabaré mais alinhado do mesmo era o de Glorinha, o sucesso maior do mundo, aquelas casas ali que tem oficinas era tudo deles ali.

A dupla moral masculina pulsa na fala de Dona Antonia. Durante toda a sua narrativa, embora muitas vezes compadecesse com a situação de outras mulheres, sentimento genuinamente cristão, o sentido punitivo sempre recai sobre as mulheres. A poligamia masculina é sempre apontada de norma naturalizada, elas, as prostitutas, “[...] *ficavam isoladas, nunca andava assim, não se misturavam*”. Eles, os homens “[...] do Crato mesmo” ou viajantes, são caracterizados como clientes que “procuravam elas”, a mercadoria.

Analisando a fala de Antônia, idêntico uma sintonia com o discurso encontrado das muitas edições do Jornal “A Ação”. Valores construídos pelo cristianismo, como a valorização da virgindade e a condenação dos prazeres carnis.

Após longa conversa com a Dona Toinha, pergunte sobre o paradeiro do seu marido e ela respondeu-me que ele havia morrido ainda em 1966. Nessa hora espantei-me e perguntei por que ela não havia casado novamente. Ela sorriu e disse: “Deus me livre e a virgem santíssima! Eu fiquei viúva aos trinta e seis anos de idade mais nunca passou pela minha cabeça arrumar outro, sou mulher de um homem só. Deus me livre!”.

5. RUA DA SAUDADE E A ALEGORIA DO PRAZER: A ALTERIDADE DA MORAL

Saudades, só portugueses
conseguem senti-las bem,
porque têm essa palavra para
dizer que as têm.
(Fernando Pessoa)⁵¹

No verso do poeta português a palavra Saudade ganha na língua mátria o caráter de distinção. Existente apenas na língua portuguesa, “Saudade” é o termo utilizado para expressar os sentimentos de distância, perda, ausência. Em geral, associada a relações que envolvem sentimentos, como apego e afeto, a palavra Saudade adjunta ao Amor, têm o seu lugar garantido nas mais variadas expressões culturais da Língua Portuguesa.

Como se uma dependesse da outra, “Saudade” e “Amor” ganharam na produção literária o seu maior reduto. Em *Ópera do Malandro* (1977), Chico Buarque de Holanda, escreve uma das maiores expressões, pelos menos pra mim, do que seria esse sentimento chamado Saudade. Intitulada por “Pedaço de Mim” o poeta faz menção ao sentimento como uma parte constituinte do corpo e, não necessariamente um sentimento bom. Nas palavras do poeta a saudade seria: “o pior tormento. É pior do que o esquecimento. É pior do que se entrevar”. Mais à frente Chico Buarque coloca a Saudade como expressão da dor de uma perda “[...] a saudade é o revés de um parto. A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu”.⁵²

Visto dessa forma, trago a palavra Saudade tal como nas expressões literárias. Um exercício da memória para manter vivas lembranças de momentos e pessoas queridas, a Saudade se reveste de Memória e está “[...] se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e as relações das coisas.” A memória como incondicional e a história como sua concorrente, a primeira “[...] é um absoluto, a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p.9).

Em meados da década de 1960, um trecho da Rua Nelson Alencar, localizada no centro da cidade do Crato, passou a ser chamada por muitos homenspor “Rua da Saudade”. Acontece que chegou uma juíza a cidade, a senhora

⁵¹PESSOA, Fernando. **Quadras ao Gosto Popular**. 6ª ed. Lisboa: Ática, 1973.

⁵² HOLANDA, Chico Buarque de. **Pedaço de mim**. In: HOLANDA, Chico Buarque de. *Álbum Ópera do malandro*. Interpretação de Chico Buarque e Zizi Possi. Rio de Janeiro: Polygram’Philips, 1977.

Auri Moura Costa⁵³, que implacavelmente determinou a retirada das casas de tolerância do centro da cidade. Foi preciso uma mulher com magistral para pôr fim aquela corriola de prazeres e pecados bem no coração da cidade, que o Jornal A Ação já vinha denunciando desde a década de 1950.

Para melhor compreensão apresento uma imagem da sua extensão com a ajuda do *Google Maps*.

Mapa 2: Centro da cidade do Crato, em destaque a Rua Nelson Alencar, conhecida como a “Rua da Saudade”



Fonte: <https://maps.google.com.br/maps?q=rua+nelson+alencar+crato+ceara&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x7a1848417db55f5:0xaa04da608adc3e36,Rua+Nelson+Alencar++Centro,+CE,+63100-110&gl=br&ei=EaGnUsKzAcX1kQeu1ICYBA&ved=0CC8Q8gEwAA>.

Acessado em 10 de Dezembro de 2013.

A Rua Nelson Alencar, situada no centro da cidade, é bastante extensa. Em umas das suas extremidades, no trecho superior da imagem, localizavam-se os prostíbulos, no cruzamento com as Ruas Almirante Alexandrino e a Mons. Esmeraldo. Na sua continuação está a Praça Cristos Reis e mais a frente um

⁵³ Elegidas por alguns como a primeira juíza do Brasil, nomeada em 1939 para a comarca de Várzea Alegre, no cariri cearense. Havendo ela, na década de 1960, designada a trabalhar na comarca do Crato.

prédiobastante oponente pertencente à Diocese do Crato, o Colégio Diocesano⁴⁹. A via encontra no seu término o Cemitério Municipal Nossa Senhora da Piedade.

Ironicamente vida e morte marcam a Rua Nelson Alencar, constituindo inevitavelmente este como um lugar de memória. Como coloca Nora “[...] a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o tempo do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte materializar para prender o máximo de sentidos num mínimo de sinais” (1993, p. 22).

Na busca de não deixar morrer os áuricos dias da juventude, aquele trecho da via batizado por “Rua da Saudade”, como se quisessem imprimir sobre a memória da cidade uma saudosa e doce lembrança do reduto da boemia cratense.

É nesse entroncamento de vias que me vejo como sujeito oculto dessa história, ou ainda fruto da metamorfose de resignificação da memória aventada por Pierre Nora e sinalizado por mim na introdução deste estudo através do poema de Cecília Meireles.

Talvez para se sentirem vivos, muitos desses senhores e senhoras se fazem presentes na *internet* a partir nas redes sociais. Para expressar o sentimento de saudade que ecoa visivelmente nas falas e nos textos tecidos pro estes sujeitos, apresento um trecho do poema de José Flávio, médico de renome na cidade, Ele se lembra da Rua da Saudade da seguinte forma:

Havia um certo estigma premonitório no nome da ruazinha, lê-se nos olhos baços de “Marreco”. Templo de boêmios, de bêbados, de putas e poetas, conheceu mais que ninguém a alma desta cidade. Conviveu com suas pulsões mais profundas, com aquela argamassa de ambições, desejos, frustrações, desigualdades que cimenta todas nossas relações humanas. Assistiu a toda uma geração de cratenses desnudos de todos véus das convenções sociais. Fragilidades, fraquezas, perversões, defeitos expostos como uma carniça fervilhante. (J Flávio de, 2012).

Com bastante nostalgia a Rua da Saudade é descrita pelo médico. Figurada pela “alegoria do prazer”, os jovens senhores boêmios do Crato parecem não cansar-se de rememorar os tempos áureos da mocidade. Talvez por isso ainda hoje resistam ao tempo, como militantes da memória, firmemente sentados nos bancos da Praça Siqueira Campos, referenciada hoje como a praça dos velhos, nas páginas da internet ou nas rádios locais.

Quem sabe seja essa também a razão para tantos eventos embalados pela nostalgia. “Carnaval da Saudade”, “São João da Saudade”, “Amigos da Praça”

e por ai vai. A proposta desse último capítulo caminhará nessa linha, entender a gênese da memória nostálgica da boemia cratense, em especial o sentimento de negação da verdade impressa pelos olhos conservadores.

Na fase inicial desse estudo pensei em dedicar último capítulo inteiramente as falas masculinas mais dois fatores mudaram o rumo desse texto. O primeiro deles foi silêncio masculino, que em partes associa ao fato da pesquisadora ser mulher, segundo é que ao passo em que foi amadurecendo minhas leituras teóricas e da própria historiografia local, passei a entender que a fala masculina aqui, representaria o óbvio, o que já se sabia. A descoberta estaria na fala das mulheres, protagonistas desse enredo.

5.1 O Glorinha: O cabaré que ficou na história

Falar de prostituição na cidade do Crato é necessariamente reportar-se a ao Cabaré de Glorinha. Uma figura imagética da memória alegórica da cidade.

Uma História de vida pontuada pela força, altivez, respeito e afetividade. História marcada pelo paradoxo entre apreço aos valores sociais e quebra de paradigmas.
Que o Senhor, juiz compassivo e justo, a acolha na Sua eterna glória⁵⁴.

A passagem acima destaca descreve a vida Maria da Glória Pereira no santinho distribuído na missa de sétimo dia do seu falecimento. Uma “História marcada pelo paradoxo entre apreço aos valores sociais e quebra de paradigmas”, perfeita definição do significado simbólico que o nome Glorinha representa na memória local.

Tão paradoxal quanto à vida de Glória é a memória da cidade do Crato. Ao mesmo tempo em que é enaltecido seu “pioneirismo” regional, é rememorado corriqueiramente os áureos tempo do cabaré de Glorinha. Inicialmente iria fazer nesse espaço uma mini biografia da vida de Maria da Glória, porém no desenrolar das entrevistas percebi que mais importante que a história de vida seria as representações imagéticas de sua atuação enquanto proprietária de um cabaré.

As pessoas entrevistadas, sem exceção, têm como referência o cabaré de Glorinha. Vejo o cabaré em questão permeado pelo imaginário da cidade. Entendo imaginário como parte constituinte da própria realidade que, em consonância com

⁵⁴Santinho da missa de sétimo dia de falecimento de Maria da Glória Pereira. Dia 28 de outubro de 2001.

Swain (1994, p. 56), ambos, realidade e imaginário, se entrelaçam na construção da memória, “[...] não como opostos, mas como dimensões formadoras do social, em um processo atualizador imbricado; imaginário e real não se distinguem, senão arbitrariamente”.

O Bataclan, por exemplo, imortalizado na obra de Jorge Amado, retrata um tradicional cabaré da cidade de Ilhéus – BA, palco de várias tramas que em muito assemelha-se com as narrativas sobre o cabaré de Glorinha. Realidade e imaginário são o combustível dessas memórias.

Nessa parte do texto, além das mulheres entrevistada, contei ainda com a colaboração de três homens que indiretamente estavam ligados ao cabaré, mas sem isso serem clientes, aos quais darei nomes fictícios, são eles: Assis, um pipoqueiro bastante conhecido na cidade, Antônio taxista local e um “malandro jogador”, José. Busquei montar essa construção, presente no imaginário social, a partir das características mais recorrentes nas falas, primeiramente a elegância.

A mulher mais fina chama-se Glorinha, ela desfilava, era um desfile de sapato, desfile no salto alto. Ela era baixinha, era morena, nem branca e nem preta. E era conhecida na história como a mais fina e chamava sapato Luiz XV né. Ela pisava firme, era bonitona. (JOSÉ, 2014).

Assim é descrita Glorinha nas palavras de José. O sapato Luiz XV é uma referência para muito que tiveram a oportunidade de conhecê-la. Dona Toinha (2012) também cita a postura de Gloria, “[...] era muito desdente ela. Assim, se você encontrasse ela no meio da rua, não tinha quem disse que ela era o que era. Tava sempre de salto alto, pronta.” A elegância traduzida no seu corpo, na sua indumentária, estende-se ao seu estabelecimento. Teresinha, frequentadora do cabaré de Glorinha, onde ia “[...] enfeitar as meninas dela”, também menciona sua habilidade com o salto alto, diz que ela “[...] ela parecia uma moça. As pernas bem feitinhas, só andava toda importante. Ela era a cara daquelas artista das novelas antiga”.

Cida, casada com um bancário, descreve Glorinha:

[...] eu mesmo não tinha preconceito de não passar lá por frente. Por sinal, dona Glorinha era uma pessoa educadíssima. Conhecia pessoalmente, colega de dizer “oi, tudo bem? Como é que vai a senhora?”. A gente se encontrava na botique da Neide, que era uma botique chique que tinha aqui e ela era uma pessoa que falava com todo mundo, era muito chique. Não era uma pessoa, quer dizer, as pessoas que tinham acesso a ela

gostavam muito porque ela era uma pessoa muito respeitadora. Isso todo mundo fala. Muito respeitadora (Cida, 2016).

Vanice, uma ex-prostituta da época em análise, descreve de forma pormenorizada o glamour do estabelecimento:

Sim, em Glorinha entrei muito. Entrei muito em Glorinha, são sabe? Ela era louca pra mim morar lá, ela tinha uma fala grossa. Eu entrava lá e ela lá no pedestal dela. Era madame, minha filha! A pitera dela, o cigarro chegada era essa a distancia dela. A taça de whisky assim, bebia muito. A taça de whisky e cigarro. [...] E os homem que frequentava lá era só barão mesmo (Vanice, 2015).

Na descrição é evidenciado o lugar de Glorinha dentro de seu estabelecimento, “o pedestal”. Sendo está a segunda característica do estabelecimento, a habilidade de Maria da Glória para os negócios. Segundo Vanice, “[...] o aniversário de Glorinha era a festa mais chique do Crato. Era festa chique, não era todo mundo que era convidado e era lá na boate”. Nessa oportunidade, segundo Vanice, a boate era fechada apenas para os convidados, que eram “[...] aqueles homens escolhidos, os doutor, os bancários, os políticos do Crato e ela aquela coisa mais chique. As mulheres já sabiam onde os maridos estavam naquele dia.

Nas falas de Vanice, Teresinha e José, frequentadores do ambiente, Glorinha não se prostituía, sendo apenas cafetina. Residia em outro endereço mais mantinha um rígido controle sobre suas meninas. O principal atributo do estabelecimento era a beleza e elegância de suas funcionárias. Seu Antônio (2014) conta que a maior parte das mulheres que trabalhavam no cabaré de Glorinha vinham de outros lugares “[...] Fortaleza, Piauí, Bahia, de todo canto do Brasil, [...] quando chegava menina nova lá era o comentário entre os homens”.

Glorinha, diferente das moças que trabalhavam na sua boate, ou nas outras, era vista com frequência no centro da cidade, sem aparentemente, sofrer qualquer tipo de repressão ou discriminação por ser dona de um prostíbulo. Cida (2016) descreve:

Tinha muita gente que não falava com dona Glorinha porque era dona da boate, mas dona Glorinha era altamente chique. Ela com aquelas unhas desse tamanho, maior do que isso, fumava muito. O salto fino, de meia fina, os vestidos da moda, comprava lá em Neide as roupas, muito bonitas! O cabelo toda vida assim escovado pra fora, louro. Não era loura branca, loura normal. Era magrinha. Glorinha ia pra uma rua de salto, encontrava ela na rua de salto, aquela sandália que antigamente era fechada e vinha

as tirinhas pra trás, abotoava aqui de lado, ou sapato fechado do saltinho fino, era desse jeito.

Talvez a cuidadosa seleção e o ríspido controle sobre suas funcionárias e frequentadores edificaram um diferencial, mais também a imposição, até certa medida, de um respeito social. Em detrimento ao que acontecia em Glorinha, o “malandro” das noites José, descreve que quando funcionava na Rua Nelson Alencar, haviam vários outros cabarés na vizinhança, mais nenhum chegava a ter a estrutura que o cabaré de Glorinha tivera. José explica que na mesma rua que Glorinha havia os seguintes cabarés:

Olhe minha filha, ninguém conhece esses cabarés antigos mais do que eu. No tempo que Glorinha funcionava encima do Bar Tamandaré, porque era encima, no primeiro andar. No mesmo quarteirão tinha Zéfa Galdino, Odilon. Tinha várias na rua dali. Tinha o Chico Preá, esse era os brega mesmo, sabe. Era Vitorino, era Das Dores, Manezinho e as outras mulher, acho que não me lembro o nome. Era várias boate e Braga, mais nenhuma chegava aos pés de Glorinha. Isso foi até os anos de 62 quando juíza tirou e mandou prender tudo.

No perímetro de um quarteirão pequeno seu José apontou seis cabarés, deixando de fora os cabarés que não lembrou os nomes. Após a retirada dos cabarés da Rua Nelson Alencar, como mencionado pelo narrador, a nova concentração do pecado, ou do prazer, passou a ser a região do Gesso, como já explicitado anteriormente.

Nessa nova odisseia do prazer, vários cabarés, bares e casas de carteadado abriam suas portas todos os dias, construindo uma oportunidade denegócios. José fala que foi lá onde teve a oportunidade de abrir seu primeiro empreendimento, uma casa de jogos.

Pra trás eu trabalhava nas casas de jogo. Era empregado das casas de jogo. Trabalhei uns quatro a cinco anos empregado, depois eu botei a minha lá no gesso. Até hoje, faz quarenta anos. O jogo era perseguido. Não é um comércio, é uma contravenção.

No Brasil, Os jogos de azar estão historicamente associados às práticas de prostituição. Por sua vez a construção imagética da figura do malandro é perpassada pela indisposição ao trabalho e práticas ilícitas, a exemplo, os jogos de carteadado.

Além dos bares e das casas de jogos, havia um comércio de ambulantes que noite a fora testemunhavas aquela rotina do Gesso. A esse respeito conversei

com um velho ambulante da cidade que, no ano de 2013, já estava com oitenta e nove anos. Seu Assis, vendedor de guloseimas na Praça da Sé por sessenta anos, foi a primeira que conversei, mais pra minha frustração, por mais que eu fizesse questionamentos ele sempre permanecia monossilábico e desconfortável com o rumo da conversa. Exceto no momento em que expõe as suas atividades comerciais na comunidade do Gesso. Ele diz:

Cansei de torrar pipoca lá. A noite era um movimento maior do mundo. O cabaré era lá. Tinha festa toda noite. Às vezes tinha sanfoneiro, às vezes tinha cantador de todo jeito. O divertimento lá era grande. Aí dava era muita gente e eu ia pra lá pra apurar uma coisinha.

Ele explica que durante o dia trabalhava na indústria e os filhos tomavam conta dos carrinhos de bombons e pipoca. Após as vinte duas horas, ele “subia pra lá. Mais em Dona Glorinha eu nunca entrei não senhora, ali só os figuras da cidade” (Assis, 2013).

Seu Antônio, que atendia aos chamados dos clientes dos cabarés, também sinaliza nunca ter entrado em Glorinha.

[...] quando fechou a Rua da Saudade ela abriu o negócio dela na no Gesso. Ai lá a gente já via as mulher e nessa época eu já era taxista, só que o taxista na época, ano de 1960, anos 60... 62 mais ou menos. O taxista não tinha o privilégio de entrar lá, deixava o cliente na porta, ia embora, recebia o dinheiro e pegava o beco. Ficava lá não. Quando precisava também de um táxi eles ligavam pro posto e a gente ia lá e pegava o cliente, tinha o contato. Qualquer um dos táxis, ou do posto Ceará ou do Posto Siqueira Campos, ninguém entrava lá. Era meio complicada a Velha, meio durona (Antônio, 2014).

Percebo nas falas desses senhores que mesmo diante do afluxo mercado dos prazeres, que o cabaré de Glorinha é retratado não apenas como um espaço de amores febris, mais um território onde afluem distinções sociais, de onde denotam práticas que vão para além dos prazeres carnais. Vejo que dentro da oferta dos serviços prestados, o sexo, constrói-se uma hierarquia entre os cabarés, sendo ela, a Glorinha, o topo da pirâmide.

Aloco os discursos sobre o cabaré de Glorinha entrelaçado ao projeto civilizatório da cidade, já amplamente abordado nesse estudo. Se a prostituição poderia ser interpretada como um mal necessário, esse mal precisava ser normatizado, precisava ser moralizado. A proibição da circulação daquelas

mulheres, a elegâncias com que deveriam se portar no salão são partes integradoras de um possível modelo de prostituição civilizada, moralizada.

Emerge assim à terceira peculiaridade do cabaré de Glorinha, a moral. Nas palavras de seu José “[...] *Glorinha era uma mulher que tinha muita moral, não entrava gatinha lá, só entrava gente mais ou menos. A boate era conhecida*”. Nesse momento ele descreve o comportamento de suas funcionárias, cuidadosamente acompanhadas por Maria da Glória. Ele diz: “[...] *eram diferentes as mulheres de Glorinha, elas não andavam mostrando as pernas, de jeito nenhum.*” Esse adestramento de suas meninas é assegurado pela rispidez, segundo ele, “[...] *ela humilhava as menina que trabalhava pra ela. Se tinha uma pessoa que ela não gostasse, ela não tinha a educação de dizer que aquilo não era certo, muitas vezes ela deixou elas no relento*”.

No “relento”, como proferido pelo seu José, significa sem abrigo, sem teto. Muitas vezes ações energizadas pelo poder impulsionavam essas mulheres a adorar um estilo de vida nômade, onde a cada cidade adotavam um novo nome e um novo lar, levando consigo apenas as memórias das glórias e dores sentidas nesses ambientes.

Cida conta que, mesmo sendo casada e não tendo nenhuma ligação com o mundo da prostituição, desde que passou a residir na cidade de Crato sempre ouviu falar do requinte e respeito que Glorinha colocava em seu estabelecimento. Ela conta que “[...] *uma pessoa lá dentro do movimento dela lá disse que era o maior respeito. Os homens que vão lá tinha que ser rigorosamente respeitador, não tinha coisa de chegar e criar baderna porque ela botava pra fora*” (Cida, 2016).

O malandro jogador, seu José, não deixa escapar a amplitude que o cabaré de Glorinha alcançou. Falando de uma temporada que passara em um garimpo ele diz:

Ela era tão conhecida que tem uma cidade no Mato Grosso, e eu tava nesses lugar, aí meus amigo fomos dar uma voltinha nas quebrada, chegamo lá e uns cabra lá “você são de onde? Somo do Ceará. De qual cidade? Do Crato. Você conhece Glorinha lá no Crato?” Eles perguntaram. Era conhecida de mais. Isso em 74. Nem televisão não tinha e os caba sabia.

Maria da Glória Pereira faleceu em outubro de 2001 aos oitenta anos. Suas atividades já haviam sido encerradas na década de noventa. Caracterizado no seu “santinho” da missa de sétimo dia com “força”, “altivez”, “respeito” e

“afetividade”, penso que o maior feito dela e do seu Cabaré foi imprimir na memória da cidade de Crato, contrariando as ações dos agentes da moral católica, a história de uma prostituição que não carrega consigo apenas a deploração humana, e um sentimento tão forte quanto à memória, o saudosismo de uma era que ficara eternizada naquele pedacinho da Rua Nelson Alencar com “Rua da Saudade”.

5.2 Cida: A Forasteira Desquitada

A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir. (CALVINO, 1990, p.23).

Na procura de memórias femininas sobre a cidade de Crato em consonância com o que objetivei estudar, a senhora que aqui chamarei de Cida, prendeu-me na escuta da sua história de vida, especialmente pelo lugar, ou melhor, pelos lugares que aquela jovem senhora de sorriso fácil transitara e transgredira na cidade e na vida.

Atualmente com 73 anos de idade, Cida chegou à cidade no final da década de 1960 acompanhada do seu esposo, o qual havia passado em concurso público para bancário do Banco do Brasil - BB, assumindo seu posto na Agência de Crato.

Não posso trazer à baía as memórias do passado de Cida, sem antes tentar descrevê-la atualmente.

Cida convive a vinte três anos com seu segundo companheiro, dezenove anos mais novo. A aparência e a forma como se veste me remete a lugares e tempos bem distantes daquele contexto da cidade de Crato em uma manhã qualquer de 2016, em que conversávamos e tomávamos café. Os seus vários acessórios de prata e sua indumentária representaram para mim uma figura mística de cigana ou uma personagem de documentário sobre o *Woodstock Music & Art Fair*, bom, seja qual for à semelhança, em nada lembra as demais senhoras que tive contato ao longo dessa pesquisa.

Embora Cida se apresente como uma pessoa a frente do seu tempo, e também da cidadezinha em que vivera boa parte de sua vida, ficando explícito em sua fala essa necessidade de se colocar como alguém distinta de todo aquele lugar, a redundância da cidade e da memória, a qual Calvino (1990, p. 23) traz no epígrafe

desse texto, se faz presente na narrativa de Cida em um movimento gondolar que ora rompe, como uma forasteira social, com os códigos morais compartilhados pela cidade e ora tenta enquadrar-se, especialmente quando fala nos cuidados que tivera com sua filha.

Para entender mais sobre a história de Cida, a questioneei sobre sua vida antes do primeiro casamento e da sua vinda para a cidade de Crato. Ela fala sobre a sua infância e adolescência na cidade de Crateús, localizado no sertão cearense, e começa refletindo sobre a educação que tivera recebido do pai. Ela diz:

Às vezes eu falo assim, a educação que eu tenho, fora a educação que o meu pai me deu que não tinha nem instrução, meu pai não sabia nem ler direito, [...] era aquela coisa rigorosa, tu sabe como é. De dormir oito horas da noite e não se agarrar com homem na frente, essa foi a educação familiar que eu tive. (Cida, 2016)

Ao falar da rigurosidade com que foi criada, imediatamente Cida se lembra de um episódio que vivera ainda adolescente. Próximo aos festejos de São João, uma senhora parente de sua mãe que morava na mesma rua de sua residência, foi até a sua casa pedi para que seu pai a deixasse ir aos festejos, ela narra a fala da senhora: *“seu Amadeu, eu vim lhe pedir uma coisa, eu vim lhe pedir pra o senhor deixar a Cida ir pra festa de São João com a gente. Eu vou levar ela, eu vou levar a Auristela, vou levar não sei quem, não sei quem [...]”*. Ela lembra, com muito ranço, inclusive adjetiva o seu pai com palavras negativas ao se referir ao tratamento recebido.

O relato de Cida desnuda os tratamentos recebidos pelas *“moças de família”* ou simplesmente *“moças”*. Por várias vezes a narradora utiliza a frase *“quando eu era moça”*, a qual se refere à época em que era virgem, onde era socialmente compreendido que a virgindade seria uma condição para ser moça pois aquelas que já haviam iniciado sua vida sexual, independentemente da idade, era vista como mulher. Ou seja, a classificação de moça, nessa perspectiva, não está ligada a mocidade ou a juventude, e sim a sua prostração sexual.

Para que essa condição, a virgindade das mulheres solteiras, se mantivesse até o matrimônio, evitando assim que a condição sexual das filhas ou irmãs não levasse a família a uma espécie de ruína social, foram vários os dispositivos utilizados para o controle das mesmas. Como aponta Foucault (1988, p. 145) “[...] Não se deve imaginar uma instância autônoma do sexo que produza,

secundariamente, os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de toda a sua superfície de contato com o poder”. Tratando sobre a edificação de relações sociais nas civilizações ocidentais, a partir do binômio poder e história, e seus desdobramentos na construção de verdades, para o autor o sexo é:

[...] o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres. Poder-se-ia acrescentar que "o sexo" exerce uma outra função ainda, que atravessa e sustém as primeiras. Papel, desta vez, mais prático do que teórico. É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (FOUCAULT, 1988, p.p. 145-146)

Para Foucault (1988) o sexo passa a compor os discursos e a exigir práticas a partir do estabelecimento de padrões já consolidados, no caso das culturas ocidentais, através de normativas sociais desenvolvidas a partir do estabelecimento de dispositivos sexuais.

Essa preocupação com a honra da família associada à situação sexual feminina é identificada na narrativa de Cida. Retomando sua fala, ela lembra que na sua juventude havia vários festejos na cidade mais que as moças só poderiam ir se fossem acompanhadas com uma pessoa mais velha, sendo esta, alguém moralmente respeitada pela sociedade. Na ocasião em que a prima de sua mãe foi pedir ao seu pai para levá-la aos festejos de São José, ela relata a resposta do seu pai que disse “Não, não tem problema não, eu deixo. Eu só não deixo ela sair quando não tem com quem, mas tendo uma companhia boa eu deixo, eu vou mandar não sei quem ajeitar uma roupa pra ela ir”.

Na fala de Cida é possível observar uma pausa, como quem procura as palavras certas, é quando desabrocha uma gargalhada acompanhada do comentário “*eita homem covarde!*”. Ela diz quando a senhora saiu eles estabeleceram o seguinte diálogo:

- *oh, você não vai não viu. Olhe, você não vai! De hoje, já to lhe dizendo desde hoje que você não vai.*
- *Oxente papai, por que eu não vou? Eu vou com qualquer roupa*
- *Não é por causa da roupa não é porque você não vai. A pessoa pra levar três, quatro pessoas lá vai dá de conta!?*

“A pessoa pra levar três, quatro pessoas lá vai dá de conta!” ajuíza o pai de Cida. O “dá de conta” significa a supervisão dos corpos daquelas três ou quatro moças que iriam aos festejos com uma mesma senhora. Tratava-se, na verdade, da recorrente preocupação em manter a castidade da filha, evitando assim um possível escândalo na cidade. As roupas e as companhias constituem assim um simbólico elemento de domínio sobre os corpos femininos, uma ferramenta de controle social, persistentemente utilizados pelos agentes da moral, em nome da tradição familiar.

Ao aprofundar na descrição sobre o seu pai, Cida transcreve também a importância da família frente a sociedade, seja nos aspectos morais, seja nos aspectos financeiros. Ela diz: *“meu pai era da família de gente, de pessoas que tinham as coisas, meu pai trabalhava no armazém dos irmãos, numa loja grande que vendia tudo, a gente nunca passou necessidade, mas não tinha luxo.”* Por “família de gente” entende-se um grupo familiar que carrega uma genealogia erigida nos valores morais desejados.

Na descrição sobre distinção de sua família, Cida descreve também as dissimilaridades quanto aos aspectos educacionais formais dela e do seu irmão mais novo. Pois enquanto seu irmão estudara, segundo sua avaliação, no melhor colégio particular da cidade, custeado por uma tia que tinha um maior poder aquisitivo, ainda criança Cida havia frequentado a casa de uma senhora que ensinava a meninas a ler e escrever, embora fosse um serviço pago, não chegava a ser uma escola.

Embora os dispositivos utilizados pela família de Cida no que concerne a manutenção da honra da família não tenha, aparentemente, uma ligação direta com sua escolarização a mesma reitera que, preocupados com a sua educação, mais tarde havia estudado por três anos em um colégio confessional na cidade de Teresina, capital do Piauí.

Yvonne Knibiehler (2016) em um estudo sobre a história da virgindade, ao relacioná-la aos preceitos do cristianismo afirma que:

Muito além da virtude moral, a virgindade foi objeto, na religião cristã, de uma verdadeira transfiguração: ela foi idealizada como a via de acesso mais direta à santidade, [...] uma vez que permite às meninas recusar o casamento comum para se dedicar a Deus, o cristianismo inventa uma liberdade e uma transcendência especificamente femininas. Para as que se tornam “esposas do Cristo”, a virgindade se inflama com uma espiritualidade sublime (2016, p.13).

A vida religiosa constituiu-se historicamente, com uma alternativa, um possível destino para as moças que não conceberam matrimônio. Nessa mesma

perspectiva, os colégios religiosos femininos ofertavam muito mais que instrução, preparavam as moças para que se tornassem futuras esposas, dedicadas e honestas.

É pertinente destacar que no advento do século XX, com o processo de industrialização e urbanização a educação escolar tornou-se objeto de disputa entre católicos e liberais como aponta Cury (1984). No que concerne a atuação da Igreja Católica, a educação passou a ser um importante mecanismo de atuação com a finalidade de neutralizar as influências do pensamento liberal. Essa preocupação com rumos da sociedade, atravessadas pelas novas possibilidades de viver em coletividade, são perceptíveis nos apontamentos do Concílio do Vaticano II. Sobre a educação escolar o documento *Gravissimum Educationis* de 1965 diz:

Assim, a escola católica, enquanto se abre convenientemente às condições do progresso do nosso tempo, educa os alunos na promoção eficaz do bem da cidade terrestre, e prepara-os para o serviço da dilatação do reino de Deus, para que, pelo exercício duma vida exemplar e apostólica, se tornem como que o fermento salutar da comunidade humana (GRAVISSIMUM EDUCATIONIS, 1965)⁵⁵.

São várias as instituições educacionais confessionais, femininas e masculinas, edificadas na primeira metade do século XX por todas as regiões do Brasil. É possível ajuizar que nessas instituições prezava-se pela construção de futuras esposas-mãe erigidas por valores católicos e meticulosamente castradas em gestos, ações e pensamentos.

Cida viveu quase três anos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Teresina – PI. Sua passagem por tal instituição se dera pelo fato de sua avó ter conseguido uma bolsa de estudo, devido à influência de sua família e a existência de tio que era padre.

A educação católica no cenário piauiense, é marcada pela instalação de colégios confessionais, tanto masculinos como femininos, como se pode visualizar na imagem a seguir, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, ainda hoje em atividade, funciona em imponente prédio:

⁵⁵ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acessado em 12 de janeiro de 2013.

Figura 11: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina - PI



Fonte: Acervo da Autora

Em uma manhã do mês de janeiro de 1954, aos onze anos de idade Cida havia sido deixada por sua avó nessa instituição, chamado por ela de “colégio de freiras”. Ela lembra que chegara a escola no final do mês de janeiro, mais que as aulas só começariam no mês de março, tempo este, narrado por Cida como “[...] *um mês e pouco esperando pra começar as aulas e de doença, uma febre emocional de tanta tristeza, eu só tinha 11 anos né!*”. Ela recorda que nesse período ficou sozinha na enfermaria, acompanhada uma das internas que era órfã. A justificativa da febre é exposta por Cida a partir da comparação entra o seu cotidiano na escola e a dissonância com a vida que levava na sua cidade. Ela diz: “[...] *Um colégio imenso e você criada nas calçadas, que eu era lá em Crateús, criada nas calçadas, tomando banho no rio que passava no fundo da casa e ir embora assim. Ave Maria!*”

Indagada sobre a educação que recebera no colégio Cida é imperiosa ao afirmar que tudo que aprendera sobre organização, limpeza, de como se comportar a mesa, ela deve aquela escola. Ela explica a importância dessas instruções,

assoalha também mecanismos de construção de disciplinamentos dos corpos femininos. Ela expõe: [...]eu quero lhe dizer que a educação, por exemplo, de comer, de servir, de dormir. No colégio eles ensinavam até a gente a dormir ‘oh, se deite direito, fecha essas pernas’”.

A vigilância sobre os corpos, assim como os lugares que estes, os corpos, ocupavam dentro daquele espaço, se dava inclusive na hora de dormir. Cida descreve com riqueza de detalhes o dormitório. Ela diz:

Porque assim, tinha aquele dormitório bem grande, cheio de caminha. Aquelas caminha Gerdal. Não tinha umas caminhas assim antiga? Antigo, de campanha, que tinha aquela madeira redonda. Tudo igual, que elas eram com a mola e os colchão de palha em cima, não era colchão de mola não. Quando apareceu uma criatura lá com um colchão de mola do Castelo do Piauí, era riquíssima.

Cida conta que no período em que ficou interna no colégio aprendeu a ter “disciplina”, pois havia uma rigorosidade quanto aos horários e as atividades. Segundo ela, no dormitório era constante a presença de uma freira, responsável por manter a ordem e por ordenar os corpos despojados. Era constante a averiguação da Freira e, nas palavras de Cida, “[...] se você tivesse dormindo de perna aberta, escancarada, ela ia lá e dizia ‘minha filha, durma direito, durma assim, assim, assim’”.

A cama da freira ficava, estrategicamente, no início do dormitório, ao lado da porta. Seu espaço era demarcado pela instalação de uma cortina, que era sempre utilizada quando a freira trocava de roupa.

A presença de homens era algo limitado na instituição. Segundo Cida só adentrava a escola o motorista escolar, que conduzia as alunas externas, o padre e o coroinha, ainda assim apenas na hora de celebrar a missa. Mesmo com a presença de vários mecanismos de vigilância, havia naquele espaço comportamentos que fugiam das normas. A entrevistada narra um caso específico.

Tinha uma moça, muito bonita ela. Era rica! Ai chegou um dia que passou a dormi no isolamento, que era o dormitório de quem ficava de castigo. Aí sei que ela passou a dormir lá isolada e ninguém sabia o porquê. Quando chegou as férias ela foi pra casa e não voltou mais, foi transferida. Foi quando descobrimos que essa aluna, por várias vezes à noite, quando tava todo mundo dormindo ela ia se deitar com as colegas para namorar. Nessa época não existia esse negócio de lesbica né!

Embora todas as tentativas de controle sobre aquelas moças, no episódio narrado é evidenciado os escapes das alunas internas. Mais certamente, a rigorosidade é a tônica nas lembranças dela, pois havia hora para tudo. A rotina era rígida, “[...] às seis da manhã e assistia a missa, depois tomava o café da manhã e depois ia pra aula, tudo em fila. [...] na hora das refeições, caso tivesse algo que não quisesse comer, tinha que chamar a freira e perguntar se poderia deixar no prato.”

Com um ar de ironia ela lembra que foi no colégio onde aprendeu a gostar de quiabo, pois a freira lhe disse que não poderia mais deixá-lo no prato.

Sobre os conhecimentos, além das disciplinas de português, matemática, ciência, história, aprendeu também a bordar. E, por repetidas vezes, diz acreditar que, caso houvesse continuado a estudar lá, hoje seria uma professora, pois era esse o direcionamento da instituição.

A saudade que sentia dos pais e irmãos, associado à rigidez com que era tratada no colégio interno, logo se tornou natural. Embora tenha sofrido no início, Cida adaptou-se e queria ter continuado. Porém, após três anos interna, Cida tivera enfim, a oportunidade de passar as férias em casa.

De volta a sua cidade natal, o seu pai não lhe deixou mais voltar à escola e, uma das razões, seria a doença da sua mãe. Desse fato ela lamenta:

[...] A infelicidade, assim... porque quando eu voltei pra Crateús, meu pai não deixou mais eu voltar de tão ignorante não deixou. Porque se ele tivesse deixado eu tinha me tornado uma professora ou uma coisa mais... aí, mas também eu fui cuidar da minha mãe que era parálitica e tudo [...] Talvez se eu tivesse estudado muito, tivesse continuado como era no colégio eu tinha sido na vida uma coisa mais...

O desaponto quanto a interrupção dos estudos de Cida é marcado por uma doença hereditária, chamada Ataxia do Cerebelo, a qual manifestava-se principalmente as mulheres da família. Desta enfermidade Cida perdeu precocemente a mãe e a irmã mais velha. Falando do seu sofrimento devido a doença que assolava a família, é enfatizado o ano em que completara 15 anos. Ela diz: “[...] Pra você ter uma ideia, eu completo ano no dia 5 de julho, eu completei 15 anos, no dia 25 a minha mãe morreu. Meu presente de aniversário de 15 anos.”

Aos quinze anos já era responsável por todas as tarefas domésticas, atendendo as necessidades do seu pai e do seu irmão mais novo. Anos depois o seu pai casou-se novamente, ainda assim Cida continuará com as responsabilidades da casa.

A doença que assolava sua família foi responsável também pela dor da perda do seu primeiro amor. Ela narra que gostava de um rapaz que trabalhava no 4º Batalhão Ferroviário, o qual chegou a namorá-lo cerca de dois anos, frequentava a sua casa e demonstrava ter a intenção de casar. Entretanto, sem nenhum motivo aparente ele começou a afastar-se de Cida, ela avalia:

[...] depois ele começou a se afastar e eu sofri muito porque eu gostava muito dele, era o melhor dos meus namorados e eu sem saber o que era, eu não fazia nada pra esse rapaz se afastar. Aí quando foi um dia, ele morava numa república, ele e mais três porque ele era de Sobral. Aí Edinho Soares, um rapaz que morava com ele, e eu só falava nele [...] aí Soares um dia conversando e eu falando no Xavier ele disse “olha, vou lhe dizer uma coisa, Xavier gostava muito de você e eu acredito que ele ainda gosta. Ele se afastou de você com medo de você ter a mesma doença de sua mãe.”

Cida sofrera pela perda do amor mais também pelas razões que o fez lhe abandonar. Como alento, Cida passara seis meses em Teresina – PI, na casa de uns tios, na busca de reencontrar seu equilíbrio.

Outro fator relevante na história de vida de Cida foi à relação que tivera com sua madrasta, principalmente porque continuará sobre ela a responsabilidade de cuidar da casa. Ela conta:

[...] eu sempre fui uma pessoa que acordava cedo, que cuidava no almoço. Ela tinha uma história de uma alergia que não podia ver uma poeira. É claro! Eu varria casa [...] Ela ia lá pra casa da mãe dela pra não pegar poeira. Não varria uma casa, não varria uma casa. Quando não tinha empregada eu fazia tudo. Ela um tempo inventou de fazer salgado e bolo pra fora. Olha aqui, passa a mão aqui... um calo de rodar o cilindro e abrir massa de pastel que não tinha comprado feito. E eu não tinha nenhuma mesada pra dizer assim “Cida vou lhe dar toda semana tanto”.

A falta de liberdade também é pontuada por Cida. Ela recorda que o seu pai sempre saía para caçar aos sábados e nesses dias sempre acontecia festa na AABB da cidade que começava às 19 horas e se entendia até as 22 horas. Sempre que pedia a autorização a sua madrasta para ir a festa a resposta era sempre a mesma. Ela narra: “Não, você não vai não. Vai não porque seu pai quando chegar amanhã se souber vai criar problema. Vem com aborrecimento.”

A falta de liberdade, assim como as pressões para que casasse foram à tônica para Cida casar-se em outubro de 1965 com o seu vizinho. Ela disse que “[...] uma moça com vinte, vinte e um anos que não casasse já era considerada velha, e ainda tinha uma coisa, tinha que casar virgem”.

Indagada sobre uma possível educação ou mesmo orientação sexual, Cida fala que, ninguém chegou a conversar ou explicar como seria a sua noite nupcial. Ele recorda que já as vésperas do casamento, foi flagrada por seu noivo, folheteando, a companhia de uma prima, um livro que explicava os órgãos reprodutores masculinos e feminino. Essa ação foi alvo de repreensão por parte do seu pretendido.

Muito longe de um discurso romântico, é nítida na fala de Cida as pressões sociais que colaboraram para que ela classificasse o seu noivo como uma boa escolha. Ela descreve o enlace matrimonial da seguinte forma:

[...] me casei com o pai dos meus filhos que era muito bem de vida porque era bancário né. Eu não era bem de vida, só nunca passei fome. Ele não era rico, mas tinha um, era bancário, o pai dele tinha uma gráfica, era a gráfica da cidade de Crateús. Era meu vizinho né! Ele namorou pra aculá e se apaixonou por mim e eu gostei dele também, a gente casou em 65, em outubro.

Percebe-se na fala de Cida que, para além dos sentimentos que tivera pelo seu pretendido, a possibilidade de viver uma vida estável também teve certa importância na sua decisão de casar-se. Na época seu pretendido havia passado em concurso público, o qual iria assumir o posto na cidade de Crato no ano de 1966.

Porém, antes de voltar-se para as lembranças de Cida sobre a cidade de Crato, objetivo principal desse estudo, é pertinente acometer as lembranças sobre suas primeiras experiências sexuais. Ela conta que o marido sempre quisera ter relações sexuais com ela antes do casamento, mais, o medo das negativas reações que tal ação pudesse ocasionar em sua vida, Cida se manteve incólume e virtuosa aos preceitos sociais cristãos.

Ela conta, com ar de deboche, que a sua lua de mel foi na cidade de Fortaleza, na casa de uma cunhada onde não tivera nenhuma privacidade ou conforto. Cida se queixa do fato do marido não ter lhe levado para um hotel, já tinha condições financeiras para isso e, é enfática, ao classificar suas primeiras relações como experiências horríveis, pois além da falta de privacidade e conforto, ela não teve nenhum tipo de orientação sobre o que iria acontecer, sobre o que era uma relação sexual.

Não demorara muito para que Cida tivesse o seu primeiro filho, de forma que no final do ano seguinte, ela chegara à cidade de Crato com seu primogênito nos braços. Ela conta:

[...] quando eu cheguei aqui no Crato foi em 66. Quando eu cheguei, a primeira rua que eu morei foi à rua da vala, era uma casa que hoje é uma clínica. [...] Era casada com um bancário, bancário nesse tempo era uma coisa importante. Doutor e bancário era o último né! As esposas dos bancários que já existiam e que chegavam eram tudo chique demais dos cabelos tudo duro de laque. Eu já fui uma pessoa mais simples, sempre fui. Eu vim lá do Crateús, cheguei aqui e fiquei na segunda etapa, não era aquela coisa chique.

Ao chegar à cidade de Crato, Cida residiu por alguns anos no centro da cidade, na rua Tristão Gonçalves, popularmente conhecida com Rua da Vala, devido a um córrego do rio Grangeiro que segue por toda a rua. É possível visualizá-la no exato ano a que Cida se refere.

Figura 12: Rua Tristão Gonçalves – conhecida com Rua da Vala na década de 1960.



Fonte: www.blogdoocrato.com Acessado em: 14 de março de 2016.

Durante toda a conversa é latente a sua necessidade de explicitar que nunca buscou se enquadrar aos padrões desejados, e portanto, sempre ficou no que ela chama de “segunda etapa” da sociedade, fato justificado por Cida pela sua aparência e comportamento.

Havia uma efervescência de eventos, clubes e associações donde homens e mulheres exibiam-se nas aprazíveis noites cratenses. Para o *high society* da cidade, cabiam as reuniões e eventos promovidos pela Maçonaria, Rotary Club e Lions Club. Além é claro, das várias festas promovidas especialmente no salão do Crato Tênis Clube.

A esse respeito Cida fala: “[...] *meu esposo pertenceu ao Lion, Maçonaria e tudo, eu frequentava Maçonaria, Lion tudo ele pertenceu e eu pertencia também. Mas que eu não era aquela society entendeu?*” Embora tenha por muito tempo frequentado esses espaços acima citados, Cida acredita que pelo seu jeito, mais principalmente por sua aparência, ela não se enquadrava aos ditames do meio social em que circulava. Ela continua sua explicação dizendo que: “[...] *desde pequeninha eu usava esses cabelos assim que nem você, arrupiado, aí isso não tinha explicação. Os cabelo arrupiado, as saiona longa e ainda dirigia muito bem*”.

A aparência de Cida sempre fora destoante da civilizada e moderna cidade de Crato. Ela conta que todas as outras mulheres de bancário com quem tivera a oportunidade de conviver andavam sempre muito elegantes e com os cabelos arrumados e cobertos de laquê. Portanto, a sua postura e aparência despojada sempre incomodaram as demais. Acrescenta-se ainda o fato de que, enquanto as outras mulheres estavam em suas casas cuidando do lar e dos filhos, Cida estava a frente de uma gráfica, que também era livraria, aberta pelo seu marido logo que passaram a residir na cidade.

Esse mal-estar com imagem que Cida representava é exemplificada em emblemático episódio narrado por a mesma.

[...] eu tinha uma comadre que eu fui madrinha da filha dela, ela era casada com um bancário. Aí um dia ela chegou lá na minha livraria e eu estava com uma trança, aquelas trança embutida, ai ela disse: “oi comadi, tudo bom?” e eu “Tudo bom!”, ai ela disse “Ah, agora eu to gostando, você ta com o cabelo lindo, mas daquele jeito eu tenho até vergonhas às vezes de dizer que você é madrinha de Aline”. Aí eu disse “você tem vergonha? E eu que nunca disse nem a ninguém que era madrinha dela” [...] Aí ela disse “não, ave Maria eu to brincando” Eu digo “eu to com essa arrumação porque eu fui ontem pro jantar da maçonaria” Porque tinha que ir apresentável né.

A razão para que Cida fizesse a trança foi à chegada de um presidente da Lions Fortaleza que chegara a cidade. Mais habitualmente ela vestia-se com saias longas e blusas folgadas e o cabelo era o principal elemento de distinção de Cida

frente as demais mulheres que ela convivia. Ela explica que: “[...] *O cabelo eu só penteava no dia que eu lavava, botava creme, penteava e pronto e dirigia muito e o vento levava.*

Cida descreve a forma como a cidade lhe percebia de forma bastante dura, ela diz: “[...] *tudo no mundo aqui no Crato era motivo, era a cidade do preconceito. Tudo no mundo era falado*”. Por conta da sua aparência, Cida foi várias vezes classificadas como uma pessoa em suspeita. Emerge de suas memórias mais uma história que vivera por conta da sua aparência. Nas palavras de Cida:

Eu sempre fui condenada por minha aparência, uma vez um homem falou “ave Maria aqui no Crato tem muita mulher perdida, muita mulher danada, aqui tem gente que fuma maconha, isso e aqui”, aí disse: “aqui tem uma mulher da livraria que tem os cabelo arrupiado que fuma maconha!” olha? Eu nem maconha conhecia. Aqui você passa por o que você não é. Pelo visual. Eu nunca usei drogas.

Percebe-se na fala que não era apenas as mulheres que criavam reservas a imagem de Cida. Os homens também a viam de forma diferenciada, o ajuizamento de que Cida fosse usuária de drogas é apenas uma das facetas edificadas sobre ela. As suas roupas também foram motivos de enquadramentos e até mesmo de incomodo. Ela narra outro episódio emblemático.

[...] é porque o povo é besta. Uma vez, eu dirigia ainda e eu ia descendo naquela rua da vala, lá tem um posto hoje em dia, aí eu ia descendo, eu tinha um vestido amarelo, amarelo cenoura. Aí eu ia passando e tava dois caba de coca assim, desses que ajeita carro, acho que tavam sem fazer nada, ai disseram: “ah, se eu fosse um purê que eu ia comer essa cenoura”. Aí eu escutei e nem me toquei o que ele tava dizendo, aí depois eu parei e encontrei uma vizinha e ela disse: “mulher, ele tava dizendo que ele ia te comer, te chamou de cenoura”. E eu digo “ah, e foi? Ainda bem né porque se não eu tinha dado uma resposta porque eu sou respondona”.

Cidadestaca em sua fala o incomodo que suas vestes ocasionavam na cidade. Na verdade não eram apenas a indumentária de Cida que incomodava mais a liberdade com que a mesma circulava pela cidade. Ela conta que em um determinado ano mudou-se de casa, passando a residir na Rua Cruz, localizada próximo a zona de prostituição. Ela lembra que tinha um vizinho que repetidas vezes lhe dizia “[...] *a rua do cabaré é isso, é aquilo*”, tentado assim lhe dizer quais lugares ela deveria ou não circular. Porém, Cida nunca se intimidou em transitar pelos lugares desaconselhados. Com bem salienta: “[...] *eu andava, passava, não tinha essa história*”.

Cida se justifica afirmando que nunca tivera preconceito, pois segundo ela, *“[...] mesmo sendo ignorante, como eu vinha lá do interior do Crateús, eu nunca tive preconceito com nada”*. Talvez pelo fato de Cida não ter vínculos afetivos ou por não ter partilhado suas vivências juvenis na cidade de Crato, o pudor que circula as demais mulheres não tinha o mesmo efeito sobre Cida.

Ainda em meados da década de 1970, Cida construiu sua casa no Bairro São Miguel, mais popularmente conhecido por Barro Vermelho⁵⁶. Tendo como referência a linha do trem, a residência fica do “lado de lá” da cidade, depois do perímetro de maior concentração de prostíbulos. Ela fala sobre o preconceito que era morar próximo a zona de prostituição ilustrada com a trajetória de sua empregada doméstica que chamarei aqui de Maria.

Segundo Cida, para que Maria arrumasse emprego no centro da cidade era preciso mentir sobre o local da residência. *“[...] até a rua que ela morou hoje ainda é preconceituosa, morou na Rua do Meio”*. De acordo com Cida, a maioria das pessoas que residiam naquela rua trabalhavam na Usina de beneficiamento de algodão que tinha na cidade.

Para o trabalho na usina, diferente do trabalho no comércio em casas residenciais, o lugar onde os trabalhadores residiam não tinham tanta importância. Ainda falando da história de Maria, Cida continua falando das opções de emprego: *“[...] Elas trabalhava, a mãe delas trabalhava, mais era tudo na usina, a maioria do povo por aqui trabalhava na Usina Bezerra, que tinha aquela usina de algodão que hoje é a escola Violeta Arraes”*. Certamente, a presença de pessoas oriundas das proximidades das zonas de prostituição, ou em lugares marcados pelo “afrouxamento” das regras morais, nas casas de famílias tradicionais, causavam desconforto, talvez pelo prenúncio de práticas imorais ou pela eminente ameaça causada pela possibilidade das mulheres daquela casa passar a ter acesso a tolhidos saberes mundanos. Talvez seja essa a razão que levaram a mãe da empregada doméstica de Cida *“[...] trabalhar até morrer, mãe preta trabalhou esse tempo todinho na usina, mas assim, pra trabalhar ou em casa de família, no comércio, aí eram mais difícil”*.

Uma suposta razão para esse preconceito com relação aos lugares que as moças de determinadas periferias da cidade poderiam trabalhar ou não, logo é

⁵⁶ O nome por qual era conhecido o bairro, Barro Vermelho, era devido ao vibrante tonalidade do solo.

explicitado por Cida quando ela justifica que as “[...] *as moças de lá eram danada, isso elas eram*”.

Na época, ainda segundo o testemunho de Cida, como não havia motel na cidade, era comum os casais de namorados terem relações sexuais nos terrenos ainda inabitados.

Ela descreve:

[...] Quando eu vim morar nesta casa, ali depois de AABB é tudo mato. A mata da AABB era cheia de colchão velho, de lençol que o povo ia transar lá. Não tinha motel, então era nas calçadas, nos escuros, o resto era tudo matel. Ave Maria, da AABB pra lá era tudo mata. Aí tinha um cabaré ali. E pra passar na mata seis horas da tarde ninguém ia pra acula. O povo entrava pra dentro dos matos e transava lá. Resto de colchão, colcha que o pessoal transava.

Cida conta a história de outra doméstica, que a chamarei de Selma. Na juventude de Selma, ela havia conseguido esconder a gravidez até a hora do nascimento do bebê. “[...] Ela teve filho que ninguém sabia”. Cida conta que nem mesmo Selma sabia ao certo como aconteciam os partos, que ficara conhecimento apenas quando chegara sua hora. “[...] ela não sabia nem por onde o menino saiu, mais como tinha feito sabia”. A criança, não sendo assumida pelo pai, passou a ser criada pela avó materna.

Esse “*passo mal dado*”, usando os termos de Cida, levaram Selma a ser lavadeira de roupas profissional. Pois a mesma não conseguiria outros espaços para atuação profissional, além de trabalhos domésticos ou a prostituição. Cida continua: “[...] *Quando ela veio aqui na minha casa a primeira vez foi pra lavar o enxoval que eu ia ter minha menina. Porque ela era lavadeira, a profissão dela era lavar roupa, só isso ela conseguiu*”.

Segundo Cida, alguns anos após o nascimento do filho, Selma conheceu aquele que seria seu companheiro, o Vicente. Nas palavras de Cida:

[...] Vicente que era o marido dela que morava bem aí embaixo na rua de frente. Aí começou um namoro, Vicente era vagabundim, não gostava muito de trabalhar, a profissão de pedreiro. [...] A mãe dele tinha mais duas filhas e outro filho casado e Vicente solteiro e uma filha solteira. Quando a mãe de Vicente descobriu que ele namorava com Selma, ela não queria não porque Selma não era mais moça. Sendo que a mãe dele era separada e apaixonada por outra pessoa que puxava ela pra dentro dos matos.

Ela conta que por volta da década de 1970 tinha o hábito de frequentar uma manicure que residia no Gesso, à zona de prostituição da cidade. Ela descreve o ambiente, pois a residência da manicure ficava muito próximo do cabaré de Maria Alice. Ela conta que: “[...] Quando eu chegava lá, se eu chegasse uma hora, três horas tavachei delas. Ou se eu fosse de tarde era cheio das meninas de Maria Alice. Porque elas acordavam tarde, aí de tarde era cheio”. Cida pontua que a manicure sempre lhe recomendava que ele fosse no período da manhã pois as mulheres que trabalhavam nos cabarés estavam dormindo. Como resposta Cida sempre dizia: “Eu acho bom é de tarde que eu acho bom escutar as conversas”. Com um tom de gozação Cida descreve:

Elas conversavam direitinho, não era conversa dizendo que deu, que não deu. Isso aí fazia não. Essas conversa é de hoje, tu pensa que elas iam conversar? Não dizia nada dessas coisas não. Diziam quem era veacas. A manicure dizia “não sei quanto esse povo ganha dinheiro o que é que faz”, porque elas comprava as vezes as coisas e não pagava. E o povo quando sabia que fazia unha lá e cabelo aí o povo chegava, as mulher que vendia as roupas pra ir cobrar. Porque elas moravam em Maria Alice, morava lá, né.

A fala desvela um mercado que vai para além do comércio dos corpos. Cida descreve que naquele espaço, do Gesso, era grande o comércio de roupas e outros acessórios, pois como as prostitutas trabalhavam e também residiam no mesmo local e, como não era comum vê-las transitando pela cidade, até pela rotina, já que trabalhavam a noite e dormiam boa parte do dia, vários vendedores ambulantes tinham naquele espaço um mercado próspero.

Indagada sobre a sua presença naquele espaço, Cida diz que “[...] Andava, eu era uma pessoa normal, não tinha essas coisas da pessoa dizer “eu não vou passar por aqui”. Tinha gente que tinha... e o cabaré... ninguém andava mesmo por ali não por aquelas ruas, ali onde hoje é o projeto que era o cabaré. Ninguém andava mesmo não. Mesmo morando aqui a gente não andava.

Em paralelo a forma como Cida era vista e se via diante da cidade, o seu casamento vivera anos de crise, até que no final da década de 1970, já com três filhos, dois homens e uma mulher, o término do casamento foi apenas questão de tempo. Ela conta que antes de se separar já ouvia as outras mulheres dizer “essas mulheres ficam se separando e vão para o Grangeiro dá encima dos maridos alheios”. Esses comentários eram sempre corriqueiros e Cida, mesmo antes da

separação, já entendia que na condição de separada, não seria mais vista e tratada da mesma forma.

Cida conta que no processo de separação foram vários os constrangimentos, especialmente pelo falatório na cidade. Ela pondera que “[...] *a separação hoje em dia é uma coisa normal, mais naquela época, as mulheres tinham delas que tinham medo de dá encima do marido*”. É aventada na descrição uma maior vigília feminina sobre as mulheres que por ventura se separassem. Havia uma preocupação afastar aquelas mulheres, do meio em que conviviam para assim proteger seus maridos. Recai, pois, sobre a mulher, a culpa pelo fracasso no casamento e o castigo já que passavam a ser corpos estranhos e ameaçadores.

A separação de Cida foi marcada por traições conjugais de ambas as partes mais a culpa e acusações recaiu apenas sobre Cida. Ela acredita que foi julgada pelas aparências e que não sofrera uma pressão ainda maior devido a sua condição financeira.

Mesmo antes de se separar já não frequentava a maçonaria e nem os eventos promovidos pelo Lions, pois o seu marido já ficava difamando-a pela cidade. Como forma de minimizar a exposição, Cida diz: “[...] *preferi não fiquei me apresentando a sociedade*”. Ela coloca que ficou por muito tempo retraída e por isso acredita que sofreu menos.

A condição de separada ou desquitada lhe expôs a outros tipos de assédio. Ela lembra que era comum receber ligações na madrugada que sempre eram trotes de homem que lhe diziam querer ter relações sexuais com ela. Ela conta também de um homem que passara a lanchar todos os dias em uma lanchonete que ficava na frente do seu comércio. O mesmo, embora fosse casado, não se constrangia em tentar seduzi-la. Ela pondera:

Ele achava que eu ia virar quenga. Mais eu não queria virar quenga de ninguém. Porque tinha mulher que se separava e achava que ia achar um homem a altura dela, como mulher que eu conheço. Professora, toda santa e viveu não sei quantos anos com o padrinho da minha filha. Ela era quenga! Muitas delas queriam homem chique né! Ai viravam quenga.

Cida pondera que, no campo afetivo, era comum que as mulheres desquitadas se tornarem amante de outros homens. Essa suposta permissividade sexual circundava até mesmo aquelas que não haviam evidencias para tanto. Ela conta que por algum tempo procurava frequentar ambientes distantes dos olhos do

high society cratense, então passou a frequentar mais os espaços de diversão da cidade vizinha, Juazeiro do Norte. Ainda assim, mesmo sem os agentes da moral ter algo substancial para falar sobre Cida, circulou na cidade um boato de que Cida tinha um relacionamento amoroso com uma de suas funcionárias.

No início da conversa com Cida, acreditei que havia encontrado uma mulher de espírito livre, que não se deixava impregnar pelo conservadorismo da cidade. Entretanto, como Cida descreve a forma como educou sua filha, é perceptível a preocupação em enquadrar a filha naqueles ditames. A esse respeito ela avalia:

Ela, pequenininha, a bichinha sofreu muito. Aí quando ela começou a namorar eu digo “[...] pelo amor de Deus. Não vá namorar debaixo dos pés de manga e nem detrás dos carros pro povo não dizer a filha da arrupiada da livraria, [...] tava debaixo dos carros ou debaixo das mangas se acabando” porque se você não vai fazer nada aqui perto mais do que se abraçar e se beijar. Porque se abraçar e se beijar é na televisão, na novela e se você for fazer outra coisa pior é no motel e você não tem idade.

Cida coloca que quando sua filha foi ficando grande e tivera os seus primeiros namorados, ela sempre teve muito cuidado para que não recaísse sobre a filha a fama de mulher mundana. E por isso ela sempre buscou estabelecer com a filha uma relação de amizade que tinha como principal característica a verdade. Ela conta: “[...] Porque eu tinha horror à mentira, não minta não, porque se mentir perde a liberdade. Porque toda vida teve liberdade. Toda vida ela teve liberdade, ou na ignorância ou não, mas era assim”.

Cida lembra na faculdade sua filha tinha algumas amigas que também eram filhas de bancário, e que sentia sobre a sua filha um peso maior de vigilância, devido ao seu histórico familiar. Ela lembra de um episódio em que encontrou a mãe de uma dessas amigas da sua filha que começou a falar de uma outra moça. Cida fala que recorda a resposta de deus: “[...] tem mulher de bancário aqui que tem os priquito de ouro”. Eu dizia era muito porque era tudo santa!”

Ainda em relação a sua filha, Cida lembra que sempre era convidada a supervisionar de perto os momentos de lazer da filha. “No Crato Tênis Clube tinha o Cid som, não sei se esse é o nome, até onze e meia da noite, pras meninas, dez horas, onze horas”. Ela recorda que sempre tinha uma mãe que lhe convidava a acompanhar o evento. Na fala dela, elas diziam: “As meninas vão ficar se divertindo e nós vamos ficar sentada eu, não sei quem, não sei quem. A gente fica pastorando

e ao mesmo tempo elas tão lá se divertindo”. Cida recorda que a resposta era sempre a mesma: *“pois eu não vou não mulher, não gosto dessas coisas não”*.

O cuidado com o comportamento, assim como com o tipo de relação que sua filha tivera na cidade é ilustrada por Cida com uma emblemática situação que acontecera na cidade. A proibição do baile de debutante de uma cabeleira de grande prestígio na cidade:

Eu sei de uma história do Crato que tinha de Baíza, que era a cabelereira chique do Crato, era a mais chique do Crato. Baíza tinha uma filha única e ainda hoje é viva, a outra não é mais. Baíza era muito chique e criou a filha muito fina, muito chique e tudo e quando ela foi debutar o Crato Tênis Clube parece que não aceitou. A pessoa rica fazia aquela festa [...] de todos chique ela era cabelereira e de dona Glorinha. Baíza nunca foi casada, viveu com um senhor do Juazeiro, mas nunca casou, ele casado, mas vinha todo santo dia na casa dela e teve essa filha. [...] E a filha dela quando foi na época de debutar disse que Crato Tênis Clube não, o pessoal não aceitou fazer a festa. Aí dizem que Baíza foi fazer a festa da filha dela no Náutico, em Fortaleza. Pra tu vê que vexame.

Nessa seara, Cida expõe a forma como via os habitantes da cidade, ela diz: *“Mas era assim, mas o Crato era muito cheio de preconceito. As pessoas que mais tinham preconceito eram quem mais tem o rabo preso”*. Na perspectiva de Cida, as mulheres são as agentes mais enérgicas na hora de taxar negativamente as pessoas, mesmo que essas pessoas fossem supostamente suas amigas.

Nas proximidades de sua casa, havia um grupo de mulheres que sempre ficavam a noite conversando. Ela narra que quando começou a namorar seu atual marido, haja vista que o mesmo não fazia parte da alta sociedade da cidade, não era culto e tinha profissão desprestigiada, era pedreiro, foram vários os múrmuros pela cidade. Essas mulheres com que conversavam a noite foram as primeiras a condená-la. Segundo Cida elas ficaram dizendo que *“[...] o comentário era que ele só estava comigo por dinheiro e como é que ela saiu de um bancário para um pedreiro. As próprias amigas se incomodavam”*.

Casada a vinte e dois anos com esse segundo companheiro, Cida encera nossa conversa refletindo sobre o quanto é mais difícil ser mulher, especialmente em uma cidade onde todos os olhos se voltam para a conduta feminina.

5.3. Vanice: As Duas Faces de Eva

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos⁵⁷

De todas as pessoas que tive a oportunidade de conversar, Vanice, nome fictício, foi a que me deixou mais apreensiva. Talvez por está impregnada pelos discursos moralizantes da Igreja, pensei em ponderar nas perguntas, principalmente para que ela não ficasse constrangida, já que a entrevista aconteceria em uma tarde de Domingo na sua própria residência onde estaria presente toda a sua família.

A entrevista com Vanice foi a última peça do cabedal desse estudo. Última e essencial, pois foi a partir dessa conversa que tive um alargamento da minha interpretação sobre o objeto em análise.

Ao chegar à casa de Vanice, antes que eu falasse ela foi logo se adiantando: *“Da Rua da Saudade não me pergunte porque eu não sei de nada. No meu tempo já era na rua, lá na linha do trem, né”*.

Após explicar do que se tratava, o ambiente foi acometido por um incômodo silêncio. Após alguns segundos, com um tom de voz cadenciado ela me perguntou se poderia começar contando sua vida desde a infância. Nesse momento senti o velado desejo de falar, de externizar verdades negadas pelas lentes que homogeniza. Esse encontro rendeu-me duas horas e meia de histórias, verdades e negações.

Vanice começa afirmando que não tivera infância. Nascida no ano de 1941 na cidade de Barros - CE, em uma família de agricultores tendo assim oito irmãos, uma mulher e sete homens. Aos dez anos de vida o seu pai faleceu e, nas palavras dela. *“[...] foi criada aí ao léu. Como Deus criou batata, né. Jogada. Trabalhando nos cafés. A pré-adolescência foi assim. Adolescente eu não sei o que é ser”*.

⁵⁷HOLANDA, Chico Buarque de. **Geni e o Zepelim**. In: HOLANDA, Chico Buarque de. Ópera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram'Philips, 1977.

A condição social da sua família é bastante enfatizada pela Vanice, lhe atribuindo as razões para as futuras tomadas de decisão. O trabalho, ainda na infância, “nos cafés” não se refere a cafezal. Essa terminologia é utilizada para denominar lanchonetes, geralmente localizadas em rodoviárias, pontos de apoio dos viajantes e nos mercados públicos.

Em seguida, sem meias palavras ela faz a seguinte afirmação:

Praticamente fui estropada à custa de um 38. Minha família até hoje não tava sabendo. Não, nunca ninguém soube porque eu tinha medo dele matar um dos meus irmãos. Fui noiva, mas ele me estropou praticamente [...] Eu tinha medo. Eu tinha sete irmãos né e só eu uma menina de 13 anos. Era uma criança aí ele falava de dia e de noite, de dia e de noite pra eu não abrir a boca.

Nos primeiros cinco minutos de conversa, as duas justificativas mais recorrentes para ingressar na prostituição, inclusive pela lente da moral, já estava ditas: miséria e defloramento da honra. Sobre o estropo, ação corriqueiramente lembrada pelos sujeitos, embora Vanice estivesse na condição de vítima o medo tornou-se um dispositivo repressor e o silêncio o preço a pagar.

Como estratégia de fuga ela conta que passou a fingir uma doença, razão pela qual diariamente convidava a família para vim pro Crato a busca de cura. Ela lembra que a fama do Doutor Gesteira tomava todo o cariri e ela suplicava a sua mãe que a trouxesse para o Crato. Inicialmente a família morava na serra e ela passou a residir com uma tia e continuou a trabalhar em “cafés”, “[...] lá na finada Maria, ela me dava roupinha, comida e eu ficava por lá”. Essa prática de troca, trabalho versus comida era bastante corriqueira.

Ela conta que veio até a cidade com mãe e sua tia, que aqui residia pediu para que deixasse Vanice na sua casa para que ela pudesse estudar. Onde de fato ela passou a frequentar a escola do alemão Padre Frederico. Nesse intervalo, por volta dos seus treze a quatorze anos, ela conheceu um radialista, viúvo e bem mais velho que ela. Ela narra o encontro:

Aí eu tava brincando lá no patamar da Igreja de São Francisco, aquelas brincadeiras de menino, pega-pega, aí ele passou fazendo propaganda das festas, tava perto da festa de Nossa Senhora da Penha, naquela época era muita festa mesmo. Era maior que mesmo a Expocrato. Aí ele passou fazendo essa propaganda, né. E ele foi e ficou brincando lá e parou o carro e me chamou. Aí disse “ei, minha filha, vamos fugir? Vamos fugir comigo?”

Uma confusão de datas e a necessidade de expor a inocência assolam a narrativa. Ela repetidas vezes disse que era tão inocente que voltou para casa e contou a sua tia que iria fugir com o radialista. A rápida aceitação de sua tia é expressada com o sentimento de mágoa, culpando-a pelo acontecido. *“Tu acha que era pra ela ter deixado? Eu era uma criança de treze anos, tão inocente que fui avisar que ia fugir.”*

Continuando sua narrativa, ela conta que o radialista a deixou na casa de uma senhora e foi trabalhar. No outro dia o radialista chegou acompanhado pelo marido da sua tia para providenciarem o casamento.

Aí tinha o juiz de Direito que [...] olhou pra o marido da minha tia e disse “olha, seu João, o assunto é esse, eu sou juiz de direito, eu não sou maluco, eu não vou casar uma criança dessa, de jeito nenhum. [...] Eu sou um juiz de direito e não sou louco, né?” Aí não casou, não. Aí tinha uma doutorinha aqui e a pressa deles pra fazer esse casamento, não sei porque. [...] porque o rapaz não tinha feito nada comigo, nada, absolutamente, nem um beijo ele sequer deu em mim, nem um abraço.

Vanice diz não saber o porquê da *“pressa deles pra fazer esse casamento”*. Mais Antônio (2014), o taxista, comentou sobre esse cuidado. Segundo ele *“[...] ai docara que mexesse com a moça, teria que pagar, ou casava ou morria ou coisa parecida. Cortava os ovo do cara, o negócio era feio”*.

Um dos pilares da moral católica, no que consiste a mulher, é a preservação da pureza, naturalizando signos como o matrimônio enquanto ritual de purificação necessário para uma copulação dos corpos dentro das regras cristã. Vista dessa forma, Vanice e seu radialista precisavam consagrar a união.

É engraçado como alguns personagens repetidas vezes são mencionados nessa trama. A *“doutorinha”* a qual Vanice se refere é a juíza Auri Moura Costa, lembradas por ter sido a única magistrada que conseguiu tirar os cabarés do centro da cidade, da Rua Nelson Alencar. Sobre o encontro com a juíza ela fala que: *“[...] já era umas quase quatro horas a gente chegou lá e ela foi e falou, ‘homi não quero nem saber, se fosse filha minha eu casava mesmo sem fazer saber nada’. E fez o casamento, né.”*

Na volta passaram no cartório passaram pela Igreja da Sé, ficando acertado que na manhã seguinte, às nove horas da manhã, seria celebrado o casamento na Igreja. Ela lembra que a única exigência feita pelo Padre Emanuel foi de que dormisse aquela noite na casa da sua tia. Seguindo os conselhos padre, no

outro dia pela manhã uma mulher, a qual ela não recorda quem, chegou em sua casa e mandou ela tomar café, quando já estava ia preparar-se para o casamento a mesma mulher entrou e lhe disse:

“Você ficou viúva”. Mataram ele no dia do nosso casamento civil, mas eu só soube de manhã. Pois essa pessoa, que eu não quem era, chegou falando que uma mulher tinha matado ele. Parece que foi uma amante dele que soube do casamento. Na época eu não sabia o que era amante. Eu era inocente nequinha, eu falei foi assim “pra que ela fez isso? Porque que nós não fomos morar todo mundo junto?”

A estória contada naquela tarde vinha em minha mente um leque de possibilidade, tendo como preocupação última a busca de uma verdade pura. A história do primeiro casamento de Vanice é marcada pelo trágico fim de seu radialista, fruto de crime passional, supostamente ocasionado por uma mulher com que se relacionava. Não obstante, prende a atenção o papel do judiciário sobre os casos de honra sexual.

O que parecia ser ápice da conversa com Vanice, logo é superado por um turbilhão de histórias. Em decorrência de esse primeiro casamento ela diz ter sofrido muito, não pela perda do radialismo, mais ter virado motivo de chacota na cidade.

Hoje chama bullying né? Na época não tinha uma pessoa que sentasse assim comigo que me explicasse tudo. Eu passava e o povo dizia “olha a viúva” e eu não aceitava o fato de ser viúva, na minha mente eu só achava que só podia ser viúva uma mulher velha. Como era que eu era viúva? Eu dizia “eu não sou viúva” e aquilo ali foi me deixando trauma, certo?

Passados alguns meses, Vanice passou a morar com outro homem, que chamarei aqui de Álvoro, sua vida assim como o primeiro marido, foi interrompida em decorrência do seu assassinado.

Ela conta que o conheceu no mercado público e que logo passaram a se encontrar Praça da Sé. Até que um dia eles estavam na praça e uma moça disse: *“eita Álvoro, vou dizer a Lurdinha. Aquilo ficou na minha cabeça ai ele me contou à história que eu já disse a você”.*

A história que ela já havia me contado seria do relacionamento com homem casado. Embora tenha inicialmente resistido, acabou cedendo por acreditar na justificativa de Álvoro de que sua esposa seria estéril. Na forma como Vanice narra os fatos há confusão, ou pelo menos aproximação, entre esterilidade e frigidez, nítida quando ela reproduz a fala de Álvoro de que a sua “[...] mulher era estéril, ela

não tem homem que sacie os desejos dela". Afirma que *"ele até tentou mais não consegui, teve um esgotamento"*.

O preço da sua escolha foi dado pelo seu irmão mais velho, a exclusão do seio familiar. Nessa altura Vanice já tinha quatorze anos e passou residir com Álvaro em uma casa alugada por ele no bairro conhecido com Barro Vermelho.

Fazendo uma análise sobre a revolução sexual do ocidente após a revolução burguesa, Perrot (1998, p.22) descreve a confortável situação masculina nesse "novo" mundo que desponta, pois o homem poderia ter várias mulheres ao mesmo tempo: "[...] a mulher dos seus sonhos, idealizada ou erotizada; a "regular", a esposa que cuida de sua casa; a amante de suas escapadas na cidade, que pode ser discreta "boa amiga" das casas de rendez-vous".

O hábito de manter vidas amorosas em paralelo ao matrimônio era algo corriqueiro na cidade. Dona Toinha (2013) contou vários casos e o seu Antônio (2016) confessou que manteve uma mulher *"numa casinha próxima a Rua da Saudade, lá no beco da mijada"*. Atento-me para o fato de que tanto as casas da amante do seu Antônio, quanto à nova casa de Vanice, situavam-se no perímetro da prostituição.

Esse enlace entre Vanice e Álvaro duraram tórridos onze meses, até o dia da sua morte. Vanice explica as razões do crime, fatos acontecidos antes dela o conhecer:

Ele tinha uma irmã que trabalha com um médico, [...] aí então ela disse que tinha um namorado de nome Plínio e ela foi, não sei se aconteceu ou se foi só loucura dela, né. Disse que ela saiu toda rasgada, toda suja de sangue e disse que o cara tinha abusado dela, [...] antigamente era assim quando se passava uma coisa dessa na família o negócio era matar, né. Aí era nove horas da manhã ele matou rapaz na Praça Siqueira Campos. Álvaro matou esse rapaz aí ficou uns tempos na cadeia, mas isso aí eu não sabia, vim saber depois, né. Aí depois quando ele saiu ele foi pra Maranhão e passou uma época por lá, aí depois voltou.

Mais uma vez a morte atravessa a vida de Vanice perpassando também as questões de gênero. Como seu Antônio já havia advertido em casos como esses "ou casava ou morria" como uma sentença de morte anunciada, na condição de irmão da moça, Álvaro foi seu algoz. O preço pela honra da família, sua vida.

Anos após ter cometido o assassinato, a morte foi vingada em uma noite de São João. O estopim do revolver confundia-se ao barulho dos fogos de artifícios. Os gritos de Vanice tornaram-se a melodia daquele dia de festividade.

Sobre essa fatalidade, diferente do primeiro marido, é latendete o seu sentimento de perda. Ela descreve o momento em que recebeu a notícia: “[...] aí o desespero foi grande. O primeiro eu fiquei triste, mas a minha conversa com Álvaro foi completamente diferente, né. Quando a notícia chegou eu parei aquela rua, eu gritava de desesperada”. A dor da perda carrega também a simbologia da figura masculina em sua vida, ela o assemelha a um pai e a oportunidade de ter “uma vida sadia”, materializada na rotina do seu lar.

Seguindo os constructos de Rago (1991) e Perrot (1998) percebo na narrativa de Vanice, paralelo a alteridade sexual, a necessidade de enquadrar-se dentro do modelo social de divisão dos papéis sexual a modernidade onde caberia a mulher o papel de “rainha do lar”. Essa significação é percebida quando ela fala sobre como era sua vida com Álvaro:

Eu morava numa casa, cinco horas da manhã eu ia no chafariz buscar água pra aguar as minhas plantinhas, eu tinha uma casinha pra cuidar, né. Arrumava minha casinha [...] eu ajeitava tudo e aguava meu jardinzinho, era aquela coisa e ele me dava assistência. Aí ele morreu, eu fiquei num estado de loucura, eu ficava sofrendo na casa da minha mãe, só chorava [...] Quantas vezes alguém ia me procurar eu tava deitada lá em cima da cova dele, ficava lá deitada. Não sei se alguém chegou a me internar?

A loucura, além da degeneração da alma, é percebida nos discursos elaborados sobre a vida sexual das mulheres que fugiam os ditames cristãos. “[...] Imatura, ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reencontrar o bom caminho e reintegrar-se na sociedade” (RAGO, 1985, p. 87).

O desequilíbrio emocional, ocasionado pela perda do seu homem, só foi superado após intenso momento de luto e do alargamento de possibilidades, descrito por Vanice como “onde tudo começou”, associando à perda do seu provedor a necessidade de trabalhar. Ela começara a trabalhar em um bar onde o principal atributo era a beleza.

[...] eu comecei a trabalhar num bar, eu era bem bonitinha na época, né. E na época só trabalhava menina bonita assim em bar. Foi onde tive todos os contatos com os homens. A gente entrava sete da noite, aí não tinha horário pra sair, as vezes saía três horas da manhã, as vezes saía de sete da manhã. Fechava as portas já amanhecendo.

Vanice justifica suas escolhas pautava nas condições financeiras da sua família. No referido bar onde ela começara a trabalhar na noite, foi por algum tempo

a forma de garantir o seu sustento e da sua família. Ela conta que aos quinze ou dezesseis anos já era arrimo de família, adquirindo a responsabilidade de custear, além de si própria, a sua mãe e seus irmãos mais novos. Ela diz que “[...] *trabalhava pra eles, né. Eu passava na loja e pedia rolo, rolo de tecido. Aí minha mãe dizia mas, ‘minhas filha pra que tudo isso?’ Pra senhora mandar costurar tudo em roupa pra esses menino aí*”.

Ele lembra que quando chegava à sua residência e sua mãe estava muito triste, ela já sabia que algo estava faltando em casa. O apego a família associada ao estado de pobreza são, na argumentação de Vanice, o álibi da sua trajetória. Sua narrativa é carregada por significações:

Enquanto eu não arrumava o dinheiro pra levar as coisas pra ela eu não subia pra casa. É lasca, né! Aí eu subia... ela não dizia, mas ela ficava triste, ficava alegre, mas no fundo, lá dentro ela ficava triste. Aí eu fazia tudo isso, né por eles. Então, a minha vida eu nunca pensei em mim, pela minha mãe eu não perdi nada, pelos irmãos também não, mas infelizmente eles não entendem. A pedra fundamental da família, né! Que fui eu. Me assujeitar a qualquer coisa, sem querer. No fundo não era o que eu queria pra mim, né. Não era.

O pesar sentido na fala de Vanice perpassa pela representação simbólica da negação da mulher do lar e a afirmação do oposto, a prostituição. A pobreza e a fragilidade moral sempre foram consideradas os princípios causadores da prostituição (ENGEL, 1989, p. 78).

A prostituição foi o caminho encontrado por Vanice para garantir o sustento de sua família. Um mecanismo que não requer instruções específicas, ou apurada e, ao mesmo tempo, oferece uma imediata remuneração. Rago (1985, p. 109), argumentado sobre a construção do discurso médico que tendia a caracterizar a prostituição como vocação, diz que “[...] ao contrário do que dizem os médicos burgueses, a „vocação para a prostituição” não nasce de um instinto natural, mas provém de um problema econômico”, ainda tratando a esse respeito à historiadora complementa que “[...] a prostituição é focalizada tanto como resposta a uma situação de miséria econômica, quanta como transgressão a uma ordem moral acentuadamente rígida e castradora”.

A rápida remuneração e a forma como Vanice se percebia dentro daquele bar é registrado na sua memória:

Aí depois trabalhei muito tempo, ele nunca pagou a nós não, nunca pagou não. É porque amanhecia com muito dinheiro porque os viajantes dava. Amanhecia com aquelas notas de cinco conto que hoje é real, né. Comprar tudo e sobrava dinheiro. Ali eu era como um limão, um pegava e jogava pra um e jogava pra outro, sacolejava, amassava.

Como expôs Benjamin: “[...] o amor da prostituta é, sem dúvida, venal. Mas não a vergonha de seu cliente. Essa vergonha procura um esconderijo para esse quarto de hora, e acha o mais genial de todos: o dinheiro (BENJAMIN, 1982, p. 240).⁵⁸ O binômio família-dinheiro atravessa toda a longa narrativa de Vanice, sobre a família pesa a má sorte, sobre o dinheiro o preso de tornar o seu corpo um “limão” e neste último, o homem é visto como natureza.

Embora naquela tarde Vanice rememorasse todas as alegrias e dissabores da sua vida, sem muita cerimônia, o ato de prostituir-se sempre aparece associado a outras memórias que ela as tem como principais. Embora Vanice tentasse me explicar detalhadamente como era a vida “naquela tempo”, na condição de pesquisadora eu não conseguia encontrar o elo ou reminiscências dos discursos apregoados pelos agentes da moral católica. A perseguição e segregação não eram, na fala de Vanice, um elemento central. Ao curso que a conversa avançava, borbulhava na minha cabeça uma série de inquietações que me tiraram, de certa forma, da minha zona de conforto acadêmico.

Enquanto isso, na formação discursiva que Vanice narrava sua trajetória, já havia sido manifestado o desejo de mostrar-se uma pessoal de moral, de responsabilidade e, até certa medida, de inocência. Um movimento voluntário de representação ou negação de uma imagem pré-fabricada sobre e sobre a prostituição.

Fazendo uma analogia à letra musical cantada por Rita Lee, “Cor de Rosa Choque”, que diz “nas duas faces de Eva, a bela e a fera, um certo sorriso de quem nada quer”. Percebo no primeiro momento da narrativa de Vanice a negação da fera, condição primeira pela tradição católica.

Na perspectiva de Platão(427 a.C.-347 a.C.), “[...] não há ninguém, mesmo sem cultura, que não se torne poeta quando o Amor toma conta dele”. Ainda quando Vanice narra situações vivenciadas dentro da prostituição, sua fala é sempre aquecida pelas lenhas do amor, da paixão e das decepções. Algumas dessas histórias vale a pena reproduzir.

⁵⁸BENJAMIN, W.C.B. **Um lírico no auge do capitalismo**. RJ: Brasiliense, 1982. pág. 240.

Ceguei em Paulo Afonso, aí fui pro hotel, foi nos anos 70, 72, por aí, porque em 74 eu já tava em São Paulo. Aí eu sei que eu fui pra Paulo Afonso, que eu gostava de um rapaz e ele trabalhava lá na Mendes Junior. [...] cheguei lá e não encontrei com ele no endereço que ele deu. Aí fui pro hotel, só tinha o dinheiro da hospedagem até meio dia, aí coloquei minhas coisas, tomei banho e fui tomei café, aí saí na cidade sem rumo. Eu disse “quer saber? Eu vou ficar lá naquele hotel”, sem ter nenhum centavo, porque eu não tinha mais, né. Peguei um táxi e fui “melhor pegar um táxi porque eu não vou a pé não, seja onde for chegar lá alguém paga.”

No início da década de 1970, Vanice aporta na cidade Paulo Afonso, cidade baiana situada em uma ilha no Rio São Francisco. Em meados da década de 1950 dar-se início a construção do Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso, que marcou a história da engenharia do Brasil. Tal empreendimento impulsionou o desenvolvimento da região e atraiu novos investimentos.

As razões que a levaram aquela cidade foi uma tórrida paixão por um operário, que conheceu no Gesso, chamado Sidnei. A frustração ocasionada pelo desencontro e pela falta de dinheiro logo foi contornada pela possibilidade de prostituir-se.

Ela continua sua narrativa:

[...]Jo motorista olhou bem assim pra mim e disse “pra onde você vai minha filha?” Eu disse “o senhor me leve pra uma das melhores boates que tiver aqui que lá em me viro”. Ele ia me levando, mas ele não queria levar. Eu tava sentindo que ele não queria me levar, aí quando a gente vai indo lá vem o Sidnei. Aí eu disse “moço, para o taxi”, aí ele parou e eu disse “ei” e ele chegou perto e disse “pra onde ia” eu disse assim “pra uma boate ganhar dinheiro pra mim voltar”. “Você tá louca?” entrou no carro e disse “volta”.

Segundo Vanice, o desencontro com Sidnei aconteceu pelo de naquela semana ele ter sido remanejado para desenvolver umas atividades em Caruru, cidade pernambucana, a aproximadamente 320 km de distância.

Na ocasião seu companheiro a colocou em um hotel, onde ela passou toda a semana. O retorno de Sidnei ao município de Paulo Afonso era razão para comemorar. Na descrição dos fatos surge a face da “fera”.

Ela conta que nessa noite foram jantar no Hotel São Francisco, segundo Vanice, o hotel mais luxuoso da cidade. No retorno para a hospedaria, Sidney pediu para que ela conduzisse seu revólver e jaqueta para evitar possíveis complicações com a polícia, caso fossem “dar busca de arma”.

Já próximo do hotel o casal foi abordado por duas mulheres, uma delas já havia sido amante do Sidnei. Ela diz:

[...] quando a gente chegou perto aí saltou duas mulé, uma que ele já teve um caso, parecia que tinha até uma filha com ele, e a irmã dela. Partiram pra cima de mim e ele me jogando pra trás dele e eu calada. Eu sempre fui assim. Caladona, na minha. [...] Aí tinha uma senhora lá e um homem que sempre me via e me chamou. Quando eu cheguei lá e sentei, eu ainda sentei na cama, pois elas entraram na casa da mulher, aí àquela hora ali eu ceguei. Me levantei já puxei gatilho e apontei bem na cara dela, quando eu ia apertando o homem dono da casa deu um murro nela que ela foi cair lá fora [...] ela caiu de quatro assim. E a irmã dela saiu gritando “ela ta armada”. “Valha pelo amor de Deus a mulher tá armada”.

Vanice conta que embalada pela paixão por Sidnei se envolveu em várias situações de conflito, “pra defender meu macho”, o mais curioso desses relatos é que ela sempre coloca “a outra” na condição de depravação e eles, os seus amados, mesmo que indiretamente cruzam o mundo da vida marginal.

Na semana seguinte Vanice volta para o Crato e, com os términos das obras, Sidnei também. Os dois passam a conviver juntos, por um curtíssimo período, pois mais uma a figura da “outra” atravessa o casal.

Vanice conta que estava trabalhando em um bar, próximo da região do Gesso, quando alguns conhecidos, após algumas cervejas, insinuaram que seu amado estava tendo um caso no “Gesso” com uma mulher, também de Paulo Afonso. Ela conta que tomou banho, perfumou-se e lá chegando deparou-se com o seu carro de Sidney na porta do cabaré, nominado por ela de “Boate”.

[...] meu negócio era tudo ou nada. Entrei na Boate e dei de cara com uma conhecida minha que disse “o que é Eunice?” Ai eu disse “cade ela?”. “Eles tão lá na outra casa” ela disse. Aí eu fui! Cheguei lá brechei, aí vi o chapéu dele o sapato, bati na porta, e eu calada né. Ai a rapariga veia respondeu “Já falei que não vou abrir”. Me fastei assim três passos pra trás e taquei o pé e ele já se apavorou e eu quando fui fazendo assim com o revolver pra matar ela, mesmo no meio da cabeça ela gritou “ai meu Deus”. Não era valentona nos cabarés de Paulo Afonso.

A “fera” refreada em Vanice sempre se volta contra as mulheres e nunca contra seus companheiros. Em decorrência do episódio acima narrado Vanice mudou-se para São Paulo, segundo ela “para tentar esquecer Sidney”.

Entre os anos de 1974 e 1976 Vanice residiu em São Paulo, tempo suficiente para que mais uma vez cassasse no civil, separar-se e “amigasse” com um outro homem.

Em primeiro de janeiro de 1977, Vanice desembarca de um ônibus Itapemirim na cidade Crato, preocupada com o estado de saúde de sua mãe e com o peito carregado de saudade.

Ela conta que no mesmo dia que chegou ao Crato saiu pra rever as amigas e divertir-se. Nesse momento ela descreve os cabarés, chamados de boates, pois diariamente havia apresentações musicais. Sobre as suas incursões no Cabaré de Glorinha ela diz:

Aí no dia eu entrei lá toda bonita, eu tinha comprado uma blusa trazia de São Paulo. Era de saia longa nessa época, acho que era, porque nenhuma mulher usava short na época. Vesti com um sapato alto e entrei lá toda bonita, né. Aí quando eu entrei tinha um coroa muito bonito, toda vida eu fui chegada a um coroa, nunca gostei de caba novo não. Aí ele muito bonito com aqueles cabelos grisalhos, fineza que só Deus. Aí chegou e me chamou assim e disse: “você bebe”? Eu disse, “não”. Ele disse “você quer jantar comigo? Peça a sua madame aí pra você jantar comigo”. “Eu disse eu não tenho madame. Eu não morro aqui, eu só apenas passeio, só passeio”.

Após narrar o jantar citado acima, sem deter-se ao detalhes, ela volta a falar do Glorinha. Conta que o salão da boate estrategicamente tinha uma penumbra iluminação, pois segundo ela as mulheres ficavam mais bonitas. Quando indaguei sobre o porquê ela não se fixava em Glorinha ela responde:

As mulheres pra sair de lá tinham que pedir autorização. Olhe, lá em Maria Alice, em Glorinha, as mulheres não tinham vida. Quem morava lá tinha que pedi autorização pra tudo. Eu não morei lá, Deus me livre! Beber pra da pra ninguém, vou nada. Tinha que beber e era dose. Não podia só bebericar, nem tomar cerveja, tinha que beber bebida quente. Aí Glorinha me encontrou um dia bem na esquina e disse ei, cada programa que você faz aqui é cinquenta mil cruzeiros, era muito dinheiro na época, eu disse tá bom Glorinha eu vou pensar. Aí quando eu queria entrar eu entrava, mais nunca morei.

O seu ingresso nas boates existente no curso da linha do trem é descrita por ela como “[...] quando eu tava a fim de dançar eu ia pra lá dançava até umas horas”. O transcrito acima destacado encontra-se mais uma vez com a figura da cafetina, especialmente com o gerenciamento de Glorinha. Vanice nos conta sobre a pressão que essas mulheres vivenciavam quando eram residentes da boate. O alto consumo de Whisky era resultante da pressão sobre aquelas mulheres para “dá lucro”.

Rapidamente Vanice cita o nome de sete homens “figurões” da cidade que por algum momento ela mantivera relação. Dessa lista, consegui identificar

quadro, nas colunas sociais do Jornal “A Ação”, mais o que mais me surpreendeu foi à descrição da escolha dos seus clientes. Ela diz: “Eu não era obrigada a ficar com fulano e com sicrano e nem com ninguém não. Eu ficava com aquele homem que eu sentia tesão. Eu não ia ficar com ele só por dinheiro. Eu ia ficar também por prazer”.

Acho que essa passagem da entrevista me fez repensar sobre os pilares da pesquisa, aquecida ainda pela declaração que seguia:

Faz 16 anos que eu não sei o que é homem e sexo, graças a meu bom Deus, toda hora eu digo, acabou-se. Quando eu lembro assim eu tenho nojo, sabe? Eu disse, minha Nossa Senhora de Fátima, Jesus me ajude pela hóstia consagrada, meu Pai afasta essa tentação. Pronto! Isso acaba na hora, eu vou dormir tranquila. Quero mais não. Um homem passar a perna em cima de mim, Nossa Senhora me defenda!

Há quase trinta anos, portanto já nos anos oitenta, Vanice mantém uma união estável com o proprietário de uma casa de jogo, clandestina, em pleno funcionamento até hoje, como frutos dessa união tiveram dois filhos. A aprazível conversa com Vanice encerrou-se no anoitecer do dia e deixou-me um mister de sensações, o cansaço e a confusão mental me acometia.

Poderia eu aqui descrever a vida estável e pacata que Vanice tem atualmente. Poderia descrever a organização da sua casa, ou afeto presenciado entre ela e a filha, numa demonstração de “normalidade”. Mais as histórias narradas por aquela senhora me fizeram entender que fazer esse discurso seria, até certa medida, reforçar as difusões dos agentes da moral, tornando singular o que pode vim a ser plural.

O olhar de Vanice sobre a cidade, sobre si e sobre o outro me fez perceber o “lado de lá da linha do trem” como o revés da moral católica, identificada na fala a partir de uma espécie de ritual que parte de uma negação para construir uma afirmação, a partir de movimentos que dançam nas linhas fronteiriças do bem e do mal, bom e do ruim, das filhas de Eva ou de Maria.

Alteridade, do latim *alterista*, é definido como “caráter ou estado do que é diferente; que é outro; que se opõe à identidade”⁵⁹. Dessa forma a alteridade pode contemplar o que é particular sem necessariamente associar-se a conceitos como identidade ou diversidade. É, como visto nas narrativas de Vanice, a possibilidade de negar um destinado lugar em um movimento de construção de verdades cristalizadas.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.dicio.com.br/alteridade/> Acessado em: 02 de outubro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
Este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
Tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.
(Carlos Drummond de Andrade)⁶⁰

Entendo o ponto de chegada como a possibilidade de construção novos postos de partida. Os questionamentos feitos na introdução deste trabalho, sobre o que seriam realidade ou fantasias na minha infância, ganham contornos historiográficos na análise elaborada sobre a educação feminina das mulheres da cidade de Crato associada aos dispositivos de poder da Igreja Católica e as representações sobre a prostituição.

Ao longo desse estudo busquei evidenciar que a educação feminina vista em um sentido amplo, são manejadas também outras variantes, especial quando se propõe a compreendê-la a partir de disposições existentes, mais muitas vezes invisibilizadas pelas memórias sobre a cidade.

A memória sobre a cidade do Crato, ponto de partida dessa investigação, é apresenta como parte de um projeto de ordenação urbana a partir de um ideário de civilização pautada no progresso e na industrialização. Em decorrência da construção dessas aspirações são identificados alguns dispositivos, como o Jornal “A Ação”, visto como grande propulsor de discursos moralizantes que tinham como base a doutrina da Igreja Católica, marcada por uma moral católica que ajudou imprimir na mente e os corpos das mulheres a construção de sentidos e as barreiras da cidade.

⁶⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. Memória. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

O corpo feminino, e especialmente as indumentárias que este corpo carregava, não passaram alheios ao olhar dos agentes da moral católica. Nesse estudo evidenciou-se a preocupação com as vestas femininas e a construção de simbologias e signos sobre os modelos femininos desejados e condenados.

Dentro dessa atmosfera, os Agentes da Moral Católica construíram, a partir de vários mecanismos, os limites das fronteiras entre a “Cidade de Deus” e a “Cidade do Diabo”. Marcando, inclusive geograficamente, os lugares de maior concentração dos prostíbulos em movimentos de compulsão do centro para as margens.

Porém, acredito que o maior achado dessa tese, o qual nomeei de “Alteridade da Moral”, foi perceber que a tradicional História da cidade de Crato, fora derrotada na zona de prostituição, por não conseguir diluir no tempo, a memória daquelas mulheres que viviam o cotidiano do meretrício, em um contexto onde as normas e controles da moral não conseguiram ser plenamente eficientes.

Pesquisas que se desafiam a pensar para além do espaço escolar são, assim como as lembranças de Vanice, resultantes de uma alteridade acadêmica que tende a classificar, por exemplo, o que é Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Pedagogia: a arte de erigir fronteiras*. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (Org.). **Pedagogias sem Fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Memória*. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. 2º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BENJAMIN, Waltwe Charles Baudelaire. **Um lírico no auge do capitalismo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 1979.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução por Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **A ordem dos livros**. Brasília, Universidade de Brasília, 1994.
- CORALINA, Cora. *Mulher da Vida*. In: CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo: Global Editora, 2001a.
- CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A Construção da "Cidade da Cultura": Crato (1889 - 1960)**. Rio de Janeiro – UFRJ, 2000. (Dissertação de Mestrado em História Social).
- CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: O Trem na cidade do Crato**. Fortaleza: UFC, 2008. (Dissertação de Mestrado em História Social).
- CREANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**; trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira: Católicos e liberais**. 2ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea).
- D' ELIA FILHO, Orlando Zaccone. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro: Reavan, 2007.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 1997.

DUBY, Georges. O historiador hoje. In: **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Vol. I.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasilense, 1989.

FIGUEIREDO FILHO, J. de & PINHEIRO, Irineu. **A Cidade do Crato**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1953, p. 52.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **O que é um autor?** In: Ditos e Escritos - Estética: literatura, pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, 1ª ed., p.264-98.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A microfibrilha do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GAMA, Cícera Antonia Cordeiro Brito. Flores de Lisieux: a construção da sexualidade feminina nas instituições educacionais da cidade do Crato, entre as décadas de 40 e 60 do século XX. In: MARQUES, Roberto. **Os limites do gênero, estudos transdisciplinares**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

HOLANDA, Fabíola e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral**: como fazer como pensar. Ed. Contexto, 2ª ed. São Paulo: 2010.

KNIBIEHLER Yvone. **História da Virgindade**. São Paulo: Contexto, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade**: (re) inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo, Annablume, 2004.

MARTINS FILHO, Antonio & GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. 3ª edição. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, [s.d]. pág. 182.

MEIRELES, Cecília. Sonho de Menina. In: MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles**. 3. ed. São Paulo: Global, 1988. 196 p. (Os melhores poemas, 9)

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **Evolução do catolicismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

NARVAZ, M. G e KOLLER, Silva Helena. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero**: Articulando pesquisa, clínica e política. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Trad.de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 1999.

_____. **Para além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2005.

_____. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. *ProjetoHistória*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo: EBRADIL, 1991.

_____. **Práticas da Memória Feminina**. A Mulher e o espaço público, *Revista Brasileira de História* 18, ANPUH/Marco Zero, 1989.

_____. **Mulheres Públicas**. Trad. FERREIRA, R. L; São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. **Crime, violência e sociabilidades urbanas**. As fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. *Novo Mundo*, Fev. 2005 p.14.

PESSOA, Fernando. **Quadras ao Gosto Popular**. 6ª ed. Lisboa: Ática, 1973.

PILETTI, C. **Didática geral**. São Paulo, Ática. 1987.

PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Universidade federal do Ceará/ Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989. pp. 193-204.

PINTO, C.R.J. **Feminismo, história e poder**. In: *Rev. Sociol. Polit.* vol.18 nº 36 Curitiba Junho de 2009.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François ET AL. Campinas: Editora da UNICAMP. 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 33. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Paideia)

SAAD, Luísa Gonçalves. **“Fumo de negro”**: a criminalização da maconha no Brasil (1890-1932). Salvador, 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHMITT J-C. A história dos marginais. In: LE GOFF, J; CHARTIER, R; REVEL, J. (org). **A História Nova**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998. p. 261-290.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Recife: Corpo e Cidadania, 1987.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**. Roupas, memória, dor. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.

SWAIN, Tania Navarro (org.) **História no plural**. Ediunb, Brasília (DF): 1994.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIANA, José Ítalo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade**. Fortaleza – UFC, 2011. (Dissertação de Mestrado em História Social).

FONTE:

BARBOSA FILHO, Antônio Luiz. “30 Anos sem Dr. Gesteira”. In: **Revista Itaytera**, nº 32, ano de 1988.p.p. 168 a 172.

FEITOSA, Antonio. “O papel da Igreja Católica no desenvolvimento religioso e cultural do Crato”. In: **Itaytera**, ano I, nº 1. Crato, Instituto Cultural do Cariri, 1955, pp. 143-146.

DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ. Publicada em 28 de outubro de 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acessado em 12 de janeiro de 2013.

JORNAL “A AÇÃO”, Crato, 27 de junho 1965.

JORNAL “A AÇÃO”, Crato, 21 de janeiro 1967.

JORNAL “A AÇÃO”, pág. 2. Crato 27 de outubro de 1940

JORNAL “A AÇÃO”, pág. 2. Crato 11 de abril de 1951

JORNAL “A AÇÃO”, 12 e 13 de Novembro de 1966, p. 1.

JORNAL “A AÇÃO”, pág. 4. Crato, 01 de outubro de 1966

JORNAL “A AÇÃO”, pág. 7. Crato, 22 de maio de 1971.

JORNAL DAS MOÇAS, Ano I, número I. Rio de janeiro, 1914.

MONTENEGRO, Padre Francisco. A diocese do Crato. **Os Quatro Luzeiros da Diocese.** Crato, 1999.

MOURÃO, Ivens. **Praça Siqueira Campos e a Amplificadora Cratense.** Crato: 2010.

PIRES, Dom Francisco de Assis. **Excessos da Moda:** Carta Pastoral. Crato-CE, 1940.

SANTINHO DA MISSA DE SÉTIMO DIA de falecimento de Maria da Glória Pereira, realizada no dia, Dia 28 de outubro de 2001.

TEMÓTEO, Jurandy. **Síntese cultural:** do Guia Turístico do Sul do Ceará de autoria. Crato: SDET, 1990.

DISCOGRAFIA

HOLANDA, Chico Buarque de. **Pedaço de mim.** In: HOLANDA, Chico Buarque de. Álbum Ópera do malandro. Interpretação de Chico Buarque e Zizi Possi. Rio de Janeiro: Polygram’Philips, 1977.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Geni e o Zepelim.** In: HOLANDA, Chico Buarque de. Ópera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram’Philips, 1977.

LUIZ WANDERLEY. **Moça Véia.** In: LUIZ WANDERLEY. O mundo girou com Wanderley Luiz. Rio de Janeiro: Polydor, 1955.

ODAIR JOSÉ. **Eu Vou tirar você desse lugar.** In: Odaír José. São Paulo: RGE, 1986.

ANEXOS

Anexo 1 - Imagens da Praça Siqueira Campos

Siqueira Campos, no primeiro plano, e o seu automóvel.



Fonte: Acervo da Autora

Anexo 2 - Imagens da Praça Siqueira Campos outro ângulo



Fonte: Blog Só no Crato. Disponível em: <http://sonocrato.blogspot.com.br/>. Acessado em 12/02/2015

Anexo 3- Imagens do Cinema Cassino Sul Americano.



Foto do Antigo Cassino Sul Americano.

Fonte: Blog Só no Crato. Disponível em: <http://sonocrato.blogspot.com.br/>. Acessado em 12/02/2015

Anexo 4 – Foto da Praça Siqueira Campos no final da década de 1930.



Fonte: Blog Só no Crato. Disponível em: <http://sonocrato.blogspot.com.br/>. Acessado em 12/02/2015

Anexo 5: Matéria do Jornal Ação sobre a postura feminina na sociedade moderna.

A Mulher na Sociedade, segundo Paulo VI

VATICANO. Discursando ao movimento de senhoras da Itália, o Papa Paulo VI definiu em que consiste o progresso da mulher na sociedade moderna. "O progresso social, que deve conferir à mulher um pleno reconhecimento de seus direitos, atitudes, responsabilidade, não é completo, nem sempre fundado sobre sólidos princípios... Há uma mentalidade que consiste em subverter os costumes femininos, não só em seus aspectos acidentais e antiquados que podem ser objeto de crítica e transformação, mas existem valores que devem constituir sempre a honra e o empenho da verdadeira, humana e cristã feminilidade". "Não tenhais medo de assumir a guarda vigilante da inocência, do decôro, da dignidade do sentimento ou do bom senso, pois a defesa desses valores diz respeito a vossos filhos, lares, escolas, trabalho, pátria e, acrescentamos, a grandeza, beleza e caráter sagrado de vossa capacidade de amar".

(NOVA)

Fonte: Acervo da Autora

Anexo 5: Matéria do Jornal Ação sobre extinção do jogo de azar

Linha 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851. 852. 853. 854. 855. 856. 857. 858. 859. 860. 861. 862. 863. 864. 865. 866. 867. 868. 869. 870. 871. 872. 873. 874. 875. 876. 877. 878. 879. 880. 881. 882. 883. 884. 885. 886. 887. 888. 889. 890. 891. 892. 893. 894. 895. 896. 897. 898. 899. 900. 901. 902. 903. 904. 905. 906. 907. 908. 909. 910. 911. 912. 913. 914. 915. 916. 917. 918. 919. 920. 921. 922. 923. 924. 925. 926. 927. 928. 929. 930. 931. 932. 933. 934. 935. 936. 937. 938. 939. 940. 941. 942. 943. 944. 945. 946. 947. 948. 949. 950. 951. 952. 953. 954. 955. 956. 957. 958. 959. 960. 961. 962. 963. 964. 965. 966. 967. 968. 969. 970. 971. 972. 973. 974. 975. 976. 977. 978. 979. 980. 981. 982. 983. 984. 985. 986. 987. 988. 989. 990. 991. 992. 993. 994. 995. 996. 997. 998. 999. 1000.

"Jogo do Bicho" Foi Extinto!

Atendendo ao apêlo feito nêficio de entidades filan- ganhar dinheiro fácil. as palavras do Secretário de

pela imprensa o Secretário tropens. "Não admira por. Não que fazemos a impre- Segurança pública do Estado

de Segurança. Dr. Miramar hipótee alguma a volta do an na cidade do Crato, só re- sejam compradas. Para que

da Ponte mandou extinguir jogo do bicho. A sua exten- mos que agradecer ao Sere- não venha acontecer como

a jogatina que estava se e- cin e um aretado contra a taria de Segurança Publica da vez anterior, quando ea

lastando no Estado. ordem pública". por esta aboia intervenção bicheros pisaram a ordem

Acrecentou o Sr. Secretá- Na nossa opinião, as em- em defesa do bem público do Dr. Miramar e fizeram

rio de Segurança que existe prededores de tal camp- de todo o Estado, e pela se- voltar o jogo num desajo as

jogo na capital do Estado, nha são elementos sem pro- gunda vez no município de autoridades constituídas.

fines, que uma grande parte fiasco definitiva que apreve- Crato. Contudo, esperemos pelos

da renda é revertida em be- tam as oportunidades para. Esperamos que desta feita, acontecimentos.

ANO XXIII - Crato - Ce., 23 de Janeiro de 1907 - N. 1.171

Fonte: Acervo da Autora

Anexo 6: Matéria do Jornal Ação sobre o jogo de azar

"A AÇÃO"

Drama da Juventude Transviada

Desde muito tempo que a maconha e outros produtos de igual caráter entorpecente têm sido manchetes dos jornais e levado ao isolamento

Escreve: Aglezio de Brito

munidade sem a inflação sempre crescente das doenças sociais. Isso também é progresso e uma civilização para o

E... o Jôgo Voltou!

Ignoramos as causas do retorno do jôgo do bicho. Desconhecemos os interesses da volta triunfal desta colamidade pública. Não compreendemos porque se permite esta espoliação das parcas economias do nosso povo. Não sabemos se as autoridades estaduais têm conhecimento da implantação do jôgo de azar. O certo é que existe. E abertamente, para quem tem olhos para ver.

Sabemos que é proibido per lei. Sabemos quais os métodos empregados pelos "banqueiros" afim de a "sorte" cair sobre o bicho menos vendido. Em conversa com um ex-cumbujeiro, ficamos informados de como se fabricam as pedras, possibilitando aquele controle.

A desonestidade dos profissionais da jogatina é patente. São desonestos porque patrocinam uma contração à lei. São desonestos porque propagam um método de esbulhar o dinheiro do povo, sem fazer esforço. São desonestos porque sabem de tôdas as falcatruas praticadas e no entanto aprovam, fomentam, apadrinham a jogatina.

Será que estes senhores que defendem os interesses do povo em época de eleição não sentem que estão sepultando vivo este mesmo povo? Para quem apelar? A população do Cariri tomou conhecimento através da imprensa falada e escrita de nossa terra das palavras incisivas do Sr. Secretário de Polícia e Segurança Pública, quando da visita do Exmo. Sr. Presidente da República. Todos ainda se lembram da atitude de S. Sua. autorizando quebrar e queimar as bancas, cumbucas e demais apetrechos da jogatina. Tudo aquilo partiu da sinceridade de proposito ou foi uma farsa? Não queremos julgar. Porque talvez seja possível que a atual "liberação" tenha feita à sua revelia. Mas... e agora?

econômico das praças.

Ale h se entretanto pouca gente se preocupa em estudar o problema à luz dos postulados psico-sociais, e a grande maioria, meremente os defensores do poder, orientam-se em simplesmente lançar nos cárceres os "play boys" vaciados na "terra" ou em "bolinhas" como uma solução, certa e definitiva para a complicadíssima problemática.

Enquanto o problema é de essência os responsáveis pela dignidade e elevação da sociedade agem no saber das emoes, lidando com a sua perfeição das acedentes.

Quando o drama da "juventude transviada" requer uma análise interior, uma orientação de ordem espiritual e educacional, os governos se acomodam em solucionar a questão com o intuito final e mediorre no caso da exterioridade da lei. Aparentemente, ou momentaneamente tudo se resolve. Mas, lá fora, do abandono das praças, novos espantos se fertilizam e se multiplicam incoavelmente, para nova e mais estratégica investida pelos métodos do tóxico e de outros não menos estudadas perverências sociais que surgem em consequência.

Fazemos um paralelo e colocarmos no mesmo pé de igualdade, condenada e diamante de imediatas providências os jovens pervertidos pelo uso da maconha ou qualquer tóxico que o valha e os encarregados ou

disseminadores da educação.

Veríamos que em nada uns mereceriam os outros.

Os educadores, em sua grande maioria, entregam-se ao vício do comodismo profissional e antes de ter como objetivo primordial, no desempenho do magistério, ensinar os jovens a serem em Deus, a realizarem algo de elevado e honroso a verem as hipocrisias dos políticos, as prevaricações dos governantes e insumos dos adultos, a serem bastante fortes para compreenderem que são fracos, a serem simpáticos mas entusiasmados a amar bem muito (e isto é um dos principais problemas) entorpecem-se sob a ação de uma pedagogia estereotipada e limitada pela recompensa monetária.

No seu êxtase de cobiça, muitos educadores, como os governantes, esquecem-se da realidade e põem a culpa dos desmoronamentos sociais em suas vítimas jovens desorientados para a vida, cujo unico pecado e não saber o que fazem, a falta de uma educação socio-espiritual, útil e efetiva.

O grande mal para os chamados não está no jovem pervertido pelo vício. Ele é apenas o efeito de uma causa. Sublime causa. Tóxico. Eficaz. Esta causa pode muito bem receber a meditação dos governantes e seguir-se um plano sistemático de orientação socio-espiritual dentro dos currículos educacionais, ser eliminada para uma razoável elevação e integração do homem na co-

Micro - Notícias

Arman

O Presidente da Câmara Junior do Brasil, Sr. Augusto Bandeira, visitará o Crato, no próximo dia 26.

o o o

Noticias de Fortaleza, comunicam que a futura fábrica de aviões a ser instalada no Ceará, cujo projeto se encontra ainda em poder do Ministério da Aeronáutica, deverá vender tôda a sua produção para os Estados Unidos.

o o o

Estão sendo mantidos entendimentos por parte dos responsáveis pela iniciativa com diversas firmas norte-americanas como a "Fairchild", "North American", "General Dynamics" e "Hughes". Deverá o projeto inicial ser construídos aviões para 45 pessoas e helicópteros de dois a seis passageiros.

o o o

O cratense João Ramos, Diretor do Setor de Turismo do Estado, está fazendo levantamento preliminar das possibilidades turísticas do Ceará. Podem adiantar para os leitores que Crato e Juazeiro do Norte constam nos planos de incrementação do turismo cearense.

o o o

O Brasil ocupou em 1965 o segundo lugar entre as maiores fornecedoras de produtos alimentícios da Suécia. O primeiro lugar pertenceu a Dinamarca que enviou principalmente peixe para a Suécia e o terceiro, os Estados Unidos da América de onde chegaram gorduras e óleos. Do Brasil foi importado café. A notícia dessas importações, que atingiram o total de 560 milhões de dólares, foi divulgada pelo Boletim de Economia Agrícola do Rio de Janeiro.

O Dele INDA, Dr. zez, e repi DENE, trabalho de órgão paridade de C Modelo de

O carro to (pelo dos Cariri portagem, rio "O N leza.

Devido ministrativa Previdência mais inst caso em C zeiro do

A ca Banco d ciment- embriest valor si de cruz

Doze (cada l bres) d, Br cação

A er atrens interes agência to e J

Algu vão p vela d o pago rais a

Funa féitas, do Ce manica na rua

LP de Célio Silva

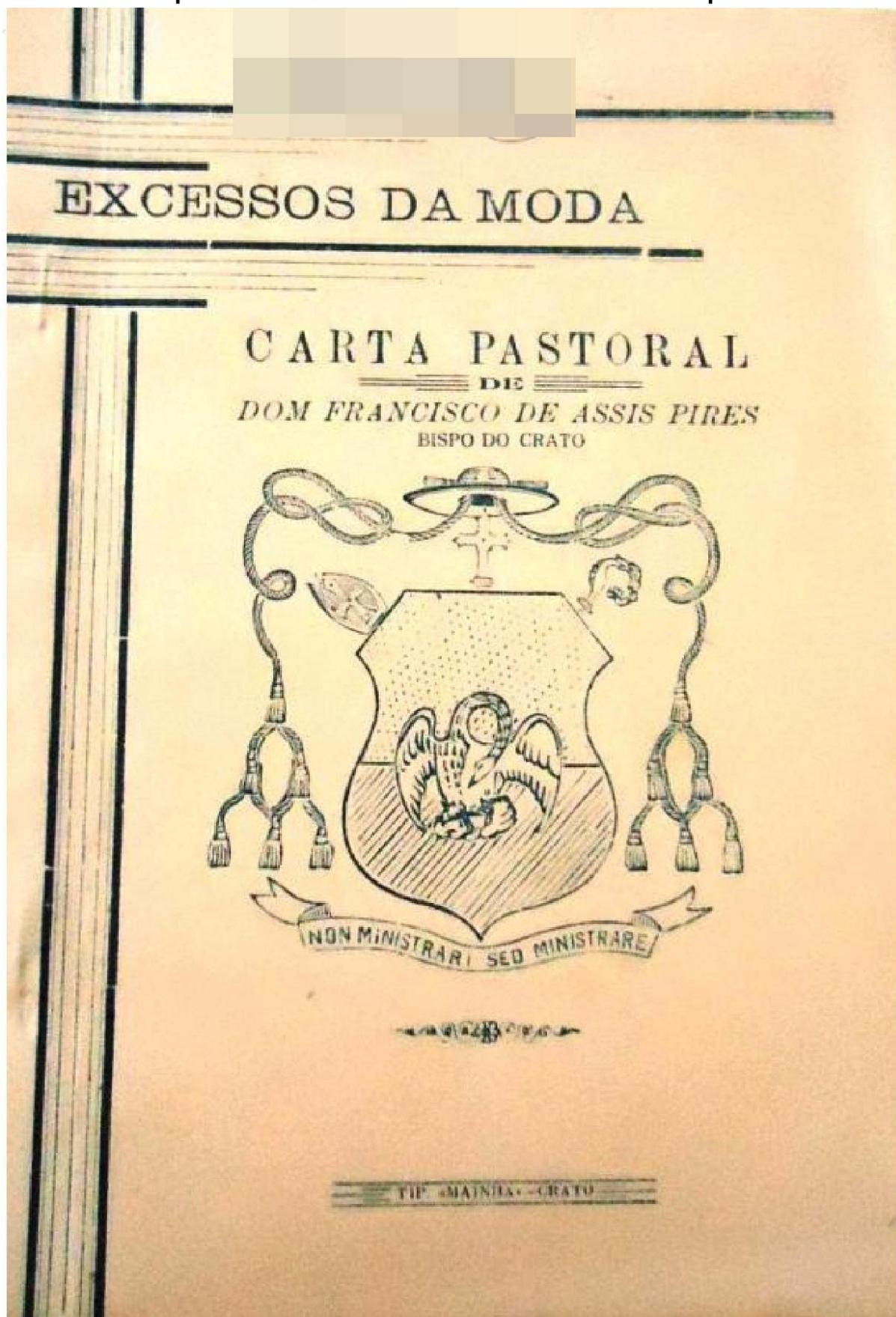
O conhecido cantor Célio Silva, falecido meses atrás, terá depois de morto o que sempre desejou em vida, um long play gravado, com sua voz. E que o Sr. Wildes Alves de Sousa (o popular "Coiso") conseguiu junto à Rádio Araripe fitas de programas feitos por Célio Sil-

va e as remeterá para Recife, onde serão gravadas em disco.

Estamos certos que o disco do "Sereiteiro Cratense" será bem aceito pelo povo, onde Célio Silva possui inúmeros admiradores e louvamos a atitude de Cois.

Fonte: Acervo da Autora

Anexo 7: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires - Capa



Anexo 8: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 1

Ao Reverendo Clero e fieis desta diocese

Saudação e Benção em N. S. Jesus-Cristo

PORQUE a moda feminina excede, cada vez mais, os limites da honestidade cristã, consideramos do nosso dever dirigir um apêlo à consciencia de nossos filhos em N. S. Jesus-Cristo, no sentido de acatarem as determinações da Santa Sé sobre a modestia no vestir. E fazemo-lo, ainda, em necessaria e franca união de vista com o nosso venerando metropolitano que, em oportunissima Circular aos fieis da Arquidiocese de Fortaleza, acaba de abordar, em justos conceitos, o momentoso assunto.

Entre nós, os exageros injustificaveis da moda paganizada penetram visivelmente os ambientes catolicos, arrancando dos lares cristãos os mais nobres sentimentos do decôro, em todos os tempos a grande salvaguarda da dignidade humana.

Pastor de vossas almas, responsavel diante de Deus por vossa salvação, julgamo-nos no direito de advirtir-vos com a nossa palavra paternal.

AOS PAIS E MÃES DE FAMILIA

Especialmente a vós, pais e mães de familia, devemos lembrar que a educação e a proteção de vossas filhas se acham confiadas a vossa vigilancia e que, em grande parte, sois responsaveis pelo seu futuro e pela dignidade ou decadencia moral de sua vida. Debalde, procurareis fugir a esse dever, alegando a tirania da moda ou justificando-vos com a opinião publica.

N. S. Jesus-Cristo não veio a este mundo para desculpar os excessos de uma sociedade corrompida e corrutora, mas para ensinar-nos, com o seu exemplo e com a sua doutrina, a combatê-los. E o cristão é o discipulo de Cristo. Como tal, deve toma-lo por modelo e o seu Evangelho, como regra de vida. Se quiserdes respeitar a vossa dignidade de cristãos e corresponder aos vossos sagrados compromissos do batismo, rompei

Anexo 9: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 2

publicamente com os costumes paganizados, a exemplo do Divino Mestre e em obediência à Santa Madre Igreja.

A paganização dos costumes se manifesta escandalosamente nas modas femininas. A extravagância das formas, a transparência dos tecidos, o encurtamento dos vestidos, o jogo malicioso das linhas e, não raro, a insuficiência de vestes interiores são expedientes ardilosos, forjados pelos inimigos, para rebaixamento do nível moral da personalidade humana.

Desolador, por sem dúvida, é que tais exhibições dominem nos lares, nas ruas, e, até mesmo, no interior das igrejas. A propósito, lamentava o grande bispo de Malaga, referindo-se a uma senhora indecentemente trajada que, passando diante da Catedral, fazia o sinal da cruz: «o meu coração enche-se de amargura ao ver escarnecido Jesus no sacrário por aquele sinal do cristão feito sobre um peito impudico e por um braço nu. Confesso-vos que nunca vi cena que tanto se parecesse com a do calvario.» Ainda a propósito, o seguinte fato: Numa recepção dada, ha alguns anos, no Vaticano, a uma comissão de senhoras, presidida por um Cardeal, S. Santidade, Pio XI, de saudosa memoria, fez anunciar que não receberia as que não estivessem decentemente trajadas. E assim se cumpriu, tendo deixado de assistir à recepção, por aquele motivo, umas vinte senhoras.

Vigiem os pais e mães de familia sobre seus filhos, deem-lhes o bom exemplo, não consintam, nos seus lares, o uso de uma toilette indecorosa e assim estaremos opondo barreiras aos desmandos da paganização dos costumes.

MODESTIA CRISTÃ INDISPENSÁVEL

Ocorrerá a muitos, por certo, esta pergunta. Como se deve vestir a mulher cristã e honesta? Responderemos, servindo-nos das palavras de um moralista: «Com modestia, como o deve fazer toda a mulher que tem um pouco de pudor natural».

E como vestir com modestia? «A modestia, responde o mesmo autor, é a virtude que nos leva a conter, em justa medida, o nosso interior e o nosso exterior.

A modestia exterior, que deve andar sempre aliada à interior, é uma virtude que compõe todos os nossos sentidos exteriores, de tal sorte que nada haja em nós que possa ferir a vista do proximo, de modo que tudo em nós, como diz Santo Ambrosio, agrade a Deus, nos honre e edifique o proximo». «Haverá, pois, modestia no vestuario, fugindo-se do luxo improprio

Anexo 10: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 3

3

da posição e haveres de cada um, das modas extravagantes, mundanas e sensuais, evitando-se tudo o que pareça sensualidade e seja fóra do comum do vestir de pessoas honestas, antes desta corrente desmoralizadora que tudo avassalou.

A modestia é-nos imposta pela presença de Deus, sob cujas vistas permanentemente estamos, pela edificação do próximo, cuja santificação devemos procurar e promover e pelo nosso próprio interesse, observou alguém.

Senhoras! Lembrai-vos que nada ha que embeleze e enobreça mais o vosso sexo do que a virtude e que, sem modestia, não ha virtude. A modestia, acentua notavel autor, faz sobressair a virtude e vai ornar vossa fronte, como a corôa de loirosorna a do heroi. Tanto mais, observou alguém, que a mulher modesta faz a felicidade do marido, a alegria dos pais, o orgulho dos irmãos, a honra da familia, da sociedade e da religião.

O CONCURSO DAS INSTITUIÇÕES CATÓLICAS E ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

Nessa campanha para a moralização das modas femininas, é indispensavel o concurso das instituições católicas e associações religiosas. Em todas ellas, figuram almas de escol que poderão colaborar com a autoridade religiosa na solução do grave problema.

E os membros do apostolado da Oração, as pessoas que frequentam os sacramentos e as alunas dos collegios e escolas católicas? Si umas e outras não vestem com toda modestia, quem o ha de fazer? Quem ha de opor dique à corrente da immoralidade no vestir e em tudo o mais! Reflitam bem nisso, educadoras e educandas, mães e piedosas senhoras!

Quanto às crianças sob o vosso cuidado, mães e educadoras, ponde de parte esse vestuário infantil, que, com o seu feitio, transparencia e pouco comprimento, mais parece talhado propositadamente para abalar o pudor desde o uso de razão do que para cobrir o corpo de um cristão. Quantas e quantas crianças com a innocencia perdida, ainda em tenra idade, por causa da falta de decencia no vestir e dos modos e posição desonestos que lhes permitem! Que despudor! Vestidos ha que mal podem servir de tangas, tão curtos são que, ao menor movimento, de nada valem. Até nos meninos, observa-se uma quasi nulidade de calções, pelo encurtamento destes, espesinhando, assim, as leis da modestia cristã.

Filhas de Maria! Tomai Maria Santissima como modelo de vossa vida. Porque consagradas à Virgem das virgens, ten-

Anexo 11: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 4

des mais forte razão de evitar, no vestir, tudo quanto ofenda ao pudor. De nenhum modo podeis cultivar as demais virtudes com a *«virtude da moda»*. Infelizmente, nem todas edificam o próximo, a esse respeito. Acaso sois Filhas de Maria só no nome ou apenas para usardes uma fita ou uma medalha, permanecendo, entretanto, filhas do século por vossas obras? Não podeis, lembrai-vos sempre, contemporizar com o mundo, com suas loucas vaidades e sua sensualidade. Tendes a obrigação de dar o bom exemplo sempre e em toda a parte. Ponderem nisso os reverendos diretores das Pias Uniões e associadas de todos os grans.

AOS MEMBROS DA AÇÃO CATOLICA.

Se a Ação Católica é um auxilio, um complemento do apostolado hierarquico, os seus membros devem estar com a autoridade eclesiastica em tudo quanto venha promover a dilatação do reinado social de N. S. Jesus-Cristo. Por missão e vocação, os soldados de Cristo-Rei, terão sempre a melhor parte nas campanhas de recristianização da sociedade, nos moldes traçados pela Hierarquia Eclesiastica. Por isso, queremos que os elementos de todas as associações fundamentais e especializadas da Ação Católica, nesta diocese, sejam o braço forte da autoridade religiosa, cooperando, com o clero, por todos os meios oportunos, para extinção dos abusos e excessos da moda. Seja o nosso apelo uma ordem, um programa de combatividade a quantos integram os quadros do exercito pacifico de Cristo-Rei.

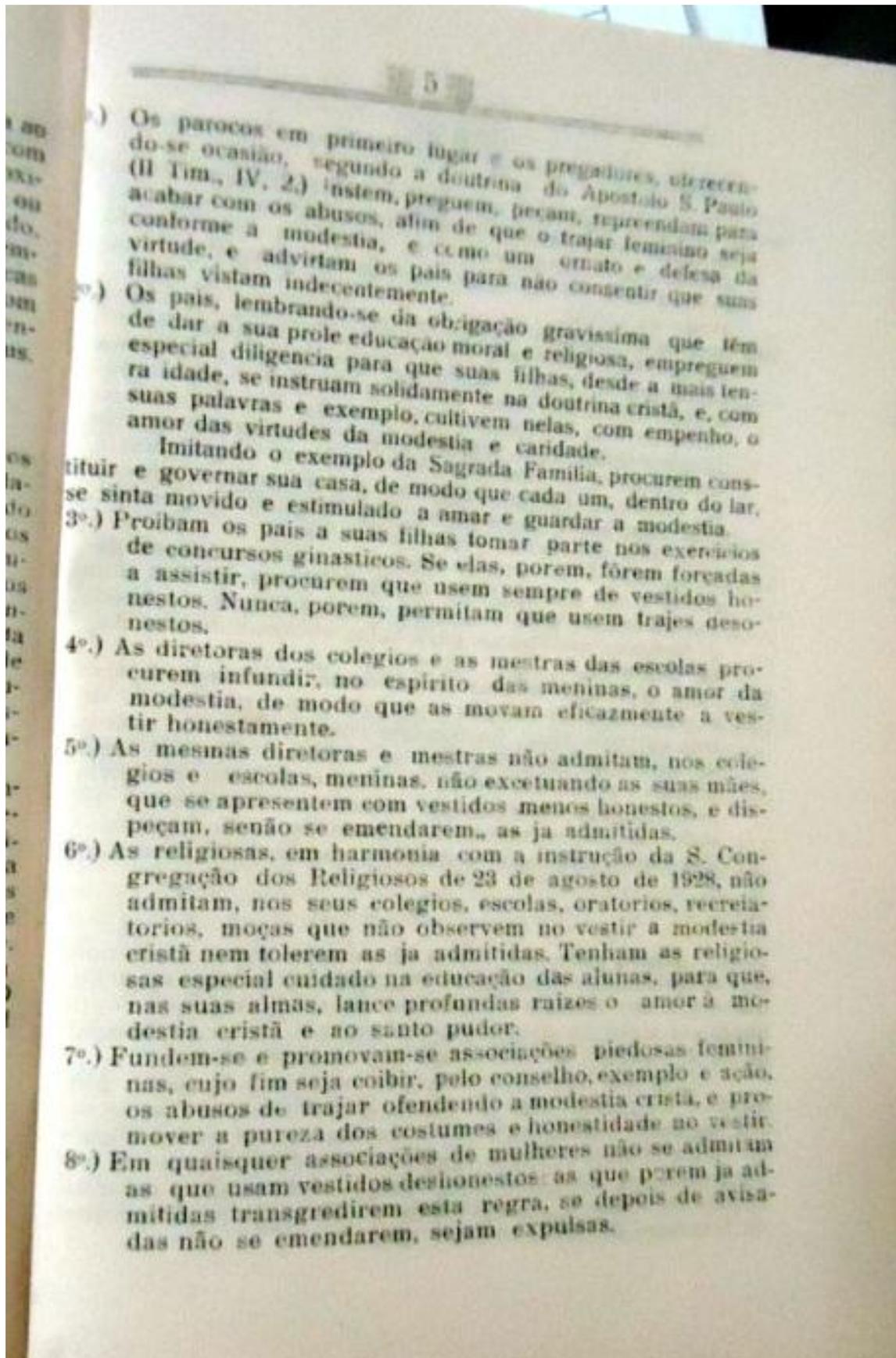
Não esqueçamos, entretanto, que a apologetica do exemplo será a maior arma de combate em campanha dessa natureza. O exemplo dos bons foi, em todos os tempos, meio decisivo para conversão dos maus. A santidade de vida, baseada na observancia exata dos preceitos da Igreja e nas determinações disciplinares dos pastores das almas, será a cathedra ideal em que todos podemos ensinar o verdadeiro amor de Deus e do próximo.

E vós, jovens e senhoras da Ação Católica, mãos á obra que é de Deus. Para longe, bem longe, o respeito humano. O Santo Padre assim o quer e manda. A obediencia incondicional á voz da Igreja é condição essencial no apostolado leigo.

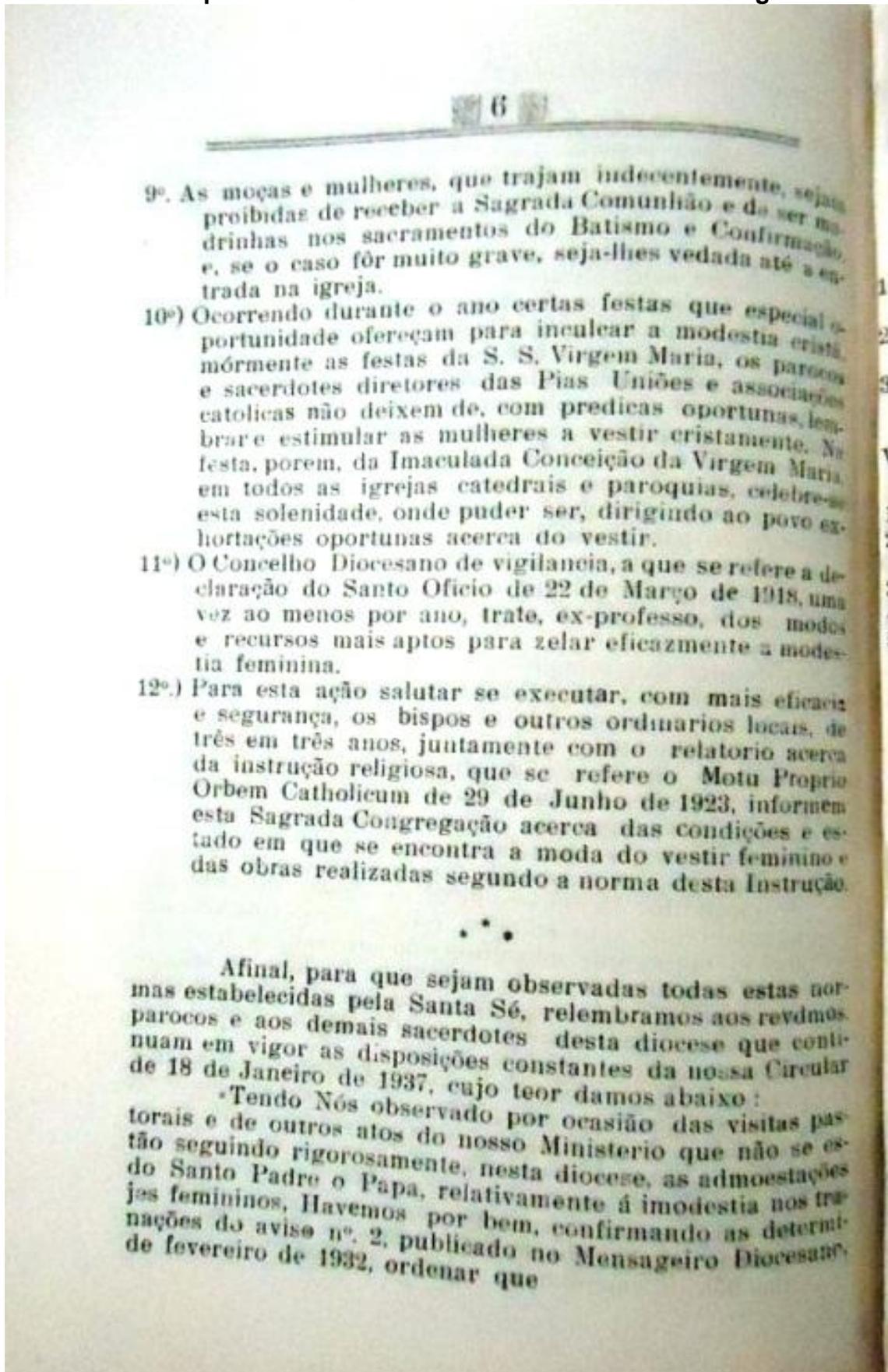
A PALAVRA DE ROMA

Em instrução aos Ordinarios Diocesanos sobre a moda deshonesta do vestir feminino, datada de 12 de janeiro de 1930, a Sagrada Congregação do Concílio, entre outras cousas, determina o seguinte:

Anexo 12: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 5



Anexo 13: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 6



Anexo 14: Carta pastoral de Dom Francisco de Assis Pires –Página 7

